



Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Mestrado em Turismo

Especialização em Gestão Estratégica de Eventos

**O TERRORISMO E A SEGURANÇA NOS
MEGA EVENTOS DESPORTIVOS:
Caso dos Jogos Olímpicos de Londres**

Isabel Inês dos Santos Soares

Março de 2014

O TERRORISMO E A SEGURANÇA NOS MEGA EVENTOS DESPORTIVOS: Caso dos Jogos Olímpicos de Londres

Dissertação apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril para a obtenção do grau de Mestre em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Eventos.

Orientador: Professor Doutor Nuno Gustavo

Co-orientador: Dr. José Pimentel Furtado

Isabel Inês dos Santos Soares

Março de 2014

Resumo

O tema da dissertação é o impacto do terrorismo na segurança dos mega eventos desportivos. A relevância do tema incide na sua contemporaneidade e importância para a indústria dos eventos.

Sendo que os Jogos Olímpicos são considerados por muitos o evento desportivo mais importante do mundo, surgiu a ideia de ter como caso de estudo os Jogos Olímpicos de Londres.

A segurança contra terrorismo em mega eventos desportivos deve ser cuidadosamente ponderada e analisada, podendo operar em diferentes vertentes que podem ser abordadas demonstrando qual o impacto da ameaça terrorista na segurança dos Jogos Olímpicos.

A metodologia da dissertação segue o esquema proposto por Quivy e Campenhoudt (2008).

O instrumento de pesquisa é a observação de dados preexistentes, com o objectivo de verificar se existiu uma evolução nas medidas de segurança dos Jogos Olímpicos, saber as alterações que a cidade de Londres sofreu e quais as medidas de segurança dos Jogos Olímpicos de Londres.

Com esta investigação, as principais conclusões que obtive permitem observar que os Jogos Olímpicos de Londres contaram com novas medidas de protecção contra ataques terroristas, percebendo-se que se assistiu a uma inovação na segurança dos mega eventos desportivos, o que contribui para saber que o terrorismo veio criar um novo paradigma ao nível da segurança de grandes eventos no século XXI.

Abstract

The dissertation topic addresses the impact of terrorism in the security in mega sporting events. The relevance of the topic focuses on its contemporaneity and importance for the events industry.

Since the Olympics are considered by many the most important sport event in the world, the idea of having the London Olympic Games as a case study emerged.

Security against terrorism in mega sporting events should be carefully considered and analyzed, and can operate in several areas that could be approached demonstrating the impact of the terrorist threat in the security of the Olympic Games.

The methodology of the dissertation follows the scheme proposed by Quivy and Campenhoudt (2008).

The survey instrument is the observation of pre-existing data, in order to verify if there was an evolution in security measures for the Olympic Games, to know the changes that the city of London has suffered and which were the security measures for the London Olympic Games.

With this research, the main conclusions obtained allow to observe that the London Olympics relied on new measures to protect them against terrorist attacks, realizing that an innovation was seen in the security of mega sporting events, which contributes to ascertain that terrorism has created a new paradigm in terms of mega events security in the 21st century.

Lista de Abreviaturas

APO: Autoridade Pública Olímpica.

CFTV: Circuito Fechado de Televisão.

COI: Comité Olímpico Internacional.

CON: Comité Olímpico Nacional.

CSSO: Comissão Superior de Segurança Olímpica

DCMS: *Department for Culture, Media & Sport* (Departamento de Cultura, *Media* e Desporto).

ETA: *Euskadi Ta Askatasuna* (Pátria Basca e Liberdade).

G4S: *Group 4 Securicor* (Grupo 4 de Segurança).

GCHQ: *Government Communications Headquarters* (Centro de Vigilância do Governo).

GOE: *Government Olympic Executive* (Secretária Executiva Olímpica).

GSG 9: *Grenzschutzgruppe 9* (Grupo 9 da Guarda de Fronteira).

HMS: *Her Majesty's Ship* (Navio de Sua Majestade).

IRA: *Irish Republican Army* (Exército Republicano Irlandês).

LOCOG: *London Organising Committee of the Olympic and Paralympic Games* (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres).

MI5: *Military Intelligence, section 5* (Serviço de Segurança).

RAF: *Royal Air Force* (Força Aérea Real).

SAIC: *Science Applications International Corporation* (Corporação Internacional de Aplicações Científicas).

SAS: *Special Air Service* (Serviço Aéreo Especial).

SWOT: *Strengths* (Forças), *Weaknesses* (Fraquezas), *Opportunities* (Oportunidades) e *Threats* (Ameaças).

TfL: *Transport for London* (Transportes de Londres).

UE: União Europeia.

VIP: *Very Important People* (Pessoas Muito Importantes).

Índice Geral

Resumo	2
Abstract.....	3
Lista de Abreviaturas.....	4
Índice Geral	6
Índice de Figuras	8
Introdução.....	9
Capítulo I – Metodologia.....	10
1.1 - Contexto e Justificação do Estudo	10
1.2 - Apresentação e Delimitação do Tema.....	11
1.3 - Da Problemática à Pergunta de Partida	11
1.3.1 - Construção da Problemática.....	11
1.3.2 - Problema de Investigação	13
1.4 - Questões ou Hipóteses a Estudar	14
1.5 - Metodologia de Pesquisa.....	16
1.5.1 – Roteiro da Investigação	16
1.5.2 – Instrumentos de Pesquisa.....	18
Capítulo II – Mega Eventos Desportivos	19
2.1 – Uma Abordagem Conceptual	19
2.2 – Planeamento e Gestão de Mega Eventos Desportivos.....	24
2.3 – Gestão Estratégica de Destinos e Mega Eventos Desportivos	29
Capítulo III – Terrorismo e Segurança	34
3.1 – Terrorismo: Perspectivas Conceptuais	34

3.2 – Terrorismo na Actualidade	39
3.3 – Terrorismo em Mega Eventos Desportivos	42
3.4 – Segurança: Reflexões Conceptuais.....	45
3.5 – Segurança em Mega Eventos Desportivos	48
3.6 – Segurança contra Atentados Terroristas	52
Capítulo IV – Caso de Estudo	57
4.1 – Os Jogos Olímpicos	57
4.2 – Os Jogos Olímpicos de Londres	62
4.3 – Dados da Investigação	77
4.4 – Análise	88
4.4.1 - Hipótese Central	88
4.4.2 - Hipótese 1.....	89
4.4.3 - Hipótese 2.....	90
4.4.4 - Hipótese 3.....	94
4.4.5 - Hipótese 4.....	117
Considerações Finais	119
Conclusões.....	119
Limitações da Investigação	124
Linhas para Futuras Investigações.....	126
Bibliografia.....	127

Índice de Figuras

Fig. 1: Construção da Problemática.....	16
Fig. 2: As Etapas do Procedimento da Investigação Científica.....	16
Fig. 3: Zonas dos Locais de Competição.....	65
Fig. 4: Recintos Olímpicos	67
Fig. 5: Locais dos Torneios de Futebol	68
Fig. 6: Parque Olímpico em 2007.....	69
Fig. 7: Parque Olímpico em 2012.....	69
Fig. 8: Expansão da <i>East London Line</i>	71
Fig. 9: Alteração da <i>Docklands Light Railway</i>	72
Fig. 10: Estrada que liga Weymouth e Portland a Dorchester (A354)	73
Fig. 11: Teleférico sobre o Rio Tamisa	73
Fig. 12: <i>Emirates Air Line</i>	74
Fig. 13: <i>UK Threat Levels</i>	78
Fig. 14: Complexo habitacional <i>Lexington</i> (panorama do Parque Olímpico).....	82

Introdução

O primeiro passo para a realização do presente trabalho foi a revisão bibliográfica de obras e capítulos fundamentais para o tema, assim como o levantamento de alguns dados importantes, fazendo um enquadramento teórico do trabalho, contribuindo para o seu carácter científico. Daqui tive a noção de que o terrorismo hoje em dia tem por objectivo chocar de tal modo que a sua mensagem seja transmitida ao maior número de pessoas possível, sendo que diversos exemplos reflectem que os grandes eventos estão no centro de estratégias terroristas.

Proporcionar um ambiente seguro é uma prioridade para todos os *stakeholders* envolvidos na realização de um evento desportivo ou especial (Hall, Cooper, Marciani & McGee, 2012). Assim, a segurança contra terrorismo em mega eventos deve ser cuidadosamente ponderada e analisada, podendo operar em diferentes vertentes.

Será necessário entender como se inclui a segurança aquando da organização dos eventos, nomeadamente, o papel dos profissionais em estabelecer regras e normas de segurança que evitem ou minimizem o risco de um atentado terrorista. Sendo a entidade organizadora do evento a principal responsável pela realização do mesmo, é necessário ter em conta o seu papel na questão de segurança.

A segurança relaciona-se com a área abrangente do local do evento, sendo que um atentado terrorista deve ser evitado a todos os níveis. A preparação do local como destino é fundamental, pois, quando o assunto é mega eventos, assistimos a uma concentração de pessoas no mesmo local, na mesma altura. A segurança do destino é importante para o sucesso do evento e a defesa nacional apresenta um papel crucial no combate ao terrorismo.

Capítulo I – Metodologia

1.1 - Contexto e Justificação do Estudo

O presente estudo foi realizado no âmbito do curso de Turismo, na vertente de Gestão Estratégica de Eventos, da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, para a obtenção do grau de Mestre. O tema da dissertação partiu do interesse e da necessidade de aprofundar conhecimentos sobre o impacto do terrorismo na segurança de mega eventos desportivos. Sendo que os Jogos Olímpicos são considerados por muitos o evento desportivo mais importante do mundo, surgiu a ideia de ter como caso de estudo os Jogos Olímpicos de Londres.

Os Jogos Olímpicos, pela sua dimensão global e natureza mediática, são actualmente apontados como um potencial alvo do terrorismo, no âmbito de mega eventos desportivos. Tendo em conta a evolução do conceito de terrorismo, os Jogos Olímpicos têm que desenvolver medidas que protejam todas as áreas abrangidas pelo evento. Trata-se do desenvolvimento de medidas de segurança ao nível estratégico, tático e operacional, que pretende responder a uma visão global da ameaça do terrorismo, tendo em conta o protagonismo que este pretende alcançar.

Nos tempos que correm, onde a procura está cada vez mais informada e a oferta é cada vez mais diversificada, projectar segurança pode ser o factor diferenciador na área do Turismo, ao nível da oferta. Sendo os mega eventos um produto determinante na competitividade do destino, oferecer segurança também é importante, na medida em que se algo não correr pelo melhor, não só as pessoas e bens envolvidos ficam em risco, mas também a imagem do destino.

1.2 - Apresentação e Delimitação do Tema

A área de investigação será a segurança em mega eventos desportivos. Estes diferenciam-se pelo seu carácter grandioso (Hall, 1992) e mediático (Roche, 2006), e pela sua capacidade de atracção de um elevado número de participantes (Brandão, Lara & Portugal, 2008). A segurança dos mesmos centra-se na minimização de riscos para o público, os artistas, o *staff*, o ambiente, os bens, as infra-estruturas e a imagem do local de acolhimento (Barreau, 2001).

A área específica será o terrorismo, ou seja, o uso de violência através de ataques a pessoas ou bens, de modo a criar medo e terror (Jenkins, 2012), que representa uma ameaça para a segurança em mega eventos desportivos, devido ao número de pessoas que estes concentram e ao seu carácter mediático global, exigindo que existam medidas de segurança contra ataques terroristas.

Com base neste trabalho, tenciono fazer o meu estudo no caso dos Jogos Olímpicos de Londres, devido ao facto de este ter sido o mais recente dos mega eventos desportivos. Sabemos que os Jogos Olímpicos são competições que reúnem atletas de toda a parte do mundo numa determinada cidade ou região, sendo que no ano 2012 se realizaram em Londres.

1.3 - Da Problemática à Pergunta de Partida

1.3.1 - Construção da Problemática

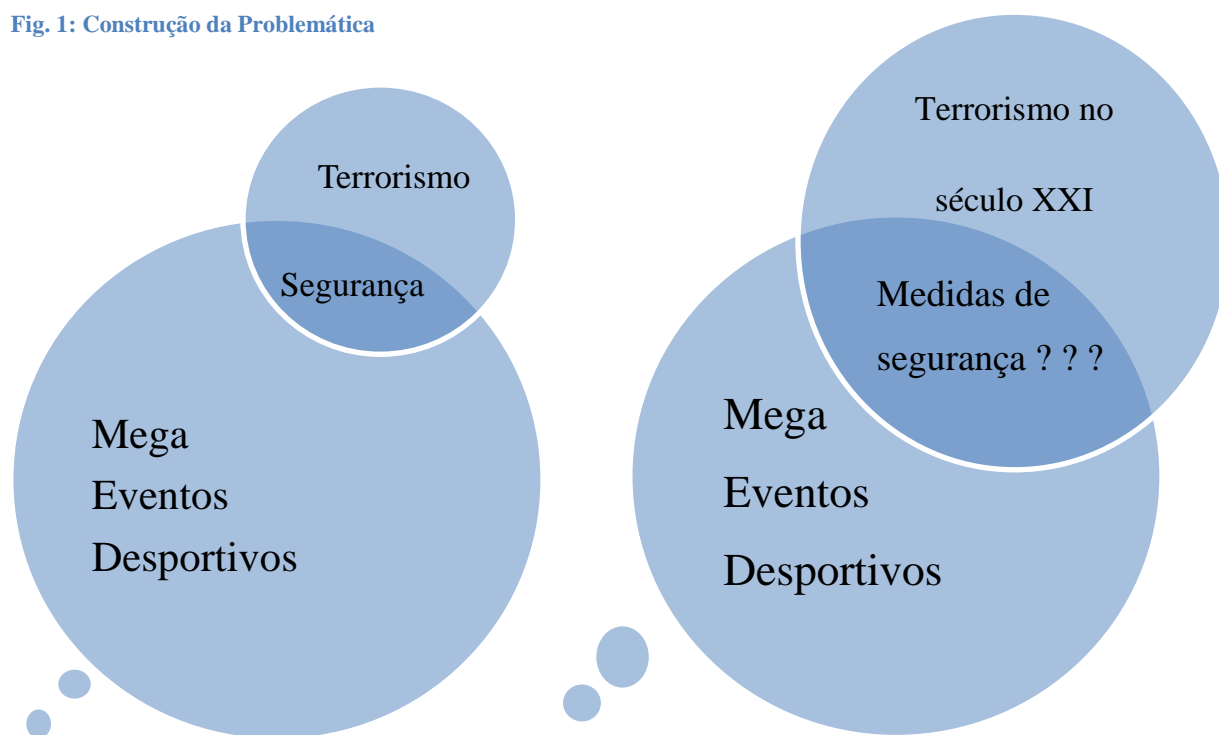
Os eventos são mais fundamentais à nossa cultura hoje do que jamais foram. O cada vez maior período de lazer mais a forma mais prudente de o despendar conduziram à propagação de divertimento, festas e eventos públicos. Como parte dos seus estratagemas

para o *marketing* de destino, desenvolvimento do país e crescimento económico, os governos de actualmente difundem e auxiliam eventos. As organizações acolhem eventos como recursos fundamentais nos seus estratagemas de promoção da imagem e de *marketing* (Allen *et al.*, 2008).

A extensão de grandes eventos, por outro lado, desperta o alerta das organizações terroristas que tenham a intenção de executar acções terroristas com o objectivo de dar visibilidade à sua causa projectando-a no âmbito internacional. Vale lembrar que “os atentados de 11 de Setembro mostraram ao mundo que nenhum país, por mais seguro que seja, está totalmente imune à ocorrência de um ato terrorista” (Pinto, 2012, p. 6).

Neste sentido, no evoluído universo de práticas de gestão de mega eventos, optou-se por centrar o presente trabalho de investigação no estudo da implementação de medidas em mega eventos desportivos, em particular, as que se limitam e as que estão associadas às novas formas de segurança contra terrorismo, sendo esta o elemento central.

Fig. 1: Construção da Problemática



Fonte: O Autor

A problemática surge a partir do objectivo geral de saber qual o impacto do terrorismo na segurança de mega eventos desportivos no século XXI, através do estudo do novo paradigma de terrorismo e da sua influência na segurança, da importância da segurança nas várias fases do planeamento de mega eventos desportivos e das estratégias tidas em conta ao nível da segurança neste tipo de eventos, de modo a investigar se existe uma evolução na exigência de medidas de segurança contra ataques a mega eventos desportivos.

De forma a operacionalizar a problemática e o âmbito da pesquisa propostos para o estudo, elegeu-se uma questão de partida como principal foco desta investigação. Neste sentido, a pergunta de partida que conduz a investigação é:

- *Qual o impacto do terrorismo na segurança dos mega eventos desportivos?*

1.3.2 - Problema de Investigação

A pergunta de partida que conduz a investigação é:

- *Qual o impacto do terrorismo na segurança dos mega eventos desportivos?*

Assim, pretende-se analisar a evolução das medidas de segurança em diferentes vertentes.

O estudo incidirá na análise da construção de mega eventos desportivos, quer ao nível do local do evento, como da área envolvente. A observação da criação de infra-estruturas e de equipamentos permitirá que se perceba a importância destas medidas no plano da segurança do local enquanto destino, tendo em conta a reestruturação da cidade-sede.

A atenção também estará focada na organização que realiza o evento, incluindo a gestão estratégica do mesmo, de modo a perceber-se a segurança como parte do processo de planeamento do evento a diversos níveis, tais como a gestão de recursos humanos e a segurança dos atletas.

Será abordada também a importância da comunidade local, enquanto acolhedora de um mega evento, e da comunicação como factor de segurança na gestão do público que participa no acontecimento.

1.4 - Questões ou Hipóteses a Estudar

Hipótese central: O terrorismo altera a segurança dos Jogos Olímpicos.

Para chegar à resposta da pergunta de partida, saber qual é o impacto do terrorismo na segurança dos mega eventos desportivos, foi formulada uma hipótese central aplicada ao caso dos Jogos Olímpicos. Para perceber qual é o impacto, importa verificar se o terrorismo altera a segurança dos Jogos Olímpicos e em que medidas. Assim, a hipótese central do presente trabalho tem por objectivo confirmar se quanto mais elevada for a percepção do terrorismo como ameaça, maior deverá ser a segurança do evento, ou seja, mais medidas ou medidas de segurança mais eficientes deverão ser desenvolvidas. A verificação da hipótese central consiste na confirmação das quatro hipóteses abaixo indicadas.

Hipótese 1: Existe uma relação entre terrorismo e Jogos Olímpicos.

Em primeiro lugar, verificar-se-à se realmente existe uma relação entre o terrorismo e os Jogos Olímpicos. Verificar esta hipótese consiste em perceber se o terrorismo pode ser uma ameaça para os Jogos Olímpicos. Só após esta confirmação se passará à hipótese seguinte.

Variáveis: terrorismo e Jogos Olímpicos.

Hipótese 2: A percepção do terrorismo como ameaça tem-se alterado ao longo dos tempos.

Se a hipótese 1 for confirmada, importa verificar se ao longo das edições dos Jogos Olímpicos existe uma variação da percepção do terrorismo como ameaça. Ou seja, irá ser analisado se a percepção do terrorismo como ameaça varia de acordo com o tempo.

Variáveis: percepção do terrorismo como ameaça e tempo.

Hipótese 3: O sistema de segurança dos Jogos Olímpicos tem-se alterado ao longo do tempo.

Com esta hipótese, pretende-se verificar se o sistema de segurança varia de acordo com o tempo. Ou seja, se as edições dos Jogos Olímpicos não apresentam o mesmo nível de segurança. A análise desta hipótese consistirá em perceber as diferenças na tomada de medidas de segurança, de edição para edição.

Variáveis: sistema de segurança e tempo.

Hipótese 4: Existe um paralelismo entre o nível de percepção do terrorismo como ameaça e o nível de segurança dos Jogos Olímpicos.

Esta será a última hipótese a ser verificada, se as anteriores forem confirmadas. A análise da hipótese 4 levará à confirmação da hipótese central, que constituirá a base para a resposta à pergunta de partida. O objectivo desta hipótese é saber se o nível de segurança dos Jogos Olímpicos varia de acordo com o nível de percepção do terrorismo como ameaça. Por outras palavras, se quanto maior a percepção, maior a segurança e quanto menor a percepção, menor a segurança.

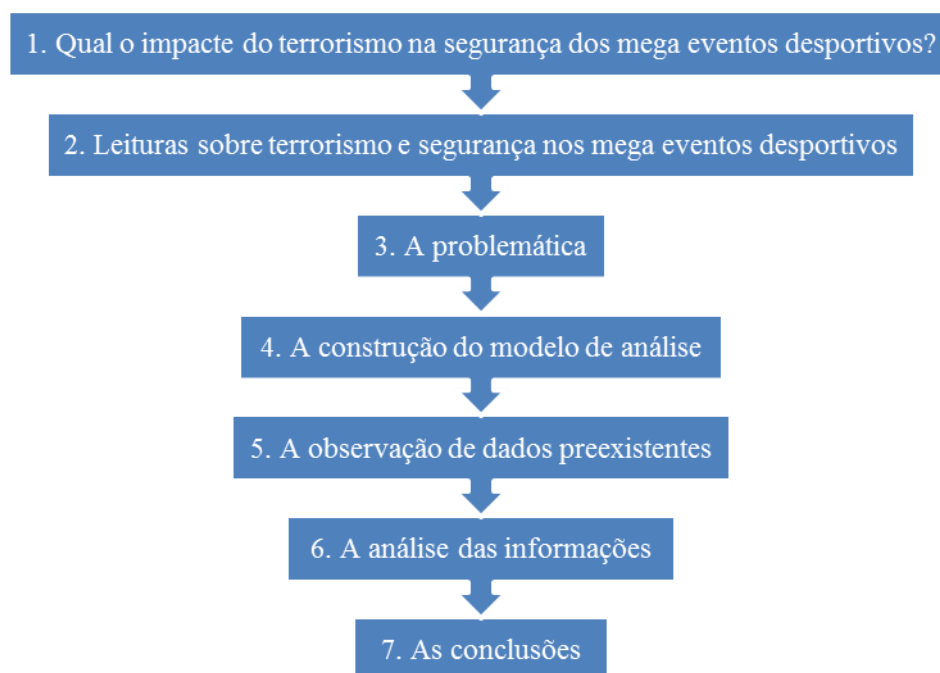
Variáveis: nível de percepção do terrorismo como ameaça e nível de segurança dos Jogos Olímpicos.

1.5 - Metodologia de Pesquisa

1.5.1 – Roteiro da Investigação

A dissertação seguirá o esquema, baseado no proposto por Quivy e Campenhoudt (2008), apresentado na Figura 2:

Fig. 2: As Etapas do Procedimento da Investigação Científica



Fonte: O Autor

Na primeira etapa, a pergunta que tem por objectivo conduzir o trabalho é: - *Qual o impacto do terrorismo na segurança dos mega eventos desportivos?* - Este será o ponto de partida, que pode vir a sofrer alterações ao longo da realização do estudo, até ganhar a forma mais coerente e estruturada, de acordo com o progresso do trabalho.

Na segunda, a leitura levará ao aprofundamento das noções prévias. Serão feitas leituras exploratórias sobre terrorismo e segurança de mega eventos desportivos, que se complementarão com conversas informais e entrevistas exploratórias a especialistas nas áreas referidas, de modo a criar uma visão mais clara da temática e analisar a viabilidade do programa a seguir.

Na terceira etapa, será necessário criar uma certa distância das informações obtidas, reunir ideias que permitam traçar as linhas de orientação da investigação e definir a problemática relacionada com a pergunta de partida, que é dada pela importância da segurança nas várias fases do planeamento de mega eventos desportivos e pelas estratégias tidas em conta ao nível da segurança neste tipo de eventos. Nesta etapa, começa-se a definir o plano para a construção de um modelo de análise que permita fundamentar e orientar a investigação.

Na quarta etapa, tendo em conta a problemática e o trabalho específico a ser feito, constrói-se o modelo de análise, onde se estabelecem relações entre os conceitos (terrorismo, Jogos Olímpicos e segurança) e são relacionadas as várias hipóteses. Aqui se determinarão os indicadores a utilizar para verificar as hipóteses pensadas.

Na quinta etapa, prepara-se o instrumento de observação, que será a observação de dados preexistentes.

A sexta etapa consiste na análise e tratamento da informação. Apresentam-se os resultados que serão comparados com as relações estabelecidas pela componente teórica. Aqui, dar-se-á resposta à pergunta de partida. A constatação de factos inesperados deve levar à revisão das hipóteses, aperfeiçoando-se o modelo de análise e contribuindo para novas reflexões.

Na sétima etapa, deverá fazer-se uma reflexão das principais linhas de orientação, tendo em conta a pergunta de partida na sua forma final. A partir daqui, procede-se à comparação entre os resultados esperados e as observações, de modo a retirar as conclusões, que podem ou não confirmar as interpretações teóricas.

1.5.2 – Instrumentos de Pesquisa

A presente investigação tem como finalidade verificar as hipóteses mencionadas, tendo por referência a resposta à pergunta de partida.

Nesse sentido, o instrumento de pesquisa será a observação de dados preexistentes, ou seja, informação secundária, com os objectivos de verificar se existiu uma evolução nas medidas de segurança dos Jogos Olímpicos relacionada com a percepção do terrorismo como ameaça, através da análise documental de estudos e relatórios oficiais dos Jogos Olímpicos e da análise de conteúdo de jornais e revistas, para obter informações fundamentais ao enquadramento teórico e para recolher dados que permitam verificar as hipóteses.

Capítulo II – Mega Eventos Desportivos

2.1 – Uma Abordagem Conceptual

O proveito dos cidadãos pela participação em eventos e a relevância dos mesmos nas actuais comunidades são claros, correntemente. Seja através de comunicações publicitárias, das vias de informação ou em conversas até, no vocabulário do quotidiano está constantemente presente o termo “evento”. O seu geral e claro significado, no entanto, não é universal. O significado de “evento” jamais adquire uma unanimidade universal dentro da ordem académica, inclusivamente. Os significados expostos por diversos autores são diferentes.

Hall (1992) argumentou que o estudo de mega eventos está carregado com problemas de definição, metodológicos e teóricos, que reflectem as muitas direcções de pesquisa que existem dentro do estudo do Turismo.

Os mega eventos são identificados por terem lugares, horas de acontecimento e características funcionais sabidas. Estas acções acontecem em lugares como centros de convenção, estádios, arenas, anfiteatros, autódromos, etc., podendo ser desportivas, convenções, festivais e *shows*. Manifestos populares em sítios públicos podem, igualmente, ser considerados (Barbosa & Zouain, 2003).

De acordo com Hall (1992), os mega eventos, por outro lado referidos como eventos marcantes ou especiais, são grandes feiras, festivais, exposições, eventos culturais e desportivos, que são realizados regular ou pontualmente. Hall (1992) ainda escreveu que estes eventos se tornaram uma ferramenta-chave nas estratégias de *marketing* turístico, a níveis regionais, nacionais e internacionais, através da sua função primária de fornecer oportunidades de turismo. Estes eventos são também extremamente significantes, pois podem deixar legados que terão impacte sobre a comunidade de acolhimento muito para além do período imediato em que o evento realmente teve lugar (Hall, 1992).

Em relação aos eventos especialmente do tipo desportivo, Brandão, Lara e Portugal (2008) referiram que são eventos que envolvem, seja em conjunto (como nos jogos Pan-americanos e nas Olimpíadas) ou isoladamente (como nos jogos de futebol), grandes multidões. Então, tendem a originar impactes potenciais no desempenho dos transportes e do tráfego, e um considerável número de viagens, influenciando a mobilidade e acessibilidade, não só daqueles que participam no evento desportivo, como de toda a população local.

De acordo com Hall (1992), os eventos desportivos são o modelo mais notável de mega eventos.

Brighenti, Clivaz, Délétroz e Favre (2005) fizeram referência a uma segmentação dos eventos desportivos em conformidade com determinados critérios, tal como se demonstra abaixo:

- **Dimensão** - Explicada em concordância com o número de intervenientes, espectadores e telespectadores, ou o orçamento;
- **Características Espaciais** - Se exterior ou interior, lugar de concretização do evento, em sítio privado ou público, se se realizará simultaneamente em diversas localizações ou num sítio de cada vez;
- **Características Temporais** - Calendário do evento, frequência ou duração do mesmo;
- **Características Desportivas** - Que modalidades estarão envolvidas no evento;
- **Fama (Renome)** - O grau de ressonância do evento (local, regional, nacional, internacional) e a intensidade da cobertura mediática também se pode ter como indicador.

Quaisquer eventos desportivos possuem, conforme Ohmann, Jones, e Wilkes (2006), independentemente do seu tamanho, a capacidade de promover impactes na comunidade onde os mesmos sucedem. O progresso do mercado dos eventos desportivos possui

consequências claras na procura e na oferta deste recente modelo de negócio, tais como: aumento da procura massificada do público do desporto, de tal forma que, devido à enorme aceitação e fama, hoje em dia, o número de admissões de participantes num evento deste carácter é limitado; em conformidade, o aumento da oferta de tais “produtos”, visivelmente manifestado pelo número de eventos que conseguimos testemunhar. Hoje em dia, milhares de eventos desportivos são praticados em todo o mundo, direccionados tanto para a elite social e desportiva, como para os estratos mais desfavorecidos da sociedade (Brighenti *et al.*, 2005).

Em conformidade com Horne (2007), subsistem três condições na sociedade contemporânea determinantes para o aumento da aceitação de mega eventos desportivos. Estas condições têm uma estreita inter-relação, bem como uma dinâmica fortemente ligada às tendências actuais do mercado. São elas:

- 1) O progresso de novas tecnologias de comunicação de massas, sobretudo a transmissão televisiva através do satélite, que tem proporcionado públicos sem precedentes nas transmissões de mega eventos como os Jogos Olímpicos e a Taça do Mundo de futebol (os eventos desportivos maiores e mais dispendiosos do mundo na actualidade);
- 2) O interesse das grandes corporações em patrocinar tais eventos, reforçando a corrente de mercado do *sponsoring* em grande escala, devido precisamente ao aumento exponencial das transmissões de mega eventos desportivos. De acordo com o Comité Olímpico Internacional, as receitas de patrocínio internacional para os Jogos Olímpicos de Inverno e Verão de 1980 foram nulas. O afluxo sério de dinheiro de patrocínio corporativo nas Olimpíadas começou com Los Angeles, em 1984, e forneceu outra importante fonte de rendimento para cidades-sede desde então. Juntos, esses dois “fluxos de receitas”, e deve se lembrar que o recurso estratégico das Olimpíadas para patrocinadores corporativos está directamente relacionado com o tamanho das audiências de televisão, transformaram o cálculo económico associado a sediar os Jogos. Agora, tanto os Jogos Olímpicos como a Taça do Mundo de futebol tornaram-se grandes oportunidades promocionais;

- 3) A visão dos mega eventos como oportunidade para promoção, divulgação e venda de produtos de grandes empresas e, além disso, como uma preciosa oportunidade de promoção das cidades que participam dos mesmos, no sentido de atrair mais turistas e investimentos estrangeiros, podendo naturalmente afirmar-se como fortes destinos turísticos.

Barreau (2001) distribuiu o significado de evento desportivo por três classificações: a) o evento desportivo é um espectáculo; b) o evento desportivo é um produto; c) o evento desportivo é uma empresa.

Blanc, citado por Almeida (2001), indicou que os eventos desportivos são quaisquer organizações humanas que se propõem a oferecer serviços desportivos num formato ideal. O mesmo não rejeita as acções negociais que são um recurso para efectivar o serviço desportivo, directa ou indirectamente.

Conseguimos explicar um grande acontecimento ou evento desportivo como uma acção desportiva que concebe benefícios económicos por si própria e que, conduzida por uma forte presença dos meios de comunicação, conta com um impacte social de grau elevado (Sanz, 2003).

O evento necessitará ser desenvolvido, analisado e visto tendo em consideração cada género de benefícios que este conseguirá promover no que diz respeito à comunidade. Os eventos desportivos conseguirão, conforme este ponto de vista, servir como incentivos a diversos níveis, designadamente, no que respeita ao desenvolvimento do desporto, à dinamização da economia, à rentabilização das construções locais, às receitas fiscais, à valorização política e à promoção turística (Correia, 2001).

Por tudo isto, o evento desportivo necessita, então, ser visto como um acontecimento social. O espectáculo que ocasiona é não só uma base de distinção, como ainda um portador de representações sociais e de valores (Ferrand, 2001).

Os resultados previstos destes eventos, que requerem, por norma, a mobilização de recursos financeiros consideráveis, são: 1) amplificação do reconhecimento e da cobertura publicitária através dos meios de comunicação mundial ou internacional; 2) desenvolvimento e melhoramento dos serviços do turismo e das infra-estruturas turísticas; 3) incremento das acções promocionais da indústria do turismo, a fim de capitalizar a envolvente benéfica que o meio produz; e, por fim, 4) o incremento, durante e depois do evento, dos fluxos turísticos (Campos, 2003).

Empresas do segmento desportivo, estudiosos, órgãos governamentais e população em geral têm descoberto, nas últimas décadas, um interesse enorme em participar ou atrair eventos desportivos. Isto deve-se à evidência de estes eventos possuírem uma grande capacidade, tanto de conceder visibilidade à localidade onde se concretiza o evento, como de atrair recursos para o local que o sedia (Brighenti *et al.*, 2005).

Atingindo contornos de máximo interesse e aceitação no âmbito das negociações, são perceptíveis os reflexos dos eventos desportivos na indústria do turismo, sobretudo através do movimento de inúmeros grupos de adeptos, sendo reconhecido que é fundamentalmente a este nível que os impactes económicos se instituem. Daí o grande interesse de regiões específicas em se proporem a admitir as responsabilidades resultantes de acolher os eventos enunciados e também em aceitarem assumir certos investimentos para os conquistar (Peters & Pikkemaat, 2006).

Um evento desportivo é, neste sentido, um evento politicamente atractivo em muitas circunstâncias, pela sua índole mediática (Carvalhido, 2002).

A definição definitiva do impacte de um evento desportivo é uma tarefa de grande dificuldade e complexidade, pois bastantes autores observam que subsiste uma clara diversidade entre o conjunto de indicadores que são tangíveis, ou seja, susceptíveis de serem avaliados e calculáveis (transportes, segurança, êxito desportivo, instalações, emprego produzido, etc.), e os intangíveis, dos quais o seu reconhecimento é possível, porém a sua valorização não é tão simples (orgulho nacional, direitos humanos, educação, *marketing* político, opinião pública, etc.) (Preuss, 2008).

Preuss (2008), além do mais, observou que o estudo das duas espécies de indicadores mencionados anteriormente tem que ser observado nas vertentes de curto e longo prazo, requerendo, por este facto, um cuidado acrescido sobre a ocasião em que se vão efectuar os estudos, porque se os impactes de curto e médio prazo depressa conseguem ser claros, já em relação aos de longo prazo somente subsistem umas expectativas de se poderem vir a concretizar, tornando-se necessário atender à ocasião certa ou, pelo menos, desenvolver estudos prospectivos mais uma vez, com um cuidado enorme.

Em suma, os mega eventos desportivos diferenciam-se pelo seu carácter desportivo, grandioso e mediático (devido à forte presença, reconhecimento e cobertura publicitária dos meios de comunicação, que permitem a transmissão televisiva destes eventos a nível mundial), e pela sua capacidade de atracção internacional de participantes.

2.2 – Planeamento e Gestão de Mega Eventos Desportivos

De forma a seguirem as inúmeras modificações sociais, económicas e políticas, que varrem o universo do desporto, as organizações em que trabalhamos e vivemos presentemente têm de apresentar capacidades para aprender (Pires, 2001).

Através de táticas e estratagemas que possibilitem alcançar os objetivos definidos antecipadamente, para que um evento seja bem-sucedido, é essencial que o próprio seja alvo de um método de organização estudado, que vise determinar um exigente e pensado percurso que no futuro a organização pretenda percorrer.

Pedro, Caetano, Christiani e Rasquilha (2005) aludiram que os eventos de sucesso não devem desprezar procedimentos fundamentais, tais como:

- **O planeamento de eventos**, de modo a circunscrever o trajecto a percorrer pela organização no futuro, desenvolvendo táticas e estratégias para alcançar os objectivos determinados;

- **O planeamento de *marketing***, correspondente ao plano de divulgação para o mercado-alvo e satisfação do mesmo, neste caso, através do *marketing-mix* (combinação entre produto, preço, comunicação e distribuição);
- **O patrocínio de eventos**: conjunto de estratégias para obter patrocínios e benefícios para os patrocinadores;
- **A avaliação de eventos**, que, através de critérios de avaliação de eventos, assenta nos procedimentos de observação, medição e acompanhamento crítico da implementação dos mesmos.

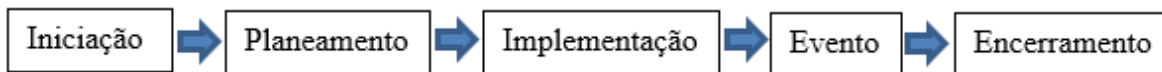
O organizador do evento desportivo é o realizador de um espectáculo onde carrega a responsabilidade, contudo não é a celebridade. Os recursos que os eventos desportivos, quaisquer que eles sejam, requerem conseguem ser extremamente relevantes. O sucesso do evento depende do melhor uso destes recursos. A harmonia total do plano do espectáculo, assim quanto do plano económico, pode fracassar se estes recursos acabarem por escassear, forem usados inapropriadamente ou se forem insuficientes (Barreau, 2001).

Os organizadores sabem que um pequeno passo em falso consegue causar desastrosas perdas de reputação e, também, de receita. Vários anos de evolução e planificação conseguem terminar em instantes de fama ou em décadas de desconsolação (Mangalorkal & Benett, 2002).

Organizar minuciosamente e cuidadosamente cada passo a ser dado para a concretização de um grande evento desportivo é indispensável e fundamental para que nada possa fracassar na sua última etapa de execução, ficando prevenidas também soluções de recurso na condição de ocorrer um lapso. A preparação antecipada é substancial para o êxito de um evento desportivo que, naturalmente, depende das decisões e medidas que foram tomadas previamente (Almeida, 2001).

O organizador do evento tem de criar um plano estratégico assim que decide organizar um evento, de modo a orientar-se eficazmente ao longo das decisões que terá de tomar.

Segundo Allen, O'Toole, Harris, e McDonnell (2008), o projecto vai passar pelas seguintes fases:



Fonte: O Autor

De acordo com Bowdin, Allen, O'Toole, Harris e McDonnell (2006), o plano inclui diversas etapas que diferem conforme o evento, mas geralmente contem:

- **O desenvolvimento da proposta:** a visão e a missão, que definem os objectivos a cumprir e servem como instrumento fundamental à união entre os elementos da equipa da organização;
- **Uma análise de situação,** utilizada para obter a noção do ambiente interno e externo ao evento, nomeadamente uma análise SWOT que inclui forças, fraquezas, oportunidades e ameaças para o mesmo;
- **A identificação das opções de estratégia,** ou seja, a obtenção de informações que podem ser usadas pelo organizador, de modo a poder optar por estratégias que vão ao encontro da proposta, missão e visão do evento, devendo utilizar as forças, minimizar as fraquezas, evitar as ameaças e aproveitar as oportunidades identificadas;
- **Os planos operacionais,** sendo necessário um para cada uma das áreas centrais para atingir os objectivos, geralmente, áreas como o orçamento, o *marketing*, a administração, a avaliação, a gestão do risco, os patrocínios, o transporte, o *staff*, etc.;
- **Os mecanismos** que asseguram que as acções sejam tomadas de acordo com o referido nos planos, podendo os relatórios e as reuniões ajudarem a controlar o processo;
- **Uma avaliação,** que permitirá ao organizador saber se os objectivos previamente definidos foram atingidos, assim como perceber o *feedback* dos *stakeholders*, tendo em consideração sugestões que permitam melhorar uma edição futura.

Apoiado nas investigações de Parente *et al.* (1999) e de Ferrand (1995), Almeida (2001) referiu que podem ser observadas etapas de gestão, na organização de um evento desportivo, constituídas sob duas categorias: a oficial e a funcional, e que estas estão cronologicamente ordenadas desde o pensamento inicial até ao final do evento desportivo.

No entanto, Sanz (2003) aludiu que, desde que se pensa na execução de um evento até à sua concretização, pode haver até seis etapas, além de observar uma posterior à celebração do evento. Desta forma, este autor consignou sete etapas, que são a preliminar, a apresentação da candidatura, a formação e concepção do comité organizador, a planificação, a execução do programa, a realização do evento e, por fim, o encerramento.

Para alcançar o sucesso, conforme Ayora e Garcia (2004), examinar as capacidades operacional, prática, humana e económica é essencial na etapa preliminar. Saber se há aptidão para executar o evento, se se dispõe de conhecimentos sobre o assunto, se há tempo suficiente, se se dispõe de uma formação humana de cooperantes e se é viável no panorama económico é, por isso, um dever.

Na fase de apresentação da candidatura, os manuais de candidatura começam por expor as diversas fases do procedimento de candidatura e incluem esclarecimentos, conselhos, normas e deveres, que necessitam ser obedecidos pela entidade que deseja apresentar-se (Monteiro, 2001).

A análise aprofundada do Manual de Candidatura será, desta forma, o passo primordial a dar. Deve-se, então, proceder ao registo formal da candidatura se se apurar que o seu conteúdo é executável, tornando-se a região ou a cidade uma candidata oficial a partir do instante em que entrega no organismo (nacional ou internacional) um documento com a proposta indicada pelas entidades desportivas e oficiais referentes. A fase subsequente será a de responder ao questionário ou exigências assinaladas no manual (Monteiro, 2001).

Junto com a estratégia para a candidatura, a proposta é condição-chave. O juízo final é, no entanto, fundamentado numa combinação de condições políticas, económicas e práticas (Mangalorkal & Bennett, 2002).

Enquanto se mantém constantemente no topo da opinião pública, um comité de candidatura bem-sucedido necessitará possuir um apoio internacional e local estável, que passa por administrar a região. O comité de candidatura transforma-se em comité organizador assim que a cidade é eleita, e precisa de actuar rapidamente para conceber uma estrutura organizacional flexível, apta para se servir da sua competência e importância, de forma eficiente, ao longo de todo o evento (Mangalorkal & Bennett, 2002).

É nas etapas de planificação e execução que se constrói o plano de recrutamento dos recursos humanos necessários, quer sejam profissionais ou voluntários, e que se começa o recrutamento e a formação dos voluntários para as tarefas que irão cumprir (Almeida, 2001).

De acordo com Mangalorkal e Benett (2002), os preparativos preliminares, os de encerramento e quaisquer outros que sucedem durante o evento necessitam, num plano de trabalho para um mega evento, possuir igual relevância e igual peso. Os organizadores que seguem uma abordagem universal, apresentando componentes singulares em aspectos específicos e melhores procedimentos, e organizando de forma produtiva o total do evento, possuem uma possibilidade maior de observar todos os constituintes a dar bom resultado. Investigações feitas pela A. T. Kearney indicaram que organizadores de eventos bem-sucedidos tomaram alguns dos melhores procedimentos e cumpriram-nos durante o ciclo de vida completo do evento. Fizeram, por exemplo, uma abordagem pormenorizada e estratégica da gestão do evento desde o primeiro dia. Iniciam com uma forte estrutura organizacional; gerem fornecedores e patrocinadores, fortalecendo vínculos de cooperação entre as partes; a comunicação opera frequentemente e de forma eficaz; os potenciais riscos são estudados para reduzir o impacte referente aos mesmos; são criados planos para as eventualidades mais diversas; e é desenvolvida uma abordagem que possibilite orientar potenciais crises durante o evento (Mangalorkal & Benett, 2002).

Todas as estruturas organizacionais geralmente têm por base os comités olímpicos internacional e nacional, câmaras municipais, representantes do governo, entre outros (Almeida, 2001).

O objectivo inicial dos gestores de eventos desportivos é fazer com que estes deixem traços perduráveis no colectivo histórico do país que acolhe o evento e da população mundial (Carvalhido, 2002).

2.3 – Gestão Estratégica de Destinos e Mega Eventos Desportivos

Matias (2008) mencionou que a realização de mega eventos se relaciona de forma directa com o destino no que toca à construção de equipamentos e facilidades para o evento, uma vez que desenvolverá questões relacionadas com o ambiente, a cultura, a economia, a política e a sociedade, mas também poderá proporcionar o aparecimento de conflitos no decorrer do processo de planeamento e gestão do evento. Os mega eventos, se forem bem-sucedidos, irão projectar uma boa ou nova imagem da região ou país acolhedor, através dos *media* nacionais e internacionais, nomeadamente, através da cobertura televisiva. Frequentemente, os mega eventos também têm impactes, a longo prazo, relacionados com o turismo e a entrada de investimentos. Por exemplo, nos dez anos posteriores aos Jogos Olímpicos de Barcelona, o número de visitantes da cidade foi duplicado e outras regiões de Espanha saíram igualmente beneficiadas.

Os eventos podem ser percebidos como catalisadores para atrair turistas e aumentar os gastos e o tempo da estadia dos mesmos. São notados como formadores de imagem, ao conceber um perfil aos destinos, posicioná-los no mercado e oferecer-lhes uma vantagem competitiva, ao nível do *marketing* (Allen *et al.*, 2008).

O desporto surge nas comunidades actuais com um grande enlevo. Cada vez mais, seguindo esta disposição, o turismo apreende-se com a procura na parte do turismo desportivo. O turismo desportivo consegue ser percebido como quaisquer actividades próprias de expedições com vista aos acompanhamentos, exercícios e participações feitos em eventos desportivos (Andrade, 1995).

Organizar ou sediar eventos tem se tornado uma forma de os países promoverem a sua imagem, de se apresentarem ao mundo e de gerarem lucros para a cidade ou região anfitriã. Nos próximos anos haverá explosões de festivais (música, cinema, arte, entre outros) e eventos desportivos, de comemorações históricas e de feiras. A captação e promoção de eventos no mundo vêm sendo consideradas o sector que mais retorno económico e social oferece ao país e à cidade que sedia um evento (Ansarah, 2000, p. 75).

Os mega eventos desportivos são instrumentos que criam oportunidades quer para o sector privado, como para o público, pois têm impactes directos no desenvolvimento económico, político e social da nação. Ao acolher um evento desta dimensão, a nação começará rapidamente a experienciar um vasto leque de temas e actividades que não seria presenciado num cenário normal. De facto, os mega eventos possuem a capacidade de juntar pessoas com um objectivo em comum e de levar à execução de planos e projectos que demorariam décadas a ser criados e finalizados (Deloitte Touch Tohmatsu, 2010).

Como destacou Muñoz (2007), Venturi introduziu em 1994 o conceito de “festivalização”, para se referir ao desenvolvimento de políticas urbanas concebidas a partir da necessidade de um grande evento como a máquina principal para a transformação da cidade e a solução dos seus problemas.

É exequível declarar, a partir das reflexões de Venturi, que, na promoção de políticas urbanas, as cidades estão ciclicamente a beneficiar dos mega eventos. Muñoz (2007), não obstante, salientou que os grandes eventos concretizados no século XIX, e em boa parte do século XX, não detinham a abordagem da formação de uma imagem urbana que se encontra no centro das inquietações de agentes modeladores do espaço urbano nas últimas décadas. Por um lado, em certo grau, a formação de uma imagem esteve presente permanentemente nos grandes eventos urbanos; por outro, para os empreendedores

urbanos, ultimamente, a elaboração desta imagem necessita preceder à configuração apropriada do formato urbano em que a mesma ficará apoiada.

Barbosa (2002) confirmou a habilidade de se produzir cenários de embelezamento contrariamente às exposições de desorganização urbana. Nesta linha de actuação, abraçada por inúmeros gestores urbanos, registam-se esmerados centros comerciais, obras ornamentais em bairros, inúmeros edifícios e a própria execução de mega eventos desportivos e culturais.

As reflexões de Arantes (2000) indicam determinadas conexões entre os grandes projectos urbanos, a formação espacial das cidades e os mega eventos desportivos.

Como Capel (2007) ilustrou, os mega eventos, sobretudo os desportivos, conseguem servir como um marco de alteração urbana, à medida que se formam como grandes projectos urbanos. O autor destacou os resultados multiplicadores desenvolvidos por grandes projectos urbanos formados por grandes eventos, resultados com impactes distintos sobre o ordenamento territorial urbano determinado pelos actores hegemónicos.

Vargas e Castilho (2006) referiram que os conceitos de degradação e deterioração urbana “estão frequentemente associados à perda de sua função, ao dano ou à ruína das estruturas físicas, ou ao rebaixamento do nível do valor das transações económicas de um determinado lugar” (p. 3). É neste sentido que, nos mega eventos desportivos, as deliberações locais dos actores hegemónicos conseguem ser direccionadas para a formação de novas imagens urbanas.

Os equipamentos desportivos, uma vez montados, necessitam ter planeadas as suas futuras utilizações para os residentes da cidade. A figura do produto espacial somente espectacular, executado para receber um evento que é considerado como formação de uma imagem urbana atractiva para consumidores, descobre-se quando surge o abandono das instalações. A montagem de arenas e estádios desportivos opulentos passa a noção de territórios modernos cujos investimentos conseguem proporcionar retorno económico, atendendo que muitos financiadores tiveram o mesmo sinal: o de que tal território conta com a

disponibilidade dos actores para fornecer as condições para a acumulação. O sinal fundamental é de que estes territórios possuem os meios disponíveis para as parcerias público-privadas que possibilitarão os acertos espaciais essenciais para o emprego de capitais disponibilizados pelos ciclos de sobre-acumulação (Harvey, 2004).

Os equipamentos desportivos, lugar primordial dos mega eventos desportivos, conformam-se, desta forma, com o evento que activa um conjunto de eventos que vão moldar a matriz do espaço e do tempo que abre uma história nova (Santos, 1996).

No entanto, não só as entidades públicas e privadas devem ser tidas em conta. Williams e Lawson (1991) referiram que os planeadores e as empresas têm que ter em consideração as opiniões da comunidade acolhedora para o sucesso e sustentabilidade dos seus investimentos, e, tendo esta questão em conta, analisando as possíveis situações descritas por Hernandez, Cohen e Garcia (1996), podemos encontrar uma contradição, pois, enquanto o apoio da comunidade é benéfico para o sucesso do projecto, o oposto pode ser um problema. Assim, Gursoy e Kendall (2006) sugeriram que os debates públicos sobre os benefícios e custos, e o envolvimento comunitário em geral, são susceptíveis de conduzir a um amplo consenso público sobre como reduzir os impactes negativos e aumentar os benefícios. Ora, isto poderá ser um modo de “lutar” contra a oposição e promover o apoio da comunidade local. Facilmente chegamos à conclusão de que existe uma relação directa positiva entre a percepção dos benefícios e o apoio para acolher os mega eventos.

Se bem-sucedido, o evento poderá trazer inúmeros benefícios para a comunidade local. Por exemplo, Julie Hotchkiss, Robert Moore e Stephanie Zobay estimaram que os Jogos Olímpicos de Verão em 1996 resultaram num aumento de emprego de 293 000 trabalhos nas áreas que acolheram eventos (Matheson, 2006).

Matheson (2006) referiu que 1 em cada 30 turistas que visitam anualmente a cidade de Nova Iorque visitam a cidade exclusivamente para assistir ao *US Open* e que, a nível económico, a Liga Nacional de Futebol Americano normalmente gera um impacte económico de cerca de 300 a 400 milhões de dólares (aproximadamente de 226 a 302 milhões de euros).

Andranovich, Burbank e Heying (2001) efectuaram um debate sobre os mega eventos desportivos enquanto estratégia de crescimento local em cidades americanas. Tal estratégia, invocada pelos autores de estratégia de mega eventos (*mega-event strategy*), encontra-se aliada à concorrência entre cidades, por capital e trabalho, numa circunstância de falta de transferência de recursos da administração central para administrações locais. O uso de eventos para a atracção de investimentos não é exactamente uma inovação, no entanto esse meio passou a ser mais usado a partir de modificações na política urbana e do acirramento da concorrência global. Constatase que desde a década de 1980 obteve-se um corte dos investimentos do governo central americano nas cidades, o que conduziu políticos de certas administrações locais a tomar um posicionamento activo na gestão do seu território. Este recente panorama originou um novo ordenamento urbano, voltado para as procuras de indústrias de alta tecnologia, produtores de serviços e corporações cada vez mais sofisticados (Andranovich, Burbank & Heying, 2001).

Andranovich, Burbank e Heying (2001) procuraram reconhecer as particularidades mais consideráveis que revelam a ligação entre as estratégias de grandes eventos nas políticas urbanas e as políticas de crescimento económico fundamentadas no consumo. As estratégias de mega eventos do presente encontram-se fortemente aliadas a um crescimento urbano fundamentado no consumo, sendo este direccionado mais directamente para diversas formas de entretenimento, desporto, turismo e lazer. Neste caso, a cidade é moldada para atender à procura por equipamentos e serviços que consigam servir como resposta dos dinamismos que aliciam os diferentes segmentos de consumidores urbanos.

Além de um conjunto de actividades que os turistas possam concretizar durante a sua estadia no destino, Buhalis (2000) concluiu que o destino turístico precisa oferecer pacotes pré-formatados por operadores e agências. A divulgação desses pacotes e a possibilidade de os turistas efectuarem aquisições pela internet, ainda antes de chegarem à região-sede do evento, podem incitar os turistas, no pós ou no pré-evento, a percorrer a região.

Capítulo III – Terrorismo e Segurança

3.1 – Terrorismo: Perspectivas Conceptuais

Devido a vários motivos, explicar o terrorismo é uma tarefa difícil, e um deles é a variedade de interpretações já representadas pelo conceito. O fenómeno não é recente, tão pouco o uso do conceito “terror”, que, com origem do latim, queria dizer "um medo ou uma ansiedade extrema correspondendo, com mais frequência, a uma ameaça vagamente percebida, pouco familiar e largamente imprevisível" (Guillaume, citado por Pellei, 2003, p. 10). Aquando da Revolução Francesa, o conceito obtém um sentido distinto, para nomear de modo "positivo" a época violenta do governo de Robespierre, em nome da Revolução (Pellet, 2003).

O “terror”, recurso lícito para a defesa da ordem social determinada pela Revolução, foi trocado, então, pela palavra “terrorismo”, a qual começou a ser relacionada com o abuso do poder governamental (Hoffman, 1998). Depois, em meados do século XIX, o terrorismo adquiriu conotações antiestatais e revolucionárias. Acontecimentos históricos muito ilustrativos daquela “nova época” do terrorismo são: o assassinio, por membros do grupo *Narodnaya Volya* ("Vontade do Povo"), do Czar russo Alexandre II; o assassinio, por um membro do grupo nacionalista *Mlada Bosna* ("Jovem Bósnia"), do Arquiduque Habsburgo Francisco Fernando, que culminou na Primeira Guerra Mundial (Hoffman, 1998); e o do Rei D. Carlos.

A definição de terrorismo voltou a alterar-se na década de 1930, começando a ser empregue mais para significar actos de repressão em massa usados por Estados totalitários e seus líderes ditatoriais, contra os seus próprios cidadãos, do que para descrever acções revolucionárias e violência contra governos e os seus líderes (Hoffman, 1998). Então, a palavra voltou a adquirir conotações de abuso de poder por governos, sendo empregue nomeadamente aos regimes fascista, nazi e estalinista. Entretanto, depois da Segunda

Guerra Mundial, o terrorismo tornou a deter conotações revolucionárias, sobretudo por grupos nacionalistas, anticolonialistas e, mais tarde, a partir das décadas de 1960 e 1970, por grupos étnico-separatistas (Hoffman, 1998).

Novos aspectos vieram, desde o fim do século XX, tornar ainda mais complicados o emprego e a interpretação da palavra “terrorismo”. Hoffman (1998) notou que o terrorismo antes era exercido por pessoas que faziam parte de organizações nitidamente reconhecíveis, com comandos e objectivos políticos, económicos ou sociais bem definidos. O autor observou que os propósitos e a ideologia desses grupos eram no mínimo compreensíveis, apesar de radicais. Contudo, actualmente, a esses grupos tradicionais juntam-se organizações com intuítos ideológicos ou nacionalistas mais difíceis de entender. Conforme Hoffman (1999), são organizações menos coesas, com estrutura mais difusa e com motivos milenares ou religiosos mais irregulares. O aumento do terrorismo "religioso" é razão de elevada preocupação.

Actualmente é vulgar ouvir também termos, como "bioterrorismo", "terrorismo nuclear" e "ciberterrorismo", que mostram as modificações trazidas pelo aumento do risco do uso de armas de destruição em massa por grupos terroristas e pela era da informação (Hoffman, 1999).

Como notou Laqueur (1996), actualmente a situação é que a sociedade encara não um modo de terrorismo, mas diversos terrorismos. O terrorismo de aspiração nacionalista ou étnica, vulgar depois da Segunda Guerra Mundial, na altura da descolonização, permanece depois do final da Guerra Fria, com o esforço de grupos étnicos para alcançar maior autonomia ou com o facto de determinadas nações pretenderem criar outros Estados. Os movimentos terroristas de aspiração religiosa aumentaram consideravelmente a partir das duas últimas décadas do século XX. Também rivalidades regionais do pós-Guerra Fria apresentam motivos para actos terroristas, como acontece, por exemplo, entre o Paquistão e a Índia ou entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul. Se grupos terroristas comunistas ou anarquistas quase se extinguiram desde o começo da década de 1980, grupos de extrema-

direita permanecem e futuramente é provável que as desigualdades crescentes no mundo actual influenciem um possível reaparecimento do terrorismo de esquerda (Lesser, 1999).

O sentido depreciativo que se dá à palavra é também um motivo que muito dificulta a compreensão do significado de terrorismo. No entanto, existe unanimidade relativamente a esta questão entre os diferentes peritos no assunto (Hoffman, 1998). A simples classificação de outrem como terrorista pode ser considerada um instrumento político. Então, o que se designa terrorismo aparenta variar de acordo com o ponto de vista. A utilização da expressão envolve um julgamento moral, e se uma parte conseguir, com êxito, apelidar a sua oposição de terrorista, terá induzido outros, de modo indirecto, a adoptar o seu ponto de vista moral (Jenkins, citado por Hoffman, 1998).

A deliberação de apelidar ou designar de "terrorista" uma organização é, então, quase inevitavelmente subjectiva, sujeitando-se amplamente à simpatia da oposição da(o) pessoa, grupo ou causa em questão. Por exemplo: o fenómeno é terrorismo no caso de alguém se reconhecer como a vítima do acto violento; todavia, se alguém se reconhece como o actor, o comportamento violento não é terrorismo e é visto de modo mais solidário, quando não positivo (Hoffman, 1998).

Outro motivo que complica o significado de terrorismo foi lembrado por Cronin (2002) de maneira que a classificação de uma acção como terrorista dependeria do seu êxito no que toca à legitimidade política.

Certos actores históricos que praticaram acções terroristas conseguiram alcançar legitimidade no sistema internacional; a avaliação da História pode, deste modo, conduzir alguns a induzir, com cinismo, que são somente acções "terroristas" na medida em que desafiam o estado actual internacional e falham (Cronin, 2002).

De certa forma, estas complicações marcam uma percepção frustrante quando se visa estudar o fenómeno ou, mais relevante, quando se trata de proteger os civis do terrorismo ou de criar uma coligação internacional para combatê-lo. Quiçá por isso, o terrorismo costuma ser reconhecido a nível académico pelas acções em si, removendo-se a relevância

dos termos a que se destina a violência. Reconhecer uma acção retira a ambivalência moral própria das teorias direccionadas para a suposição de que “os fins justificam os meios”, limitando uma área de investigação de modo mais proveitoso e satisfatório a nível intelectual (Cronin, 2002).

No entanto, a definição apropriada necessita conseguir distinguir o terrorismo de diferentes acções violentas como, por exemplo, acções de guerrilha ou crimes vulgares. A dificuldade é que a maior parte das definições sugeridas por diferentes peritos não consegue demonstrar tal distinção. Cronin (2002) definiu o terrorismo como a prática repentina ou a ameaça da prática de violência, para a obtenção de fins políticos, contra alvos inocentes. Hoffman (1998) definiu-o como a criação deliberada e a exploração do medo através da violência ou da ameaça da prática de violência na procura de modificações políticas. Já para Stern (1999) o terrorismo é uma acção ou uma ameaça de violência contra não-combatentes, com o fim de alcançar uma vingança, persuadir ou assustar um público. Nenhuma destas definições é satisfatória. Para não alargar demasiado o tema, chega referir que estas não conseguem distinguir o terrorismo de certas acções de guerra, como o uso de bombas nucleares ou bombardeamentos incontrolados que afectam igualmente civis, por exemplo.

De modo a que se possua uma noção da ausência de unanimidade entre conceitos, pode-se examinar a obra de Schmid que, no esforço de descobrir uma definição amplamente plausível e consideravelmente abrangente da expressão, estudou mais de 100 significados distintos de terrorismo (Hoffman, 1998). Numa segunda edição, passado quatro anos, Schmid não se encontrava próximo dos seus objectivos. O autor confirmou a ocorrência de 22 classes distintas de termos em 109 conceitos e, ao averiguar se a listagem possuía as componentes essenciais para uma boa definição, chegou à conclusão de que possivelmente não (Schmid & Jongman, citado por Hoffman, 1998).

Se a nível académico a discussão relativa ao significado do terrorismo se demonstra tão inconclusiva, suponha-se no sistema internacional, em que os interesses políticos estão muito mais em jogo. Possivelmente por isso, Laqueur (2003) referiu que não existe tal definição e tão pouco num futuro previsível se irá conseguir descobrir uma. Ainda que

perante tantas complexidades, é preciso adoptar uma definição de terrorismo, visto que se se deseja estudar as complexas questões contemporâneas de qualquer fenómeno, um requisito para fazê-lo é determinar rigorosamente do que se trata.

Deste modo, aparenta ser válido adoptar a definição de Diniz (2002). O autor, a partir de competentes apreciações às definições de Thomas Schelling, Brian Jenkins e Jack Gibbs, afirmou que:

Podemos entender *terrorismo* como sendo *o emprego do terror contra um determinado público, cuja meta é induzir (e não compelir nem dissuadir) num outro público (que pode, mas não precisa, coincidir com o primeiro) um determinado comportamento cujo resultado esperado é alterar a relação de forças em favor do ator que emprega o terrorismo, permitindo-lhe no futuro alcançar seu objetivo político* - qualquer que este seja (Diniz, 2002, p. 13).

Como o próprio autor notou, esta definição consegue diferenciar o terrorismo de diferentes tipos de luta política. Este conceito "difere de outras formas de emprego da força pela maneira específica como a emprega (o terror) e de outras formas de emprego do terror por (...) induzir no inimigo um comportamento que altere a relação de forças em favor do grupo terrorista" (Diniz, 2002, p. 15). O autor mostrou crer, pela sua definição, que qualquer fenómeno só representará, de facto, o terrorismo se o motivo da acção for, realmente, originar uma persuasão de comportamento num certo grupo.

Escolho esta definição porque também creio que, de certo modo, esta não só "ajuda a distingui-lo de outras formas de luta, mas também a construir um modelo de combate ao terrorismo que permite orientar e analisar formas concretas de enfrentamento e identificar suas perspectivas de sucesso" (Diniz, 2002, p. 18).

3.2 – Terrorismo na Actualidade

O terrorismo é praticamente tão antigo como a própria humanidade. No ano três a.C., aconteceu um evidente acto terrorista quando um grupo de judeus matou transeuntes em Jerusalém com o propósito de difundir uma revolta da população contra a ocupação dos romanos (Rudzit, 2005).

Rudzit (2005) referiu também alguns outros acontecimentos históricos relacionados, como os atentados de Oklahoma City, *World Trade Center* (1994), acções da seita *Aum Shinrikyo* com gás em Tóquio, o ataque ao quartel de *Khobar Towers* na Arábia Saudita, a pressão da *Al-Qaeda* sobre os Estados Unidos para que se retirassem da Arábia Saudita, os actos dos *Tigres Tamil* de Libertação de Eelam procurando a independência e ataques palestinianos em Israel, entre outros.

Segundo o autor, a incidência dos conflitos interestatais diminuiu nas décadas depois de 1945, contudo as guerras intra-estatais predominaram no mundo. Durante a Guerra Fria, houve 164 guerras e somente 30 destas foram entre Estados. E, no pós-Guerra Fria (de 1990 a 2003), 57 conflitos ocorreram em 45 países, de modo que só quatro podem ser denominados de conflitos interestatais convencionais: a Guerra do Golfo de 1991, a Guerra entre a Etiópia e a Eritreia de 1998 a 2000, o conflito de Kargil em 1999 e a Guerra do Iraque em 2003.

De acordo com Jenkins (1974), pode se dizer que o terrorismo internacional representa um novo tipo de guerra. É uma guerra sem território, travada sem exércitos como os conhecemos. É uma guerra que não está limitada territorialmente, "batalhas" esporádicas podem ocorrer em todo o mundo.

Os formatos de barbaridade que não surgem desprovidos de funcionalidade possibilitam garantir a lealdade dos intervenientes e concebem uma cumplicidade criminal de afirmação de uma identidade colectiva face ao inimigo, de lhe exercer um terror bárbaro, complicando a sua reacção pela prepotência e imprevisibilidade da sua impiedade e das retaliações

(Sémelin, 2000). A barbaridade, actualmente, remontou aos extremos, e a existência da dignidade do soldado é o que desarticula a selvajaria da luta (Ignatieff, 1998).

Na visão do jornalista Lapouge (2001), o terrorismo foi vencido, porém não foi eliminado. O objectivo máximo do fundamento terrorista nunca será atingido (a extinção dos valores da sociedade democrática). Ataques com a grandeza do 11 de Setembro conseguem, segundo o jornalista, fortalecer a luta antiterrorismo. Se verdadeiramente organizados, sem dúvida que os princípios da sociedade democrática não sofrem oscilações com o acto terrorista. No entanto, a maior parte das nações que abraçam o regime representativo e aberto estão a começar a extensa aprendizagem da conduta democrática. As democracias novas estão sujeitas a retrocessos e os terroristas percebem isso. Os ataques aos países muçulmanos que iniciaram o sistema de democratização, como a Indonésia e a Turquia, confirmam a divergência entre o regime de respeito e liberdade dos direitos humanos e os grupos radicais que empregam actos de terror.

Depois dos ataques do 11 de Setembro de 2001, os debates teóricos sobre Segurança Internacional são intensificados, seguindo a orientação da procura pelo conhecimento das alterações de percepção referentes à segurança nos Estados Unidos da América e no mundo inteiro. Desde as operações no Afeganistão e no Iraque, o entendimento referente à aplicação da força volta a ter um papel fundamental nas Relações Internacionais, em que a intervenção militar não está separada das outras políticas (Rudzit, 2005).

Anderson (2002), depois dos atentados de Washington e Nova Iorque, afirmou que o que se modificou realmente foi a evidência de que a opinião pública se agitou em roda de um conflito equiparável, figurativamente, à Guerra Fria, concordando com a razão dos Estados. Alteração nada pequena se se seguir o pensamento do autor, para o qual a corrente até então era o seguimento na velocidade ideal do pós-modernismo, que jamais exige mobilizações massificadas de qualquer espécie. Necessita, pelo contrário, do oposto: omissão e inércia de todo o género de expressividade da vida pública.

Valantin (2003) viu na ameaça o seio da consagração da autoridade do Estado e do seu “monopólio da violência”. O autor lembrou que, neste caso, a ameaça faz a articulação

entre o Estado de segurança nacional e a “indústria do cinema” de segurança nacional: o cinema simula essas ameaças e a mobilização dos cidadãos disposta a combatê-las. A formação da ameaça é tornada praticável pela intersecção do discurso político com a sua “encenação” (Valantin, 2003).

O terrorismo ganha contornos novos num mundo globalizado, ampliando a uma escala mundial o conjunto das potenciais vítimas, desterritorializando-se, desassociando-se mesmo de qualquer identidade identificada. O terrorismo transnacional consegue ser ponderado como um recente género de terrorismo. Contemporaneamente, é recente a evidência de a tecnologia estar a pôr capacidades exterminadoras, que anteriormente permaneciam reservadas aos Estados, nas mãos de grupos e pessoas desviantes (Nye Jr., 2005).

O terrorismo transnacional, que é um fenómeno de organização celular, por vezes acéfalo e desterritorializado (Bauer & Raufer, 2003), busca afectar os pontos mais críticos de ligação entre a sociedade e o mecanismo do Estado, e encontra-se mais vocacionado para propagar a sua repulsa ou para desfazer o domínio que o Estado incita do que para o destruir, buscando revelar a ineficiência da precaução e impor uma conduta repressora, logo, comprometedora (Monteiro, 2002). Ou seja, o terrorismo transnacional procura divulgar os seus valores (pelos meios de comunicação) e demonstrar a sua superioridade em relação ao poder do Estado, através do factor inesperado das suas acções, revelando o que considera a ineficiência da prevenção de ataques.

Nos Estados Unidos da América, no seguimento do aparecimento de estratégias de desestabilização mais radicais e universais após o 11 de Setembro, a compreensão do fenómeno do terrorismo foi submetida a correcção. Quer pela capacidade organizativa, quer pelo nível de barbaridade ou até pelas novas estratégias de recrutamento, a sua capacidade foi aumentada (Romana, 2004). O fenómeno admitiu ainda uma modificação qualitativa e passou-se a falar de ecoterrorismo, de bioterrorismo, de ciberterrorismo, de terrorismo químico e até de terrorismo nuclear (Laqueur, 1999).

3.3 – Terrorismo em Mega Eventos Desportivos

Eventos desportivos têm sido alvo de terroristas numas estimadas 168 ocasiões diferentes, desde o ataque nos Jogos Olímpicos de Munique em 1972 até 2003 (Kennelly, 2005).

A 5 de Setembro de 1972, o massacre sucedido durante as Olimpíadas de Munique foi o exemplo mais conhecido da prática desta estratégia. Nesta situação, terroristas do grupo palestino Setembro Negro entraram nos alojamentos dos atletas israelitas, assassinando dois deles e fazendo outros nove de reféns. Dado que as negociações não foram bem-sucedidas, os reféns e terroristas foram levados para o aeroporto militar, em dois helicópteros, de onde conseguiriam fugir a bordo de um avião. Porém, um esforço desastroso de libertação originou o falecimento de, além de um polícia alemão e cinco terroristas, todos os reféns. A desgraça, que adquiriu ressonância mundial, divulgou a impreparação completa da polícia alemã para intervenções deste carácter e determinou a concepção da unidade especial antiterrorismo do governo alemão, o GSG 9 (Klein, 2005).

De facto, ameaças terroristas têm sido uma característica comum de muitas outras Olimpíadas, como a Coreia do Norte ter realizado uma acção militar nos Jogos de Seul, em 1988, ou o grupo terrorista ETA a realizar ataques em Barcelona antes dos Jogos de 1992, para citar duas outras situações de alto risco. Como resultado, as preocupações com o terrorismo têm sido tradicionalmente uma característica dominante das prioridades políticas em torno dos Jogos Olímpicos (Richards, Fussey & Silke, 2011).

Nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, uma bomba explodiu durante um concerto no Parque Centenário. Uma pessoa morreu por causa da explosão, outra morreu de ataque cardíaco e mais de 100 pessoas ficaram feridas (Diaz, 2001). Os Jogos de Sydney, em 2000, não foram negativamente afectados por incidentes terroristas, no entanto, antes dos Jogos, dois potenciais actos terroristas foram frustrados (Kennelly, 2005).

Um carro-bomba colocado pela ETA explodiu do lado de fora de um estádio localizado em Madrid, em 2002, antes da semifinal da Liga dos Campeões, ferindo 16 pessoas (Tremlett, 2002).

Em Março de 2009, assistiu-se ao ataque violento, por 12 homens armados, na equipa de críquete do Sri Lanka, na cidade paquistanesa de Lahore, resultando na morte de seis polícias e dois civis (Shah & Pallister, 2009).

Um exemplo mais recente de terrorismo num evento desportivo foi a morte de dois turistas tailandeses em Nova Deli antes dos Jogos da Commonwealth, em 2010. Vários atletas australianos e neozelandeses retiraram-se desses Jogos citando temores de segurança. Os terroristas têm uma ampla gama de opções para atacar grandes eventos desportivos, tais como explosivos e dispositivos incendiários, bioterrorismo, terrorismo alimentar, terrorismo nuclear, ciberterrorismo, atentados suicidas, sequestros e tomada de reféns (Bergesen, 2006). Um número de autores tem, portanto, considerado o impacto do terrorismo no turismo e em eventos desportivos (Toohey & Taylor, 2008; Taylor & Toohey, 2007; Reisinger & Mavondo, 2005).

Desde os ataques de terrorismo de 2001 nos Estados Unidos, as preocupações sobre possíveis ataques de terrorismo em mega eventos desportivos têm sido amplamente especuladas nos *media*. Preocupações anteriores, decorrentes do ataque palestino nos Jogos Olímpicos de Munique, foram gravemente revividas pelo incidente de 11 de Setembro. Atkinson e Young (2002) afirmaram que os eventos desportivos, particularmente aqueles com uma cobertura mediática considerável, têm-se tornado alvos principais do terrorismo.

A transmissão televisiva global e a cobertura mediática dos principais eventos desportivos, tais como os Jogos Olímpicos, a Taça do Mundo de futebol e o *Tour* de França, são particularidades que potenciam o terrorismo, devido à sua alta visibilidade pública, exposição na comunicação global e representação simbólica (Toohey & Taylor, 2006). Roche (2006) observou que há muito pouco na televisão internacional para comparar com o

carácter positivo e comemorativo, previsivelmente recorrente e relativamente frequente, dos mega eventos desportivos, como os Jogos Olímpicos, enquanto evento mediático.

De acordo com Taylor e Toohey (2007), os crescentes debate público e actos de terrorismo foram acompanhados de um crescente interesse académico em medir os seus impactes. Reacções a ameaças de terrorismo e as consequências dos actos de terrorismo têm sido recentemente investigadas numa variedade de perspectivas, incluindo: emoções e percepções de risco (Lerner, Gonzalez, Small & Fischhoff, 2003), saúde mental (Schuster *et al.*, 2001), *stress* pós-traumático (DiMaggio & Galea, 2006), abuso de substâncias (Wu *et al.*, 2006), o papel de optimismo (Ai, Evans-Campbell, Santangelo & Cascio, 2006) e da inteligência emocional (Graves, Schmidt & Andrykowski, 2005), e o impacte na intenção de viajar (Reisinger & Mavondo, 2005).

De acordo com as preocupações com a potencial actividade do terrorismo, foi argumentado que a percepção do risco de terrorismo manteve espectadores longe de eventos desportivos (Taylor & Toohey, 2007). Solberg e Preuss (2005) observaram que os turistas de eventos desportivos são especialmente susceptíveis de evitar um destino por causa de preocupações com o terrorismo. Assim, a gestão do risco de terrorismo tem relevância para o planeamento de eventos desportivos, não só para a segurança, mas também para resultados económicos positivos, como rendimentos para a região de acolhimento, gerados principalmente através do turismo. A percepção de uma possível ameaça terrorista também foi notada por influenciar a experiência dos entusiastas desportivos que escolheram assistir a eventos desportivos. Tem havido uma crescente militarização de instalações e eventos desportivos, e os espaços urbanos nos quais os principais eventos desportivos ocorrem cada vez mais são vistos como um terreno no qual tácticas militares e armamento são necessários para proteger os investimentos de capital, controlar multidões e evitar e responder a ataques terroristas (Schimmel, 2006).

A adesão relativamente baixa do público nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, pode ter sido, em parte, atribuída aos medos do terrorismo. As pessoas que foram aos Jogos experimentaram o controlo de alto nível com detectores de metais e outras técnicas de

verificação invasivas. Estas medidas de segurança relativamente intrusivas poderiam ter alterado e potencialmente causado impactos negativos na experiência dos participantes (Taylor & Toohey, 2007).

A importância da selecção de alvos simbólicos por terroristas levou alguns especialistas a prever que é inevitável que um grande evento de desporto seja alvo (Appelbaum, Adeland & Harris, 2005). Devido à vulnerabilidade física dos espectadores, grandes locais desportivos correspondem aos critérios para ser alvos dos terroristas (Whisenant, 2003). Existem dificuldades específicas associadas à segurança de um grande número de pessoas (Chalip, 2006).

Allen *et al.* (2008) referiram que, desde os ataques terroristas do 11 de Setembro de 2001, a ameaça de terrorismo conduziu a um incremento da segurança em eventos mundiais de grande importância e, naturalmente, do gasto com esse tipo de encargo.

Assim, o terrorismo caracteriza-se pelo uso de violência através de ataques a pessoas ou bens, de modo a criar medo e terror, representando uma ameaça para a segurança dos mega eventos desportivos devido ao número de pessoas que estes concentram e ao seu carácter mediático global.

3.4 – Segurança: Reflexões Conceptuais

O significado de "segurança" é muitas vezes tratado como um termo do senso comum que pode ser entendido por um consenso não reconhecido (Sheehan, 2005).

Não há nenhuma definição universal do conceito de segurança. Kolodziej (2005) comparou-a a uma Torre de Babel. Mas há um consenso de que é importante e multidimensional. Foi amplamente aplicada para justificar a suspensão das liberdades civis, a guerra e a massiva realocação de recursos durante os últimos cinquenta anos (Baldwin, 1997).

Wolfers (1952) argumentou que "segurança" é geralmente um termo normativo. É aplicado pelas nações a fim de ser expediente: um meio racional, em direcção a um fim aceite, ou moral: o menos mau ou o melhor curso de acção. Da mesma forma que as pessoas são diferentes a detectar e identificar perigos e ameaças, Wolfers (1952) argumentou que diferentes nações também têm expectativas diferentes da segurança. Não só existe uma diferença entre a tolerância de ameaças, mas diferentes nações também enfrentam diferentes níveis de ameaças por causa dos seus exclusivos ambientes geográficos, económicos, ecológicos e políticos.

Com o fim da segunda guerra mundial, surgiu um novo objecto de estudo, com foco na segurança internacional. Tudo começou como uma área de estudo independente, mas foi absorvida como um subcampo das relações internacionais (Buzan & Hansen, 2009). Desde que surgiu, na década de 1950, o estudo da segurança internacional tem sido o cerne dos estudos das relações internacionais (Sheehan, 2005). Abrange rótulos como "estudos de segurança", "estudos estratégicos", "estudos da paz" e outros.

O paradigma da segurança tradicional refere-se a uma construção na qual o objecto referente de segurança é o Estado. A prevalência deste teorema atingiu um pico durante a guerra fria. Há quase meio século, grandes potências do mundo confiaram a segurança das suas nações para um equilíbrio de poder entre os Estados-Nação. Este sentido de estabilidade internacional baseou-se na premissa de que se for mantida a segurança do Estado, então a segurança dos cidadãos vai necessariamente seguir-se (Bajpai, 2000). A segurança tradicional baseou-se sobre o equilíbrio de poder anárquico, um desenvolvimento militar entre os Estados Unidos e a União Soviética (as duas superpotências) e sobre a soberania absoluta do Estado-Nação (Owen, 2004). Os Estados eram considerados entidades racionais, os interesses nacionais e a política eram impulsionados pelo desejo de poder absoluto (Owen, 2004). A segurança era vista como a protecção contra a invasão, executada durante conflitos por procuração, utilizando recursos técnicos e militares.

Quando as tensões da guerra fria assentaram, ficou claro que a segurança dos cidadãos foi ameaçada por dificuldades decorrentes de actividades de Estado internas, bem como por

agressores externos. As guerras civis foram cada vez mais comuns e foram agravadas a pobreza, a doença, a fome, a violência e as violações dos direitos humanos existentes. As políticas da segurança tradicional tinham efectivamente mascarado essas necessidades humanas básicas subjacentes face à segurança do Estado. Através da negligência dos seus constituintes, os Estados-Nação tinham falhado o seu objectivo primário (Baylis, 1997).

O final da Guerra Fria e o aparecimento, ou melhor visibilidade, de riscos, como os exemplos de conflitualidade recentes que sucedem maioritariamente dentro de Estados e não entre Estados, vieram intensificar a necessidade de abertura da agenda estatocêntrica e limitada da segurança. Assim, os estudos críticos sobre segurança começaram a contrariar os tradicionais estudos sobre segurança (Tickner, 2001).

Mais recentemente, a noção tradicional de segurança, centrada no Estado, tem sido contestada por abordagens de segurança mais globais (Paquette, 2002). Entre as abordagens que visam reconhecer e lidar com as ameaças básicas à segurança humana, estão paradigmas que incluem medidas cooperativas, globais e colectivas destinadas a garantir a segurança do indivíduo e consequentemente do Estado.

O conceito de um actor de segurança internacional ampliou em todas as direcções, desde a década de 1990, de nações para grupos, indivíduos, sistemas internacionais, organizações não-governamentais e governos locais (Rothschild, 1995).

O conteúdo da segurança internacional tem sido expandido ao longo dos anos. Hoje, abrange uma variedade de questões interligadas no mundo, que têm um impacte na sobrevivência. Varia desde modos tradicionais ou convencionais de poder militar, causas e consequências da guerra entre os Estados e força económica, a conflitos étnicos, religiosos e ideológicos, conflitos comerciais e económicos, fontes de energia, ciência e tecnologia, alimentos, bem como ameaças à segurança humana e à estabilidade dos Estados, por degradação ambiental, doenças infecciosas, alterações climáticas e por actividades dos actores não-estatais (Buzan, Wæver & Wilde, 1998).

Buzan (2000) viu o estudo da segurança internacional como mais do que um estudo das ameaças, mas também um estudo de quais as ameaças que podem ser toleradas e quais exigem acção imediata.

3.5 – Segurança em Mega Eventos Desportivos

Segundo Hall *et al.* (2012), os termos *safety* e *security* são por vezes utilizados como sinónimos, mas são duas actividades separadas. Na sua essência, *safety* centra-se na protecção contra incidentes acidentais (por exemplo: escorregar e cair, tempestade severa), enquanto *security* centra-se na protecção contra danos intencionais (por exemplo: homem-bomba). A segurança (*safety*) dos espectadores e dos participantes tem sido uma preocupação para os directores de instalações. Em contraste, o conceito de *security*, protegendo os locais especialmente contra ameaças provocadas pelo homem, tais como o terrorismo, é mais recente. Desde os trágicos acontecimentos do 11 de Setembro de 2001, o conceito de *security* tem sido uma prioridade (Hall *et al.*, 2012).

Novo (2010), no tema da segurança, assegurou que é primordial oferecer segurança e que é o melhor legado que a concretização de um mega evento consegue deixar à localidade-sede. Caso este legado não se observe, a má lembrança que os visitantes possuirão da região e da cidade-sede, que por um grande intervalo de tempo jamais as elegerão novamente como destinos das suas viagens, será a pena maior.

O papel da segurança é proteger a harmonia do evento e os valores da organização do evento, usando uma variedade de táticas (Silvers, 2008). Actualmente, a procura de segurança é cada vez maior, mas os organizadores pretendem sempre qualidade com pouco orçamento. A segurança aparece sempre elevada como um item dispendioso, porque não se pode mostrar o que é que se está a prevenir de acontecer, afirmou William Haire, vice-presidente da *International Protective Services Agency*, sediada em Nova Iorque (Garber, 2004).

Os custos de segurança estão associados à implementação de medidas de protecção, incluindo pessoal, sistemas de protecção física, controlo do perímetro, controlo de acessos, gestão do risco, gestão de emergência, controlo de multidões e controlo de tráfego (Hall *et al.*, 2012).

De acordo com Mellor e Veno (2002), a segurança envolve uma análise cuidadosa dos potenciais riscos e prejuízos, e o desenvolvimento de planos de contingência, caso eles ocorram.

Barreau (2001) identificou, nesta linha, dois primordiais grupos de riscos: os designados de *business risks* (riscos de negócio) e os relacionados com as pessoas e os bens. Os primeiros dizem respeito à imagem (comunicação), a questões legais e aos aspectos financeiros. Os segundos têm a ver com os danos que possam ser causados física ou psicologicamente aos organizadores, públicos, desportistas e diversas pessoas não directamente relacionadas com o evento, e aos bens (por exemplo, infra-estruturas), e conseguem ser geridos empregando medidas de segurança. Os dois dizem respeito à gestão estratégica, já que influenciam todo o evento.

Normalmente, as organizadoras esquecem que a segurança, elemento fulcral na prevenção de perdas, relaciona-se com a protecção de pessoas e de bens, sendo fundamental para que o evento seja seguro. As funções típicas de segurança prendem-se com: o controlo de acessos; a protecção de bens; o controlo de comportamentos; a detenção criminal; o controlo da multidão; a resposta de emergência; o reforço; a escolta; a evacuação; a resposta a incidentes; o controlo de intrusos; a protecção de propriedades; a segurança do *staff*, dos visitantes, dos vendedores e do público; a vigilância; e a protecção de VIP (Sillers, 2008).

Grandes eventos desportivos criam enormes desafios logísticos para a segurança. Estes incluem o número de espectadores, o seu movimento e fluxo, e o facto de que estes ocorrem predominantemente em espaços delimitados, juntamente com uma atmosfera de emoção e paixão (Toohey & Taylor, 2008).

De acordo com a classificação de Zitta (2009), os mega eventos desportivos podem ser considerados uma Festa Temática, considerando que:

Estes eventos são planejados para um grande público, com patrocinadores, apoio e promotores de mega-eventos.

Por serem realizados em sua maioria ao ar livre, contando com público diversificado – crianças, adolescentes e adultos – todo cuidado é pouco, necessitando de apoio e aprovação de órgãos públicos do local, como a Secretaria de Segurança Pública, o Corpo de Bombeiros, a Secretaria de Saúde, a Polícia Militar e a Civil, entre outros, envolvidos direta ou indiretamente no evento. (Zitta, 2009, pp. 106-107).

De particular importância será comunicar segurança e transportar a informação para as audiências do evento e a comunidade afectada, como avisos de tráficos ou de bloqueios da estrada devido a operações do evento, ou avisos de materiais e objectos proibidos (Sivers, 2008).

De acordo com o Health & Safety Executive [HSE] (1999), as questões de comunicação podem ser abordadas de duas principais perspectivas: comunicação interprofissional, e informação pública e comunicação.

A comunicação desempenha um papel importante na superação de factores de risco, ao reconhecer e informar, bem como formando, alterando e reforçando atitudes, usando técnicas de relações públicas destinadas a alterar as percepções negativas e a melhorar a compreensão (Masterman & Wood, citado por Sivers, 2009).

A comunicação inclui aquisição e distribuição de informações oportunas, além da consulta adequada na tomada de decisão. É usada para alertar, informar, ligar e avisar os vários públicos da existência e condições do projecto do evento, e para reunir, divulgar, confirmar,

e publicitar informação que irá guiar e influenciar o comportamento, de acordo com as necessidades do evento e os seus objectivos de gestão do risco. (Sivers, 2008)

As relações públicas são uma ferramenta de *marketing* usada para ganhar cobertura publicitária para um projecto de evento ou para a organização do evento, usando a comunicação para construir relacionamentos com os seus diversos públicos, na tentativa de aumentar a consciencialização, credibilidade e entusiasmo, bem como de reduzir os custos globais de promoção (Kotler, Rein & Stoller, citado por Sivers, 2008).

As comunicações entre e com o pessoal de segurança devem ser planeadas com cuidado. Obter a informação correta de e para as pessoas certas será fundamental, especialmente numa situação de emergência. O gestor de risco do evento deve procurar aconselhar-se sobre a aplicação da lei apropriada e outras autoridades de segurança, para determinar os tipos, os níveis e a implementação de segurança adequados, e as estratégias de comunicação e protocolos mais eficazes e eficientes, com base no tipo, propósito, âmbito, local (e arredores), actividades e público do evento (Sivers, 2008).

As estratégias de comunicação têm de ser concebidas de modo a assegurar que as pessoas envolvidas no evento tenham a informação que necessitam para completar os seus trabalhos, deveres, metas e objectivos, e que os problemas devido à falta de comunicação sejam minimizados (Sivers, 2008).

A fim de evitar a falta de comunicação, uma variedade de técnicas de comunicação escritas, verbais e visuais devem ser usadas e emitidas em tempo útil, num local onde haja o menor número de distrações e uma atmosfera de confiança (Sivers, 2008).

O equipamento de comunicações no local pode incluir telefones e telemóveis, rádios de comunicação bidireccional, sistema sonoro e megafones portáteis (Sivers, 2008).

Concluindo, a segurança dos mega eventos desportivos centra-se na minimização de riscos para o público, os artistas, o *staff*, o ambiente, os bens, as infra-estruturas e a imagem do local de acolhimento (seja uma cidade, região ou país).

3.6 – Segurança contra Atentados Terroristas

O processo de globalização possibilitou que ficasse, pela primeira vez, relativamente fácil de adquirir destrezas e armas com uma capacidade enorme de destruição. O Homem presenciou inúmeros avanços tecnológicos e científicos. Contudo, por toda a parte um pouco, o encurtar dos distanciamentos e estratégias incisivas, combinados com os recursos recentes, deram início a um oculto ambiente de insegurança (Laqueur, 1999).

As futuras tendências do terrorismo têm por base as modificações na letalidade, na quantidade e no padrão dos ataques terroristas, sendo as modificações que se julga mais significantes as relacionadas com a norma dos grupos terroristas no que diz respeito a financiamento, recrutamento, competências, controlo e autoridade (Perl, 2006). De acordo com Perl (2006), o reconhecer dessas tendências, que servem como reveladoras da acção terrorista, ostenta diversos benefícios, pois possibilita: a definição de prioridades em relação ao empenho de recursos em medidas contra terrorismo; descobrir e reconhecer núcleos terroristas e controlar o seu funcionamento, a fim de agir ao nível da prevenção de ataques; e ostentar progresso na luta contra o terrorismo.

Os eventos desportivos de alto nível fornecem um alvo perfeito para os terroristas. Portanto, os gestores desportivos responsáveis pelo planeamento de segurança devem ser capazes de detectar, dissuadir, responder e recuperar de um incidente catastrófico (Hall *et al.*, 2012).

De acordo com Hall *et al.* (2012), os custos de segurança aumentaram dramaticamente após o 11 de Setembro e continuarão a aumentar dada a permanente ameaça de terrorismo no mundo e os problemas de gestão da multidão inerentes ao acolhimento de mega eventos desportivos. Como resultado, os gestores de eventos e desporto devem implementar medidas de minimização de risco usando recursos adicionais, tais como polícia e militares, soluções tecnológicas novas ou emergentes, e os mais recentes métodos de comunicação e recolha de informação.

De acordo com Giulianotti e Klauser (2012), as questões contemporâneas de “terror” em mega eventos desportivos precisam de ser localizadas dentro do contexto pós-11 de Setembro. Neste período, multiplicaram-se orçamentos de segurança, enquanto houve um forte foco político, público e mediático em ameaças terroristas e estratégias antiterroristas. Os autores exploraram oito principais questões no que se refere ao contemporâneo binómio desporto/terror:

- 1) Das cidades e nações que concorrem ou hospedam mega eventos desportivos, agora espera-se que projectem fortes formas de superar o terrorismo, ante as audiências internacionais (Boyle & Haggerty, 2009). É esperada uma ampla gama de estratégias que contribuam para preparações antiterroristas. Uma nova legislação pode ser promulgada, fornecendo polícia com maiores poderes para o controlo social e a vigilância dos espaços públicos, enquanto restringe liberdades civis como o direito de protesto político ou livre associação. Novas tecnologias podem estar no local, para facilitar o mais intensificado controlo e vigilância de espaços públicos (Lenskyj, 2002). Estes diferentes aspectos do acolhimento ou da candidatura de mega eventos desportivos podem ser compreendidos através da análise científica da crítica social, que se centra em construções discursivas, estratégias e estruturas de anti-terror, métodos e escala, e justiça social. Por exemplo, a fim de ganhar a candidatura para os Jogos Olímpicos de 2012, o comité de candidatura de Londres tinha que projectar a resistência antiterrorista da cidade ante o Comité Olímpico Internacional e as audiências internacionais. Para ganhar apoio nacional para um grande orçamento de segurança (estimado em aproximadamente 1 275 milhões de euros) e novos poderes de fiscalização e controlo social, a polícia e as autoridades políticas referiram o acolhimento do evento como “o maior desafio de segurança que o Reino Unido tem enfrentado desde a segunda guerra mundial” (Gardham, 2009). Em termos de *hardware*, umas 900 câmaras de vigilância adicionais foram colocadas em Londres, o novo *software* destinou-se a integrar os diferentes sistemas de videovigilância da capital e a RAF (Força Aérea Real) britânica fez voar um

avião não tripulado, equipado com mísseis e bombas, pela primeira vez sobre a cidade (Bruce, 2008).

- 2) É preciso considerar o processo de classificação na construção da ameaça terrorista para os eventos desportivos, em particular, devido ao papel dos meios de comunicação de massas na amplificação de preocupações. A classificação negativa dos opositores políticos em relação a esses eventos tem sido evidente no passado. Antes dos Jogos Olímpicos de Pequim (2008), a polícia chinesa anunciou que tinham frustrado um ataque terrorista, planeado por um grupo separatista de muçulmanos, da província de Xianjiang. Nenhuma evidência foi inicialmente fornecida, enquanto é também de notar que grupos de direitos humanos tinham anteriormente destacado o maltrato dos muçulmanos pela polícia chinesa e pelo Estado em geral (Yu, Klauser & Chan, 2009).
- 3) As estratégias e estruturas de combate ao terrorismo têm impactes mais amplos, para além do período imediato em que o mega evento desportivo foi acolhido. Cada vez mais, surgem óbvias ilustrações em relação ao planeamento urbano. Quando os mega eventos desportivos são planeados para terem lugar no centro da cidade ou em sítios de alta densidade, programas urbanos são muitas vezes implementados, expulsando as comunidades pobres e marginalizadas para acomodar proprietários de casas e consumidores mais ricos e mais “confiáveis” (Selva, 2005; Sudworth, 2006).
- 4) A fixação e a remodelação do espaço urbano estão muitas vezes intimamente ligadas à “festivalização” da cidade-sede. Ou seja, os mega eventos desportivos são uma componente-chave das mais largas estratégias cívicas que apresentam a cidade aos investidores e ao público como um local atraente para futuros eventos (Häussermann & Siebel, 1993).
- 5) Testemunham-se as crescentes interconexões entre os mega eventos desportivos e os avançados complexos militares industriais. O fornecimento de sistemas e tecnologias de segurança de mega eventos desportivos é uma indústria multimilionária. Para as Olimpíadas de Pequim, tecnologias de segurança foram fornecidas por muitas empresas internacionais, tais como a GE, a Honeywell, a

Panasonic, a Siemens e a IBM (Bradsher, 2007). Como um analista da *Security Industry Association* afirmou, mega eventos como as Olimpíadas não só mostram atletas de classe mundial, mostram tecnologias de segurança de classe mundial e serviços da indústria de segurança (Bristow, 2008).

- 6) Nas estratégias contemporâneas de segurança para mega eventos desportivos, vê-se a entrada de tecnologias militares, estratégias e lógicas para a vigilância e controlo das populações nos, e em torno dos, estádios. O simples, convencional e, de facto, cada vez mais familiar modelo deste processo apresenta a mobilização de milhares de tropas, enquanto equipamento militar é instalado em centros urbanos. Exercícios anti-terror militarizados e simulações são implementados para testar os padrões preparatórios dos mega eventos para um possível ataque terrorista. Mais subtilmente, os principais estádios de desporto são inevitavelmente absorvidos pelo novo urbanismo militar, em que o planeamento urbano e arquitecturas são influenciados por técnicas de contenção da população e vigilância (Graham, 2010; Schimmel, 2006).
- 7) Um conjunto específico de preocupações de segurança centra-se nas nações emergentes do hemisfério Sul, onde um número crescente de mega eventos desportivos é agora acolhido: por exemplo, as Olimpíadas de 2016 no Rio, a Taça do Mundo de 2010 e 2014 na África do Sul e no Brasil, respectivamente, e os jogos da Commonwealth de 2010 em Nova Deli. Tais eventos geram distintas questões relacionadas com a interacção entre o desenvolvimento urbano, crimes violentos e o monopólio da violência do Estado. No Rio de Janeiro, as autoridades da cidade procuraram impor “à força” o seu controlo sobre crimes violentos, em parte, para demonstrar a sua adequação ao acolhimento das finais da Taça do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 (Yapp, 2010).
- 8) Uma última questão a ser considerada refere-se às escalas geo-sociais dos mega eventos desportivos, não importa onde eles estejam a ocorrer. Os efeitos externos do binómio desporto/terror estendem-se bem além da nação que acolhe os mega eventos. Por exemplo, na Somália, os telespectadores dos jogos da Taça do Mundo de futebol foram ameaçados, por milícias islâmicas, de morte ou flagelação, se

fossem apanhados a assistir aos Jogos. No Uganda, 74 pessoas foram mortas e inúmeras foram feridas quando os grupos islâmicos colocaram bombas em locais públicos frequentados pelos ocidentais (Rise, 2010).

As nações que acolhem mega eventos desportivos também se estão a proteger contra formas de ciberterrorismo que podem ocorrer durante estes eventos. Foi relatado que Pequim sofreu 12 milhões de ataques cibernéticos, a cada dia, durante os Jogos Olímpicos de 2008 (Ormsby, 2010). Em Novembro de 2010, o governo britânico anunciou novos planos de segurança informática, para salvaguardar redes e para evitar crimes pela internet, como parte de um pacote mais amplo de medidas de luta contra o terrorismo, para as Olimpíadas (Home Office, 2010).

Capítulo IV – Caso de Estudo

4.1 – Os Jogos Olímpicos

Aquando do 5.º aniversário da União das Sociedades Francesas de Desportos Atléticos, em 25 de Novembro de 1892, foi exposto o plano de restabelecimento dos Jogos Olímpicos como na Grécia Helénica, que teve o Barão de Coubertin como patrono, que apresentou naquela oportunidade os seus propósitos em relação aos Jogos, referindo que era preciso internacionalizar o desporto e estruturar novos Jogos Olímpicos (López, 1992).

Diversos acontecimentos, no início, de tipo prático e ideológico colocaram à prova o que no começo era uma vontade de harmonia entre as nações. Os Jogos Olímpicos permaneciam catalogados numa limitativa proposição de desporto que contemplava única e exclusivamente os oriundos da nobreza americana e europeia com posses suficientes para que não precisassem de se envolver em acções produtivas (Zakus, 1992).

Tavares (2003) indicou que, com a concepção e difusão de um vasto espectro de estruturas de tipo internacionalista, das quais a promoção da paz era o objectivo primordial, ocorre, nos meados de 1894, a fundação do Movimento Olímpico. Isto porque as discórdias ainda eram resolvidas por via da luta, ainda que tivesse advindo, durante o século XIX, uma grande evolução da formação de ideias e dos conhecimentos humanos. As disposições internacionalistas procuravam a resolução de discórdias, tanto de organização externa quanto interna, pelo uso dos princípios e do raciocínio, e nunca das armas. A concorrência desportiva era, dentro dessa conformidade, um formato racionalizado de discórdia, sem o uso da violência.

Pierre de Coubertin comandou um movimento que concebeu o Comité Olímpico Internacional (COI). Diante de todos os assuntos políticos cingidos a essa concepção, a primeira presidência do COI foi atribuída a Demetrius Vikelas, da Grécia (Coubertin, 1975).

O intervalo que abrange os Jogos Olímpicos de Atenas (1896) a Estocolmo (1912) encontra-se assinalado pela aceitação da proposta olímpica. Essa época foi apresentada por Krüger (1999) como os anos de formação do Comité Olímpico Internacional, no início, usufruída como uma aventura de aristocratas e nobres extravagantes que necessitava de uma grande quantia de dinheiro e de determinação para persuadir governos e atletas a correrem diferentes lugares do planeta, na divulgação de uma prática e de uma ideia. Em certas ocasiões, os Jogos viram-se fundidos com ideais distantes dos olímpicos, necessários, todavia, para a sua sedimentação.

A restrição à participação feminina não suportou as influências dos movimentos de envolvimento feminino no desporto e somente se manteve na primeira edição dos Jogos. Foi, contudo, nas edições de Paris (1900) e de Saint Louis (1904) que os Jogos chegaram a passar as piores desgraças da sua história. Isto pois as competições se dissiparam dentro de diferentes dinamismos das Exposições Mundiais e padeceram com o racismo (Salvador, 2004).

Girginov e Parry (2005) referiram que as estruturas dos Jogos de 1896, 1900 e 1904 ficaram assinaladas pelo menosprezo e pela exiguidade de um conceito que poucos compreendiam, limitados relativamente a anexos das Exposições Mundiais e da *Louisiana Purchase Exhibition*. Em Londres (1908) e em Estocolmo (1912), essa situação começou a modificar-se: edições com uma mais pormenorizada organização do evento, a participação de um grande público e um planeamento mais coerente.

Os Jogos mais examinados e debatidos da história do Movimento Olímpico foram, contudo, os das XI Olimpíadas. A presença de Hitler e a decisão de expor a perfeição nazi à humanidade submeteram a bastantes estudos a respeito do predomínio da ideologia e da política no Olimpismo, e à forma como o Movimento Olímpico trabalhava com as questões nacionais e políticas (Rubio, 2007).

Do ponto de vista desportivo e olímpico, López (1992) afirmou que os Jogos de Berlim seriam o modelo de como necessitariam ser estruturados os demais Jogos Olímpicos, porém

orientou uma crítica forte àqueles que fizeram uso dessa oportunidade para ter benefícios ideológicos e políticos.

Entre o presidente do Comité Olímpico Internacional e o líder da pátria alemã, os desentendimentos foram persistentes. Hitler, conhecedor da extensão e do valor daquele evento, acordou com as imposições dos dirigentes do Comité Olímpico Internacional. Nenhum outro instrumento de propaganda era capaz de tanta divulgação como os Jogos Olímpicos. Três mil jornalistas, sensivelmente, foram a Berlim. Os profissionais da imprensa fizeram uma cobertura enorme do evento, sendo presencialmente recebidos pelo responsável pela área de comunicação e propaganda nazi, Joseph Goebbels (López, 1992). Os Jogos de 1936 foram os primeiros a ser transmitido na televisão (Movimento Olímpico, n.d.a).

Guttmann (1982) assegurou que o âmbito desportivo compactuou, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, com os problemas provenientes da presença de uma nova e vigorosa ideologia socialista. A aristocracia presente no Comité Olímpico Internacional esteve repartida entre a aversão existente em relação ao comunismo e a retórica da congregação.

Em 1948, em conformidade com López (1992), a política também tinha ocupado um protagonismo no Olimpismo que não lhe competia. A imposição de isolamento ao Japão e à Alemanha, vencidos na guerra, determinada pelos burocratas ingleses que dominavam o Movimento Olímpico, era um indício de que os assuntos do universo político rasgavam a aura autónoma do Olimpismo.

Simons e Jennings (1992) acusaram a nova organização comercial, que se identificou com a chegada do televisor ao universo olímpico, declarando como a capacidade económica transgredia os ideais olímpicos, tão protegidos por Pierre de Coubertin.

Os Jogos Olímpicos de Munique apresentaram um dos mais importantes marcos do Olimpismo. Hargreaves (1992) apontou que a Alemanha procurava, com os Jogos Olímpicos de 1972, extinguir as marcas que os Jogos de Berlim haviam deixado na

lembrança do Ocidente como os Jogos do hitlerismo. Com o ataque à Vila Olímpica de Munique, era novamente colocada à prova a trégua olímpica contemporânea.

O progressivo crescimento dos Jogos Olímpicos foi uma evidência que conduziu à procura do profissionalismo pelo Comité Olímpico Internacional. A necessidade de uma infraestrutura espaçosa para a concretização das competições, bem como para o alojamento de milhares de turistas, atletas e técnicos de apoio ligou a execução dos Jogos ao apoio governamental do Estado no qual sucedessem (López, 1992).

Lico (2007) aludiu que os soviéticos originariam, a 23 de Dezembro de 1979, a invasão do Afeganistão e a partir daí sucedeu um seguimento de desdobramentos com efeitos nos Jogos Olímpicos que seriam executados a meio de 1980.

Nas candidaturas, nota-se uma confluência de intenções: transformar a cidade-sede numa metrópole contemplada e conhecida mundialmente, apta para juntar quaisquer condições para se destacar na época contemporânea. Esta estratégia foi tomada desde 1988 em Seul. Os benefícios são perceptíveis: criar um novo posicionamento da cidade na rede global (arrecadando fluxos de capitais e de pessoas). Ainda se considera inegavelmente importante um constituinte político na deliberação de acolher um evento como este, contudo, aí as razões conseguem diversificar-se bastante de uma edição para outra (Proni, Araújo & Amorim, 2008).

A selecção de uma cidade é, como afirmou Huntington, citado por Preuss (2001), afectada pela identidade civilizacional dos membros do Comité.

Um evento da importância dos Jogos dá a ocasião de atenção mundial para modelar ou remodelar a representação da cidade e do Estado no plano internacional (Cashman, 1999).

Os Jogos, face à sua clara dimensão global, são uma oportunidade ímpar para a manipulação de diferentes objectivos e componentes de política internacional (Kim, Rhee, Yu, Koo & Hong, 1989).

Então, temos os Jogos Olímpicos como um evento que ultrapassa o campo desportivo e que nos últimos anos adquiriu a condição de mega evento, e basicamente isso concedeu-se pela evidência do Comité Olímpico Internacional ter um número de países associados superior ao das Nações Unidas (Tavares & DaCosta, 1999).

Os Jogos são, de forma geral, o instrumento máximo de publicidade que uma região e uma cidade conseguiriam pretender. Em termos de exibição e grandeza, nenhum evento pacífico se equipara aos Jogos Olímpicos. A Cerimónia de Abertura é observada, no mínimo, por 3 000 milhões de espectadores, exibindo as tradições e a cultura dos organizadores dos Jogos, fazendo valer a sua mensagem e produzindo uma representação pretendida por uma cultura ou nação. Anos antes dos Jogos, até, a atenção mundial começa progressivamente a virar-se para a cidade e a nação-sede, preenchendo uma porção de espaço sem precedente nos *media* mundiais nos meses prévios e durante a altura do evento (Larson, 1991).

Os rendimentos do *marketing* olímpico cobrem os gastos com a preparação da festividade, porém, nunca com a organização do lugar da festividade (Proni, 2008).

Proni, Araujo e Amorim (2008) referiram o grande valor dos Jogos Olímpicos para as cidades que os acolhem, com consequências sobre as infra-estruturas das próprias, positivas ou não, devido aos grandes investimentos que a concretização de um acontecimento de tal importância requer hoje em dia.

Ambientes urbanos, como o leste de Londres, são estudados no discurso público e académico como: desprovidos, perigosos e doentios. A redução das desigualdades sociais entre lugares, grupos e indivíduos é uma preocupação central da política do governo. Recentemente, as Olimpíadas foram postas como uma oportunidade de regenerar e reposicionar a cidade através de remodelação em grande escala (Fussey, Coaffee, Armstrong & Hobbs, 2011).

4.2 – Os Jogos Olímpicos de Londres

Os Jogos Olímpicos de Verão de 2012, oficialmente os Jogos da XXX Olimpíada e comumente conhecidos como Londres 2012, foram um grande evento multidesportivo internacional, celebrado na tradição dos Jogos Olímpicos, regido pelo Comité Olímpico Internacional. Tiveram lugar em Londres, Reino Unido, e, em menor grau, em todo o país, de 25 de Julho a 12 de Agosto de 2012. O primeiro evento, a fase de grupos no futebol feminino, começou em 25 de Julho, no estádio *Millennium*, em Cardiff (Movimento Olímpico, n.d.b; British Broadcasting Corporation [BBC], n.d.). Mais de 10 000 atletas de 204 países participaram. Foram oficialmente iniciados, no entanto, na Sexta-feira, 27 de Julho de 2012, às 0 horas (BBC, 2012a, 13 de Agosto).

A 15 de Julho de 2003, o prazo para as cidades interessadas apresentarem as propostas ao Comité Olímpico Internacional, nove cidades haviam apresentado propostas para sediar os Jogos Olímpicos de Verão de 2012: Havana, Istambul, Leipzig, Londres, Madrid, Moscovo, Nova Iorque, Paris e Rio de Janeiro (BBC, 2003, 15 de Julho). Em 18 de Maio de 2004, na sequência de uma avaliação técnica, o COI reduziu o número de cidades a cinco: Londres, Madrid, Moscovo, Nova Iorque e Paris (BBC, 2004, 18 de Maio). Todas as cinco submeteram os seus livros de candidatura a 19 de Novembro de 2004 e foram visitadas pela equipa de avaliação do COI durante Fevereiro e Março de 2005. A candidatura de Paris sofreu duas advertências durante a visita de inspecção do COI: uma série de greves e manifestações coincidiam com a visita e o relato de que um membro-chave do comité de candidatura, Guy Drut, enfrentava acusações de alegada corrupção nas finanças de um partido político (GamesBids Staff, 2005a).

Durante todo o processo, Paris era amplamente vista como a favorita, particularmente, esta foi a sua terceira candidatura nos últimos anos. Londres estava, no início, atrás de Paris, com uma margem considerável. A sua posição começou a melhorar após a nomeação de Lord Coe como o novo líder de Londres 2012, em 19 de Maio de 2004 (Payne, 2012). No

final de Agosto de 2004, relatórios previram um empate entre Londres e Paris (GamesBids Staff, 2004).

Em 6 de Junho de 2005, o COI divulgou os seus relatórios de avaliação das cinco cidades candidatas. Não continham qualquer pontuação ou classificação, mas o relatório de Paris foi considerado o mais positivo. Londres estava logo atrás, tendo reduzido grande parte da distância observada pela avaliação inicial em 2004. Nova Iorque e Madrid também receberam avaliações muito positivas (GamesBids Staff, 2005b). Em 1 de Julho de 2005, quando perguntado quem ganharia, Jacques Rogge disse que não podia prevê-lo uma vez que não sabia como os membros do COI tinham votado, mas que a sua intuição lhe dizia que iriam estar muito próximas. Talvez ficassem com uma diferença de dez votos, ou talvez menos (International Sailing Federation [ISAF], 2005).

Na sequência de uma candidatura liderada pelo ex-campeão olímpico Sebastian Coe e pelo então Presidente da Câmara de Londres Ken Livingstone, Londres foi seleccionada como a cidade anfitriã em 6 de Julho de 2005, durante a 117^a sessão do COI em Singapura, derrotando as candidaturas de Moscovo, Nova Iorque, Madrid e Paris (Movimento Olímpico, n.d.b). Moscovo foi a primeira cidade a ser eliminada, seguida por Nova Iorque e Madrid. As duas finais contendoras foram Londres e Paris. No fim da quarta ronda de votação, Londres ganhou o direito de acolher os Jogos de 2012, com 54 votos, a Paris, com 50 (BBC, 2005b, 6 de Julho). Londres foi a primeira cidade a sediar os Jogos Olímpicos modernos três vezes (BBC, 2005a, 6 de Julho), tendo anteriormente sediado em 1908 e em 1948 (Barden, 2008; Greenberg, 2011).

Embora a candidatura de Londres para sediar os Jogos de Verão de 2012 fosse fortemente promovida pela sua transformação urbana, preocupações de segurança foram também uma parte central da mesma, dada a experiencia anterior do policiamento de Londres em lidar com uma variedade de ameaças a zonas urbanas. Neste sentido, a preparação específica da segurança olímpica seria compreendida pela experiência pré-existente em lidar com a ameaça do terrorismo urbano (Fussey *et al.*, 2011).

No Reino Unido, a segurança de espectáculos desportivos tornou-se cada vez mais importante enquanto Londres se preparava para sediar os Jogos Olímpicos. Em 7 de Julho de 2005, um dia após o anúncio da cidade acolhedora, uma série de ataques à bomba ocorreram na rede de transporte de Londres, levando a planos de segurança ainda mais detalhados, que fizeram com que o custo do projecto de segurança inicial passasse de 225 milhões de libras para mais de 1 000 milhões, e à adopção de sistemas de segurança biométricos avançados para controlar multidões e atletas e para investigar suspeitos em toda a cidade (Fussey *et al.*, 2011).

O Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres (LOCOG) foi criado para supervisionar a realização dos Jogos, após o êxito da candidatura, e teve a sua primeira reunião em 3 de Outubro de 2005. O Comité, presidido por Lord Coe, foi responsável pela implementação e realização dos Jogos, enquanto a Autoridade Pública Olímpica (APO) foi responsável pela construção de locais e infra-estruturas (London Development Agency, 2005).

O *Government Olympic Executive* (GOE), uma unidade dentro do Departamento de Cultura, Media e Desporto (DCMS), foi o órgão governamental responsável pela coordenação das Olimpíadas de Londres de 2012. Concentrou-se na supervisão dos Jogos, na gestão do programa e no legado olímpico de Londres, antes e depois dos Jogos, que iria beneficiar Londres e o Reino Unido. A organização também foi responsável pela supervisão de 9 300 milhões de libras de financiamento do sector público (Cabinet Office; Department for Culture, Media & Sport; UK Trade & Investment; Foreign & Commonwealth Office; & Home Office, 2013).

A construção para os Jogos envolveu um desenvolvimento considerável, com ênfase na sustentabilidade (Movimento Olímpico, n.d.b). O foco principal foi um novo Parque Olímpico de 200 hectares, construído sobre um antigo local industrial em Stratford, no Leste de Londres (Newham London, n.d.). Os Jogos também fizeram uso dos locais que já existiam antes da candidatura (Movimento Olímpico, n.d.b).

A regeneração activa do deteriorado interior de Londres, especialmente do Leste da cidade, e a proposta de uma vida e ambiente de trabalho sustentáveis foram uma política explorada pelo presidente da Câmara de Londres (Fussey *et al.*, 2011).

Em Novembro de 2004, foram revelados os planos do Parque Olímpico de 200 hectares (BBC, 2004, 8 de Novembro). Os planos para o local foram aprovados em Setembro de 2004 pelos *boroughs* Tower Hamlets, Newham, Hackney e Waltham Forest (BBC, 2004, 9 de Setembro). A remodelação da área para construir o Parque Olímpico exigiu ordens de expropriação de propriedades (BBC, 2006, 9 de Maio). Os moradores que se opuseram à desocupação tentaram encontrar formas de a parar através da criação de campanhas, mas tiveram de sair (Hartley, 2009).

Houve alguns problemas com o facto dos locais originais não serem desafiadores o suficiente ou serem inviáveis financeiramente. A prova de ciclismo de montanha foi inicialmente considerada muito fácil, então, foi programada num novo local (BBC, 2008, 11 de Agosto). O percurso da maratona olímpica, estando definido que terminasse no Estádio Olímpico (situado numa ilha), foi transferido para o *The Mall*, uma vez que foi considerado que fechar a *Tower Bridge* (ponte de acesso à ilha) causaria problemas de trânsito no centro de Londres (Gibson, 2010). A *North Greenwich Arena 2* foi cancelada para diminuição de custos, ficando a *Wembley Arena* para as provas de badminton e ginástica rítmica (Cooke, 2008; Henson, 2009; BBC, 2009, 23 de Abril; More than the Games, 2010).

A maioria dos locais de competição foi dividida por três zonas na grande Londres: o Parque Olímpico, a Zona do Rio e a Zona Central (Nunes, 2012), como se pode observar na Figura 3.

Fig. 3: Zonas dos Locais de Competição



Fonte: Nunes (2012)

Além disso, existiam alguns recintos que, por necessidade, estavam fora dos limites da grande Londres, tal como Weymouth e Portland, a cerca de 200 quilómetros a sudoeste, que sediou as provas de vela (Figura 4) (BBC, 2012b, 13 de Agosto).

Fig. 4: Recintos Olímpicos



Hampden Park: futebol; St James' Park: futebol; Old Trafford: futebol; City of Coventry Stadium: futebol; Lee Valley White Water Centre: canoagem (*slalom*); Millennium Stadium: futebol; Hadleigh Farm: ciclismo (bicicleta de montanha); Eton Dorney: canoagem (*sprint*) e remo; Brands Hatch: ciclismo de estrada; Weymouth and Portland: Vela

Fonte: Maps of World (2012)

O torneio de futebol foi realizado em vários locais do Reino Unido (BBC, 2012b, 13 de Agosto), apresentados na Figura 5.

Fig. 5: Locais dos Torneios de Futebol



Fonte: Webs (2011)

As obras começaram no Parque Olímpico em Dezembro de 2006, quando um pavilhão desportivo em Eton Manor foi derrubado (BBC, 2006, 14 de Dezembro) (ver Figuras 6 e 7).

Fig. 6: Parque Olímpico em 2007



Fonte: Anglesey (2012)

Fig. 7: Parque Olímpico em 2012



Fonte: Anglesey (2012)

A vila dos atletas em Portland foi concluída em Setembro de 2011 (BBC, 2011, 13 de Setembro).

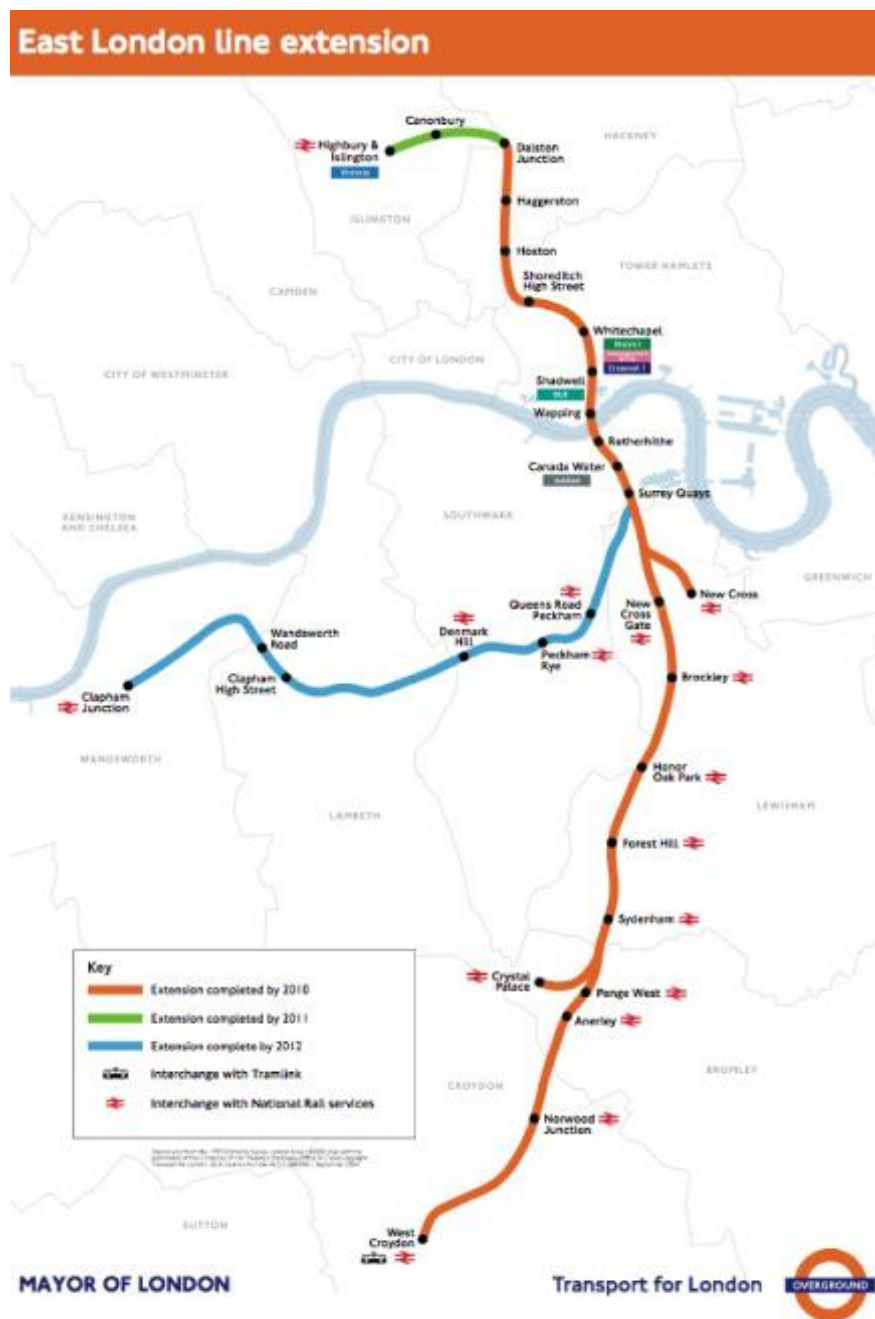
Assim, os Jogos Olímpicos de 2012 usariam uma mistura de novos espaços, instalações existentes e históricas, e instalações temporárias, algumas em locais conhecidos como o *Hyde Park*. Após os Jogos, algumas das novas instalações seriam reutilizadas na sua forma olímpica, enquanto outras seriam redimensionadas ou deslocadas (Excel London, 2005).

As competições de teste foram realizadas ao longo de 2011 e 2012, por meio de um campeonato já existente, como o Campeonato Mundial de Badminton, ou de eventos especialmente criados, realizados pelos preparativos de Londres (BBC, 2011, 24 de Fevereiro).

A Comissão de Coordenação do COI para os Jogos de 2012 completou a sua décima e última visita a Londres em Março de 2012. Os seus membros concluíram que Londres estava pronta para receber o mundo nesse Verão (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres [LOCOG], 2012).

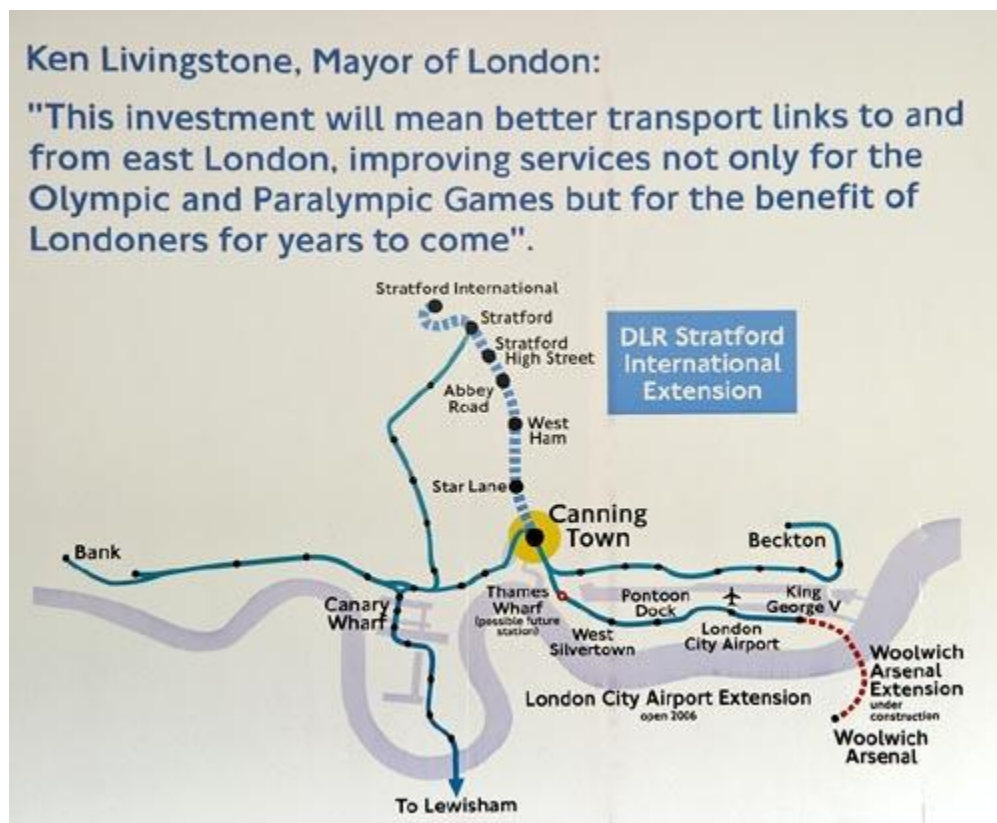
Os transportes públicos de Londres ficaram mal posicionados na avaliação inicial do COI, no entanto, considerou-se que, se as melhorias fossem desenvolvidas a tempo dos Jogos, Londres seria capaz (Comité Olímpico Internacional [COI], 2005). A *Transport for London* (TfL) realizou inúmeras melhorias na preparação para 2012, incluindo a expansão da linha de metro *East London Line* (Figura 8) e da *Docklands Light Railway* (Figura 9) (Railway Technology, 2011b), e a introdução de um novo serviço de transporte ferroviário de alta velocidade, o *Javelin* (BBC, 2004, 27 de Outubro). De acordo com o *Network Rail*, 4 000 serviços ferroviários adicionais operaram durante os Jogos e os operadores de transporte ferroviário dispuseram mais comboios durante o dia (BBC, 2011, 25 de Maio). Durante os Jogos, a estação internacional de Stratford (do Eurotúnel) não foi servida por quaisquer serviços internacionais (comboios da *Eurostar*), assim como antes dos Jogos (BBC, 2010, 25 de Maio).

Fig. 8: Expansão da *East London Line*



Fonte: TfL (n.d.)

Fig. 9: Alteração da *Docklands Light Railway*



Fonte: *Railway Technology* (2011a)

As preocupações foram expressas na gestão de espectadores que viajavam para os eventos fora de Londres. Em particular, as competições de vela em Portland não tinham acessos directos por via rápida e as estradas locais são fortemente congestionadas pelo tráfego turístico no Verão. No entanto, uma estrada de 77 milhões de libras, para ligar Weymouth e Portland a Dorchester, foi construída e inaugurada em 2011 (BBC, 2007, 5 de Abril; BBC, 2011, 17 de Março) (ver Figura 10). Cerca de 16 milhões de libras foram postos de parte para o resto das melhorias (BBC, 2009, 24 de Outubro).

Fig. 10: Estrada que liga Weymouth e Portland a Dorchester (A354)



Fonte: BBC (2007, 5 de Abril)

A TfL também construiu um teleférico de 25 milhões de libras sobre o rio Tamisa, chamado *Emirates Air Line*, para ligar recintos dos Jogos Olímpicos de 2012 (BBC, 2010, 4 de Julho) (ver Figura 11). Foi inaugurado em Junho de 2012 e atravessa o Tamisa entre a Península de Greenwich e o *Royal Docks* (ver Figura 12), transportando até 2 500 passageiros por hora, encurtando o tempo de viagem entre a Arena *O2* e o Centro de Exposições *ExCeL*, e fornecendo uma travessia a cada 30 segundos (Transport for London [TfL], 2010).

Fig. 11: Teleférico sobre o Rio Tamisa



Fonte: Travi (2012)

Fig. 12: *Emirates Air Line*



Fonte: Travi (2012)

O plano era que 80% dos atletas viajassem em menos de 20 minutos para as suas competições (BBC, 2005c, 6 de Julho). O Parque Olímpico seria servido por 10 linhas ferroviárias separadas, com uma capacidade combinada de 240 000 passageiros por hora (BBC, 2004, 5 de Julho). Além disso, o LOCOG planeou que 90% dos recintos fossem servidos por três ou mais tipos de transportes públicos. Dois parques de estacionamento à saída da M25, com uma capacidade para 12 000 carros, estavam a 25 minutos de distância do Parque Olímpico. Outro parque de estacionamento foi planeado em Ebbsfleet, com capacidade para 9 000 carros, onde espectadores poderiam apanhar um autocarro a cada 10 minutos (BBC, 2005c, 6 de Julho). Para os espectadores em Eton Dorney, foram criados quatro esquemas de parques de estacionamento (BBC, 2011, 14 de Setembro).

A TfL definiu uma rede de estradas entre os recintos como a Rede da Rota Olímpica: estradas de ligação entre todas as instalações olímpicas, localizadas dentro de Londres. Muitas dessas estradas também continham pistas olímpicas especiais, marcadas com os anéis olímpicos, reservadas para uso dos atletas olímpicos, funcionários e outras pessoas importantes, durante os Jogos. Membros do público que conduzissem numa pista olímpica

estavam sujeitos a uma multa de 130 libras. Os autocarros de Londres não incluíam estradas com pistas olímpicas nas suas rotas (Beard, 2011; Tuffrey, 2012). O desenho dos indicadores de pista olímpica, em meados de Julho, levou à confusão dos viajantes, que erroneamente acreditavam que as restrições de pista olímpica já haviam tido efeito (mas estariam em vigor em 27 de Julho). A A4 sofreu engarrafamentos devido a motoristas evitarem a pista olímpica, e o mesmo aconteceu numa secção da *Southampton Row* onde as únicas vias disponíveis numa direcção eram uma pista olímpica e um corredor de circulação de autocarros (Bond, 2012).

A TfL criou uma campanha promocional e um *website* (*Get Ahead of the Games*) para ajudar a fornecer informações relacionadas com os transportes durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Através da campanha, a TfL também encorajou o uso da bicicleta como meio de transporte durante os Jogos (Gardner, 2012). No entanto, apesar deste incentivo para usar bicicletas, membros do público protestaram que andar de bicicleta nas estradas de Londres seria mais perigoso devido às pistas olímpicas bloqueadas, e também protestaram contra a decisão de encerrar o *Lea Valley Walk* durante os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos devido a preocupações de segurança (Tuffrey, 2012).

Os voluntários não remunerados, conhecidos como *Games Makers*, executaram uma variedade de tarefas antes e durante os Jogos (Movimento Olímpico, 2012). Um total de 70 000 voluntários foi definido logo em 2004 (Shifrin, 2004). Quando o recrutamento teve lugar, em 2010, foram recebidas mais de 240 000 inscrições (Movimento Olímpico, 2012). Sebastian Coe disse, em Fevereiro de 2012, que os *Games Makers* contribuiriam com um total de cerca de 8 milhões de horas voluntárias durante os Jogos e que os Jogos simplesmente não aconteceriam sem eles (Telegraph staff and agencies, 2012).

Os organizadores estimaram que cerca de 8 milhões de bilhetes estariam disponíveis para os Jogos Olímpicos (Magnay, 2010) e 1,5 milhões de bilhetes para os Jogos Paralímpicos (Sportsmail Reporter, 2011). Mais de 7 milhões de bilhetes foram vendidos (Adam, 2012). Seguindo regras do COI, pessoas candidataram-se a ingressos a partir do Comité Olímpico Nacional (CON) do seu país de residência. Os residentes da União Europeia (UE) poderiam

candidatar-se aos bilhetes em qualquer país da UE (Lynn, 2012). Pela primeira vez na história olímpica, os eventos de vela requeriam a aquisição de bilhete (ISAF, 2011).

Na Grã-Bretanha, os preços dos bilhetes variaram de 20 libras, para muitos eventos, a 2 012 libras, para os lugares mais caros da cerimónia de abertura. Bilhetes gratuitos foram dados aos militares (BBC, 2011, 14 de Junho), bem como aos sobreviventes e às famílias dos que morreram durante os atentados de Londres em 7 de Julho de 2005 (BBC, 2011, 6 de Maio). Inicialmente, as pessoas podiam candidatar-se aos bilhetes através de um *site*, de 15 de Março até 26 de Abril de 2011. Houve uma enorme procura de bilhetes, com uma procura de mais de três vezes o número de bilhetes disponíveis (Bond, 2011). Consequentemente, mais de metade das pessoas que se candidataram ficaram sem ingressos (BBC, 2011, 3 de Julho). Em 11 de Maio de 2012, quase 1 milhão de bilhetes de "segunda oportunidade" foram colocados à venda durante um período de 10 dias, entre 23 de Junho e 3 de Julho de 2011 (BBC, 2011, 11 de Julho). Aproximadamente, havia 1,7 milhões de bilhetes disponíveis para o futebol e 600 000 para outros desportos (incluindo tiro com arco, hóquei, futebol, judo, boxe e vólei). Apesar de terem surgido dificuldades técnicas, dez desportos já tinham os bilhetes todos vendidos às 8 horas da manhã do primeiro dia (BBC, 2011, 26 de Junho).

O LOCOG e o COI contaram com patrocínios de várias empresas de todo o mundo. Os patrocinadores internacionais foram: Acer, Atos, Coca-Cola, Dow, General Electric, McDonalds, Omega SA, Panasonic, Procter & Gamble, Samsung e Visa (COI, n.d.). As empresas, no conjunto, forneceram 1 400 milhões de libras de financiamento, repartidas uniformemente entre o COI e o LOCOG (Rogers, 2012).

No decorrer dos Jogos, houve controvérsias sobre patrocínios, uso dos meios de comunicação social pelos atletas e várias questões políticas (Carman, 2012). Após um processo complicado de sorteio, milhares de pessoas não conseguiram garantir lugares para os eventos que queriam, mas um grande número de lugares vazios foi observado durante os Jogos, mesmo em alguns dos eventos mais populares. Houve especulações de que se tratava

de uma falha dos patrocinadores corporativos na utilização dos bilhetes que tinham recebido (Adam, 2012).

Os Jogos receberam uma aclamação geral da sua organização, com os voluntários, militares britânicos e o entusiasmo do público a serem altamente elogiados (Rogge & Coe, 2012). A cerimónia de abertura, dirigida por Danny Boyle, recebeu uma aclamação generalizada por todo o mundo, nomeadamente, elogios do público britânico e, em minoria, variadas críticas em *sites* de *media* social (Goldsmith, Phillips, Quantick, Brown & Beard, 2012; Topping, 2012). A Arábia Saudita, o Qatar e Brunei incluíram atletas do sexo feminino pela primeira vez. Assim, cada país enviou um concorrente feminino para pelo menos uma das modalidades dos Jogos Olímpicos (Magnay, 2012). O boxe feminino foi incluído pela primeira vez, de modo que os Jogos de Londres se tornaram os primeiros nos quais todos os desportos tinham concorrentes femininos (BBC, 2012, 2 de Agosto).

4.3 – Dados da Investigação

De acordo com Soria (2011), a curto prazo, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2012 foram o maior e mais imediato desafio de segurança para as autoridades.

A operação de segurança dos Jogos Olímpicos de Londres foi liderada pela polícia, com 10 000 agentes disponíveis apoiados por membros das forças armadas. Recursos navais e aéreos, incluindo navios situados no rio Tamisa, *Eurofighters* e mísseis terra-ar, foram implementados como parte da operação de segurança: a maior operação de segurança que a Grã-Bretanha tinha enfrentado durante décadas. No início de Dezembro de 2011, foi aumentado o orçamento de segurança dos Jogos, de 282 milhões para 553 milhões de libras, e o número de pessoal das forças armadas era maior do que a Grã-Bretanha tinha disponibilizado no Afeganistão (BBC, 2011, 15 de Dezembro).

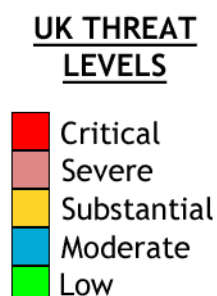
A polícia metropolitana e os *Royal Marines* realizaram exercícios de preparação de segurança para os Jogos Olímpicos em 19 de Janeiro de 2012, com 50 polícias marítimos em lanchas e semi-rígidos acompanhados por cerca de 100 militares e pelo helicóptero *Lynx Navyda* (Seida, 2012).

Marc Walker (2012, 16 de Fevereiro) referiu no *Daily Star* que o “eixo do mal” queria vingar a morte de Osama bin Laden e teria como alvo os Jogos de Verão de Londres 2012. Um informador da segurança disse que sabiam que uma operação estava em andamento e que o alvo mais provável era a Europa e o alvo mais óbvio na Europa para um ataque que atrairia muita atenção seria os Jogos Olímpicos.

Segundo Jenkins (2011, 15 de Novembro), em 2010, a então Ministra da Segurança, Neville-Jones, disse que os 30 recintos de todo o Reino Unido, incluindo parques com ecrãs de transmissão, deveriam ser tratados como sob a ameaça de ataque "grave" e protegidos em conformidade.

Agentes dos serviços de informações disseram que tinha havido um aumento esperado de conversas entre grupos extremistas antes dos Jogos Olímpicos, mas que não havia nenhuma ameaça específica ou credível para os Jogos. O nível de ameaça de terror da Grã-Bretanha permanecia no substancial, o ponto médio numa escala de cinco pontos (ver Figura 13), ou seja, um ataque era uma forte possibilidade (Lawless 2012, 9 de Julho).

Fig. 13: *UK Threat Levels*



Fonte: Serviço de Segurança MI5 (2006)

Jon Corke (2012, 17 de Junho) referiu no *Daily Star* que um "*e-mail* ameaçador" foi enviado para um recinto em Northamptonshire, onde a equipa de natação israelita iria treinar a partir de Julho de 2012, que, com esse ano a marcar o 40.º aniversário do massacre de Munique, onde 11 israelitas morreram, provocou temores de uma repetição do ataque. Um *briefing* visto pelo *Daily Star* descrevia a comunicação como um *e-mail* ameaçador contra Israel. O *e-mail* foi de um indivíduo que expressara não gostar que a equipa israelita usasse a piscina. O *e-mail* afirmava que os israelitas são nada menos do que terroristas. Mais *briefings* revelaram que o *e-mail* destacava o potencial de instalações olímpicas e eventos associados a Israel se tornarem o foco da actividade pró-Palestina/anti-Israel.

Corke (2012, 17 de Junho) afirmou que depois de Munique a segurança dos Jogos passou por uma grande revisão para evitar uma repetição do massacre.

Depois dos Jogos Olímpicos de Munique, a altura dos muros de protecção em volta dos complexos olímpicos foi aumentada cada vez mais, até à “fortaleza londrina”. O Ministro da Defesa, Philip Hammond, disse que “todos os Jogos desenvolveram uma componente militar”, sendo que os Jogos de Seul, em 1988, foram os primeiros a envolver uma operação militar de grande dimensão. As Olimpíadas foram realizadas a 58 quilómetros da zona desmilitarizada, separando a Coreia do Sul da Coreia do Norte. Todo o Exército do país ficou a postos e os Estados Unidos da América também enviaram reforços. Em 2000, poucos meses antes dos Jogos Olímpicos de Sydney, as medidas de segurança olímpica foram ampliadas para garantir a defesa contra ataques químicos e biológicos, devido à descoberta de um depósito de armas. Contudo, foram os ataques terroristas do 11 de Setembro que criaram a segunda maior intensificação da segurança olímpica (depois do Massacre de Munique) (Albuquerque, 2012, 27 de Julho).

Simon Jenkins (2011, 15 de Novembro) indicou que os americanos, preocupados com um ataque terrorista, não estavam apenas a insistir em levar 1 000 agentes do FBI e outros agentes para Londres, mas esperavam que os 10 000 trabalhadores da empresa de segurança privada G4S, nos locais dos Jogos, passassem a ser 21 000. Isto é, além de uma mobilização de cerca de 12 000 polícias por dia. Patrocinadores corporativos, incluindo a

Coca-Cola, segundo as informações recebidas, levariam os seus próprios seguranças privados. De acordo com Jenkins (2011, 15 de Novembro), a este ritmo, Stratford nas Olimpíadas estava em risco de acolher um festival de segurança mundial.

Stephen Robinson (2012, 29 de Junho) revelou que nunca antes, no decorrer de uma prova desportiva, 17 000 concorrentes de mais de 200 países, observados por uns estimados 10,8 milhões de espectadores que compraram bilhetes, foram tão abrangente e dispendiosamente protegidos.

Proteger os participantes Reais durante o *Thames Diamond Jubilee Pageant* foi um desafio, mas que durou seis horas. Londres teve de estar num estado de alerta por 45 dias para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Garantir a segurança dos competidores, detentores de bilhetes e londrinos, durante os Jogos Olímpicos, tornou-se o maior e, por 1 000 milhões de libras, o mais caro reforço de segurança já montado no Reino Unido. Desde mísseis antiaéreos a fuzileiros navais e 9 500 polícias, nada foi deixado ao acaso. Ninguém alguma vez irá saber o verdadeiro custo da operação de segurança dos Jogos Olímpicos, porque tanto dele estaria ocultado em orçamentos policiais e militares existentes. Mas, sabe-se que o subsídio para a segurança dos recintos dos Jogos Olímpicos teve que ser abruptamente duplicado no início de 2012 para 553 milhões de libras, devido a uma subestimativa drástica do trabalho envolvido e do número de sítios que o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Londres considerara necessário proteger. O verdadeiro custo nunca será admitido, mas não seria muito abaixo de 1 000 milhões de libras, contudo, se os jogos passassem sem um incidente terrorista, no alívio geral, ninguém se importaria (Robinson 2012, 29 de Junho).

Um oficial de segurança explicou que alguns 23 000 trabalhadores em *part-time* para a empresa de segurança G4S, que tinha um contrato de 284 milhões de libras pelos organizadores dos Jogos, iriam conduzir a operação de segurança nos recintos dos Jogos Olímpicos. Iriam supervisionar a operação chamada *Mag & Bag*, que é a criação de um cordão de segurança do estilo do aeroporto, em torno de todos os recintos. O “*mag*” envolve a passagem dos detentores de bilhetes através de detectores de metais, procurando

por explosivos e armas; a parte do “*bag*” é passar cada mala por máquinas de raio-X. Cerca de 6 000 militares estariam a ajudar essas pessoas da segurança privada, a maioria dos quais seriam pagos por hora sobre o salário mínimo. Os soldados não iriam ser pagos adicionalmente, embora as suas despesas directas fossem aparentemente reembolsadas. Estes militares estariam de uniforme, mas não iriam estar armados e iriam comportar-se do mesmo modo do pessoal de serviço que, durante muitos anos, tem supervisionado a segurança no torneio de ténis de Wimbledon. Mas outros cerca de 7 000 militares estariam envolvidos de forma centralizada, embora a maior parte não estivesse à vista. Alguns deles, incluindo unidades do Serviço Aéreo Especial (SAS), estariam permanentemente baseados em Londres, no caso de um, embora improvável, ataque do género dos atentados a Mumbai em 2011. O navio *HMS Ocean* iria ser ancorado no rio Tamisa, com cerca de 800 fuzileiros navais e soldados a bordo, enquanto o *HMS Bulwark* patrulharia ao largo de Weymouth, protegendo o evento de vela (Robinson, 2012, 29 de Junho).

McTague (2012, 24 de Julho) relatou que equipas estariam responsáveis por verificar o trabalho dos vigilantes e certificar que não haveria preocupações pela falta de formação em como usar as máquinas de raio-X estilo aeroporto e outras medidas de segurança.

A empresa de segurança G4S disse que teria 5 800 vigilantes de segurança em todas as instalações olímpicas e iria adicionar 1 000 antes da cerimónia de abertura; muito aquém dos 10 000 que tinham inicialmente prometido (McTague, 2012, 24 de Julho).

Durante os Jogos, o dia-a-dia da operação de segurança seria executado na sala de controlo *Met's Lambeth*, onde em horas de ponta 300 funcionários estariam a monitorizar ecrãs, a projectar imagens e informação das faixas das câmaras CFTV (Circuito Fechado de Televisão), absorvendo informações dos recintos dos Jogos Olímpicos e da rede de transportes de Londres. Iria haver uma reunião diária em Whitehall, entre os chefes das diversas entidades: polícia, bombeiros, militares, transporte e autoridades portuárias do Tamisa (Robinson, 2012, 29 de Junho).

O Ministério da Defesa distribuiu folhetos aos residentes do complexo habitacional *Lexington*, em Bow Quarter, para anunciar que um sistema de mísseis seria colocado no

topo da Torre de Água do complexo (ver Figura 14). Isto causou preocupação a alguns moradores. O Ministério disse que provavelmente usariam mísseis *Star Streak* (Booth, 2012).

Fig. 14: Complexo habitacional *Lexington* (panorama do Parque Olímpico)



Fonte: Rex Features (2012)

Jill Lawless (2012, 9 de Julho) referiu no jornal *Madison Press* que os residentes de uma torre de apartamentos de Londres foram a tribunal numa tentativa de impedir que o seu telhado fosse usado como uma base de mísseis durante os Jogos Olímpicos de 2012, dizendo que a instalação numa área densamente povoada pode tornar o edifício um alvo terrorista. O advogado dos moradores, Marc Willers, disse ao Supremo Tribunal que os seus clientes tinham um medo totalmente justificado de que a instalação do sistema de mísseis no telhado da torre *Fred Wigg* desse origem ao risco adicional de a torre em si poder tornar-se o foco de um ataque terrorista.

De acordo com Lawless (2012, 9 de Julho), o exército britânico planeava instalar mísseis terra-ar em seis locais em torno de Londres como parte de uma vasta operação de segurança para os Jogos. Mas os moradores da torre *Fred Wigg*, em Leytonstone, Londres, diziam que não tinham sido consultados sobre o assunto. O secretário de defesa, Philip Hammond, disse que os mísseis, capazes de derrubar um avião sequestrado ameaçando o Parque Olímpico, são uma parte prudente de precauções de segurança destinadas a fornecer tranquilidade e um poderoso obstáculo. Hammond disse que as objecções aos planos de segurança, que também incluíam 7 500 soldados, caças da Força Aérea Real em *standby* em bases aéreas das proximidades e um porta-helicóptero no rio Tamisa, limitavam-se a um pequeno número de activistas. Theresa May, Ministra da Administração Interna, insistiu que Londres iria desfrutar de uma Olimpíada *safe* e *secure*, entre perguntas dos deputados da oposição sobre preocupações relacionadas com o facto de a empresa de segurança privada, responsável por cerca de 100 recintos, ainda precisar de treinar e credenciar vigilantes. May disse que o governo estava confiante dos seus planos de segurança e confirmou que o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres estava responsável pelo calendário de contratação dos vigilantes. Proteger as Olimpíadas é um grande desafio e o Ministério do Interior pôs em prática uma série de diferentes processos para se certificar de que teriam um controlo eficaz e robusto do planeamento de segurança do local, disse May aos deputados.

Robinson (2012, 29 de Junho) afirmou que os londrinos foram convidados a aceitar os sistemas de mísseis de alta velocidade *Starstreak*, sendo suposto que esses sistemas letais derrubassem qualquer aeronave que atravessasse a zona aérea de todo o leste de Londres naquele Verão. Ou seja, assumindo que algum avião tivesse, por acaso, voado mais rápido do que os *Eurofighters Typhoon* que patrulhariam permanentemente os Concelhos ao redor de Londres durante o período dos Jogos Olímpicos.

Funcionários da defesa disseram que todas as Olimpíadas desde Atlanta em 1996 tiveram algum tipo de defesa aérea. Na verdade, a cobertura mediática das instalações de mísseis foi deliberadamente confeccionada para tranquilizar os londrinos de que tudo estava a ser feito para os proteger e para lembrar a al-Qaeda de nem sequer ponderar tentar uma reprodução

do 11 de Setembro em Londres. Pouco antes do início dos Jogos, os militares estariam pré-autorizados para tomar a importante decisão de abater um avião civil, pois a decisão teria que ser tomada numa questão de segundos (Robinson, 2012, 29 de Junho).

Burleigh (2012, 11 de Julho) indicou no *Daily Mail* que um ex-agente da polícia, seu conhecido, estava certo de que a segurança ao redor das instalações olímpicas seria “apertada” o suficiente para evitar que incidentes ocorressem. Daí a publicidade dada aos mísseis antiaéreos implementados em blocos de apartamentos. Mas o que realmente o preocupava era os ataques com armas em locais auxiliares, onde grandes multidões se iriam reunir para assistir aos Jogos em ecrãs. Enquanto havia um grande planeamento para garantir que as forças armadas e a polícia responderiam com coerência e grande poder de fogo, pergunta-se quanto dano poderia ser causado antes de chegarem ao local, no meio do caos do trânsito de um dia no centro de Londres. Num dia de semana normal, a velocidade média do tráfego é de 9 km/h. Burleigh (2012, 11 de Julho) também referiu que desde Fevereiro de 2012 importantes exercícios, envolvendo mais de duas mil pessoas dos serviços de emergência, foram praticados, simulando ataques no metro de Londres. Como um utilizador regular do metro, Burleigh (2012, 11 de Julho) afirmou que também poderia claramente prever as consequências de outro 7 de Julho em condições onde “mover um braço ou um pé” é quase impossível durante a hora de ponta.

Membros do parlamento e outros advertiram, a 18 de Julho de 2011, que a desordem no *Scotland Yard* levantou sérias questões sobre a segurança olímpica. Patrick Mercer disse que os “inimigos” disseram que as Olimpíadas seriam atacadas, por isso, estava muito preocupado com a situação no metro (Bentham & Lydall, 2011, 18 de Julho).

Haveria armas em todo o lado. A polícia dos transportes prometera polícias com metralhadoras no metro durante os Jogos (Jenkins, 2011, 15 de Novembro).

Na verdade, o cenário com aeronaves comerciais hostis não era o que mais preocupava os funcionários de segurança. Nem seria provável que alguém que planeasse um ataque terrorista às Olimpíadas chegasse a Heathrow uns dias antes da cerimónia de abertura. O problema muito maior era a adormecida célula terrorista doméstica, ou o operador que

procurasse chamar a atenção por qualquer causa que defendesse. Por causa dos ataques de Julho de 2005 à rede de transportes públicos de Londres, que ocorreu no dia após o anúncio de que Londres tinha ganho o acolhimento dos Jogos, pensava-se principalmente uma ameaça terrorista islâmica. Mas existiam outros grupos. Os vários terroristas dissidentes do Exército Republicano Irlandês, o Real IRA e o Continuity IRA, certamente poderiam actuar montando uma operação na Grã-Bretanha. Portanto, o verdadeiro desafio, para os organizadores de segurança, era a recolha de informação crucial, que seria o que mais provavelmente frustraria um ataque. O MI5 seria central neste esforço. Por causa dos ataques do 11 de Setembro e do 7 de Julho, o número de agentes do MI5 seria duplicado para 3 500, mesmo antes do desafio dos Jogos Olímpicos. A capacidade da Al-Qaeda para atacar na América e na Europa tem sido desarticulada, por os seus principais líderes no Paquistão e no Afeganistão serem alvos de assassinato, é por isso que os *jihadistas* são obrigados a desenvolver as suas próprias tácticas e a praticar a sua iniciativa localmente. Estas células não podem estar regularmente em contacto via telemóvel ou *e-mail* com os seus mentores no exterior, então, são muito mais difíceis de localizar. Centenas de extremistas islâmicos tinham vontade de atacar as Olimpíadas; a prioridade para o MI5 era fazer avaliações dos que teriam realmente capacidade de o fazer. A operação de segurança dos Jogos Olímpicos foi planeada numa altura em que o *Joint Terrorism Analysis Centre* classificou a ameaça terrorista como “severa”. Desde aí, a ameaça foi reduzida para “substancial”, porque não havia nenhuma ameaça específica, credível, para além do reconhecimento de que qualquer terrorista adoraria fazer uma entrada nas Olimpíadas de Londres. Talvez tivesse sido o facto de Londres ser um alvo principal da al-Qaeda há mais de dez anos que tornou esta vasta operação de segurança viável (Robinson, 2012, 29 de Junho).

Theresa May e o chefe da polícia Paul Stephenson apareceram juntos na *Scotland Yard*, num *briefing* de segurança para os Jogos, em que o terrorismo foi nomeado como a ameaça número um. Na altura, May elogiou a liderança de Paul e insistiu que os preparativos para umas Olimpíadas seguras estavam num bom caminho (Bentham & Lydall, 2011, 18 de Julho).

Murphy e Cecil (2012, 18 de Outubro) referiram que um projecto da Estratégia de Segurança Nacional, visto pelo *Evening Standard*, dizia que esta seria a primeira vez que uns Jogos têm sido montados num ambiente de alta ameaça terrorista e, embora fortes preparativos tivessem sido feitos, não deveriam subestimar o desafio. A estratégia de segurança não deixa dúvidas da grande tarefa enfrentada pela MI5 e a polícia metropolitana para proteger atletas e espectadores durante os Jogos.

Sobre a ameaça informática, que poderia vir de gangues criminosos ou inimigos do Estado, o projecto dizia que os Jogos Olímpicos representam uma enorme vulnerabilidade. Os recursos estariam a ser desviados pela primeira vez para combater o perigo representado por *hackers*. Esperava-se que a revisão de despesa global confirmasse que 65 milhões de libras iriam para comandantes da segurança, para construir defesas contra invasores que procurassem sequestrar computadores para roubar segredos, danificar a economia ou paralisar serviços nacionais. A Estratégia de Segurança Nacional afirmou que as forças armadas seriam a “espinha dorsal” da defesa britânica, mas que os seus esforços teriam que ser complementados com outras ferramentas que ajudariam a lidar com todos os riscos de segurança. O relatório da estratégia de segurança revelou que cerca de 20 redes de espionagem estrangeiras operavam contra os interesses do Reino Unido. Os perigos informáticos seriam colocados no topo do *ranking* das ameaças à segurança nacional, enquanto um ataque convencional por outro país passaria para o para o terceiro nível. A razão era o grande volume de ataques montados numa base diária e a importância das redes de computadores para a vida moderna (Murphy & Cecil, 2012, 18 de Outubro).

Chris Hughes (2013, 8 de Julho) referiu que os dirigentes dos Jogos Olímpicos viram-se em apuros, poucas horas antes da cerimónia de abertura, no momento em que apareceram terroristas informáticos que planearam apagar as luzes do Estádio Olímpico de Londres. O chefe de segurança informática, Oliver Hoare, revelou a 8 de Julho de 2013 que recebeu uma chamada urgente às 04 horas e 45 minutos dos chefes de contra-espionagem, no dia de abertura, a avisar de um possível ataque no sistema de segurança, apesar da enorme operação para o evitar. E a ameaça manteve-se até à hora antes da cerimónia de 27 milhões de libras, vista por cerca de 1 000 milhões de pessoas em todo o mundo, começar. Hoare

revelou que houve uma suposição de que havia um ataque credível sobre a infra-estrutura de electricidade. Se as luzes se tivessem apagado, o impacte seria enorme e podia ter custado milhões. Hoare disse também que, uma hora antes de a cerimónia começar, um dos seus trabalhadores lhe transmitiu uma boa notícia: se as luzes se apagassem poderiam fazê-las voltar a funcionar independentemente dentro de 30 segundos. Mas, acrescentou que tinham testado, não menos que cinco vezes, a possibilidade de um ataque informático à infra-estrutura de electricidade. Trinta segundos, na cerimónia de abertura, com as luzes apagadas teria sido catastrófico. A resposta inicial veio da equipa de coordenação olímpica. Na altura, os organizadores até ligaram as luzes utilizando um sistema "manual" para testá-lo, no caso do ataque informático ocorrer. Hoare disse que, efectivamente, tiveram muitos técnicos em vários pontos. O chefe do Centro de Vigilância do Governo (GCHQ), Iain Lobban, confirmou que os atacantes tinham tentado “hackear” os sistemas de segurança do Reino Unido (Hughes, 2013, 8 de Julho).

Tom McTague (2012, 24 de Julho) revelou que os comandantes da segurança dos Jogos Olímpicos temiam que um único terrorista pudesse tentar atacar os Jogos, quando mais 1 200 militares de elite foram mobilizados, a 24 de Julho de 2012. O presidente da Câmara de Londres, Boris Johnson, e Bernard Hogan-Howe, comissário da polícia metropolitana, falaram das preocupações de um potencial ataque de um terrorista solitário, depois de Johnson visitar a sala de operações de alta tecnologia. As preocupações surgiram na sequência de 12 pessoas terem sido mortas a tiro, por um homem, numa sessão da meia-noite do filme “Batman”, no Colorado. Hogan-Howe disse que, certamente, um indivíduo que, como visto na América, se apodera de uma arma de fogo e aterroriza é sempre uma possibilidade. Disse também que trabalhavam com os serviços de segurança para identificar as pessoas que acham que estariam em risco de fazer isso e, então, tinham bons sistemas para ter a certeza que, se o pior acontecesse, lidariam com este tipo de ataque rapidamente. Hogan-Howe considerava que tinham um bom plano. Johnson disse que foi "retranquilizado" depois de visitar o centro que tinha acesso a 10 000 câmaras por toda Londres. Perguntado sobre a ameaça de um “lobo solitário”, Johnson acrescentou que nada do que se pudesse fazer poderia dar a certeza de que qualquer cidade do Reino Unido fosse

totalmente segura e que o que se poderia fazer era gerir o risco, e, qualquer pessoa iria observar que estavam a trabalhar arduamente nesse sentido. O Secretário da Cultura, Jeremy Hunt, disse que os 1 200 militares foram recrutados porque os ministros não queriam deixar nada ao acaso. Iria haver 18 000 militares a ajudar a proteger os Jogos, o dobro do número dos que serviram no Afeganistão.

De acordo com Carlos Albuquerque (2012, 27 de Julho), na cerimónia de abertura, os Jogos Olímpicos de Londres já contavam efectivamente com polícias civis e militares, mísseis terra-ar nos arredores do complexo olímpico e ao longo do rio Tamisa, navios de guerra no sul do Reino Unido e 17 quilómetros de cerca eléctrica com quatro metros de altura em volta do Parque Olímpico. Foi estabelecida pelo governo dos Estados Unidos da América uma central de controlo a operar 24 horas por dia, para apoiar a organização de Londres na monitorização da ameaça terrorista durante as Olimpíadas. Devido a pouco antes dos Jogos a empresa privada de segurança G4S ter admitido não ter conseguido recrutar vigilantes suficientes, apesar de seu contrato milionário com o governo, cerca de 4 700 soldados foram mobilizados a poucos dias das Olimpíadas.

4.4 – Análise

A análise tem por objectivo verificar as hipóteses que permitirão, posteriormente, dar resposta à pergunta de partida: - *Qual o impacto do terrorismo na segurança dos mega eventos desportivos?*

4.4.1 - Hipótese Central: O terrorismo altera a segurança dos Jogos Olímpicos.

Para verificar a hipótese central do presente trabalho, proceder-se-á à verificação das quatro hipóteses enunciadas, através da análise de conteúdo e de dados pré-existentes observados a

partir da recensão bibliográfica e dos relatórios oficiais dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

As variáveis presentes nas hipóteses são: a percepção do terrorismo como ameaça, a segurança dos Jogos Olímpicos e o tempo.

A variável “tempo” refere-se ao ano de edição dos Jogos Olímpicos.

4.4.2 - Hipótese 1: Existe uma relação entre terrorismo e Jogos Olímpicos.

A hipótese 1 foi verificada através da análise dos capítulos II-1 e III do presente trabalho. Os Jogos Olímpicos são eventos que envolvem grandes multidões em conjunto. São eventos desportivos de grande dimensão, uma vez que possuem um grande número de intervenientes, espectadores e telespectadores. A ressonância dos Jogos Olímpicos é a nível internacional, assim como a intensidade da sua cobertura mediática. São um dos eventos desportivos maiores do mundo e têm um forte reconhecimento, grande cobertura publicitária dos meios de comunicação e uma capacidade de atracção internacional de participantes. Ao longo das várias edições, verificou-se a presença de um carácter político na realização dos Jogos Olímpicos. Observou-se que, face à sua dimensão global, os Jogos são uma oportunidade ímpar para a manipulação de diferentes objectivos e componentes de política internacional. O terrorismo é o emprego de terror contra um determinado público, para alcançar um objectivo político, caracterizando-se pelo uso de violência através de ataques a pessoas ou bens, de modo a criar medo ou terror. O terrorismo internacional é um novo tipo de guerra, que não está limitado territorialmente, sendo que pode ocorrer em todo o mundo. O terrorismo ganha contornos novos num mundo globalizado, ampliando a uma escala global o conjunto das potenciais vítimas, desterritorializando-se. O terrorismo transnacional procura divulgar os seus valores (pelos meios de comunicação) e demonstrar a sua superioridade em relação ao poder do Estado, através do carácter inesperado das suas acções, relevando o que considera a ineficiência da prevenção de atentados. Observou-se,

também, que eventos desportivos têm sido alvo de terroristas em diferentes ocasiões desde o ataque nos Jogos Olímpicos de Munique, que a transmissão televisiva global e a cobertura mediática dos Jogos Olímpicos são particularidades que potenciam o terrorismo, devido à sua alta visibilidade pública, exposição na comunicação global e representação simbólica, e que é inevitável que um grande evento desportivo seja alvo, devido, também, à importância da selecção de alvos simbólicos por terroristas.

Confirmando-se a hipótese 1, verificar-se-á de seguida a hipótese 2.

4.4.3 - Hipótese 2: A percepção do terrorismo como ameaça tem-se alterado ao longo dos tempos.

A percepção do terrorismo como ameaça deverá ser avaliada de modo a poder se determinar o seu nível. O nível de percepção do terrorismo pode ser determinado a partir de uma análise de conteúdo, através do número de artigos/notícias que fizeram referência ao terrorismo antes da edição dos Jogos Olímpicos em questão.

Para efeitos do presente trabalho, “percepção do terrorismo como ameaça” refere-se ao conhecimento do terrorismo como um fenómeno actual (na época em questão), uma ameaça, uma realidade.

Uma vez que “os *media* não só definem para a maioria da população quais são os acontecimentos significativos que estão a ocorrer, como também lhe apresenta interpretações poderosas sobre como os compreender, onde, implicitamente, se determinam orientações face aos acontecimentos” (Ponte, 2001, p. 265), foi considerado pertinente admitir que quanto mais os *media* referissem o terrorismo, mais informada a população/sociedade estaria acerca do fenómeno, ou seja, maior o seu nível de percepção do terrorismo. Assim, a percepção para cada edição dos Jogos Olímpicos é avaliada com base no conhecimento que as pessoas teriam antes da celebração da mesma. Por isso, foi

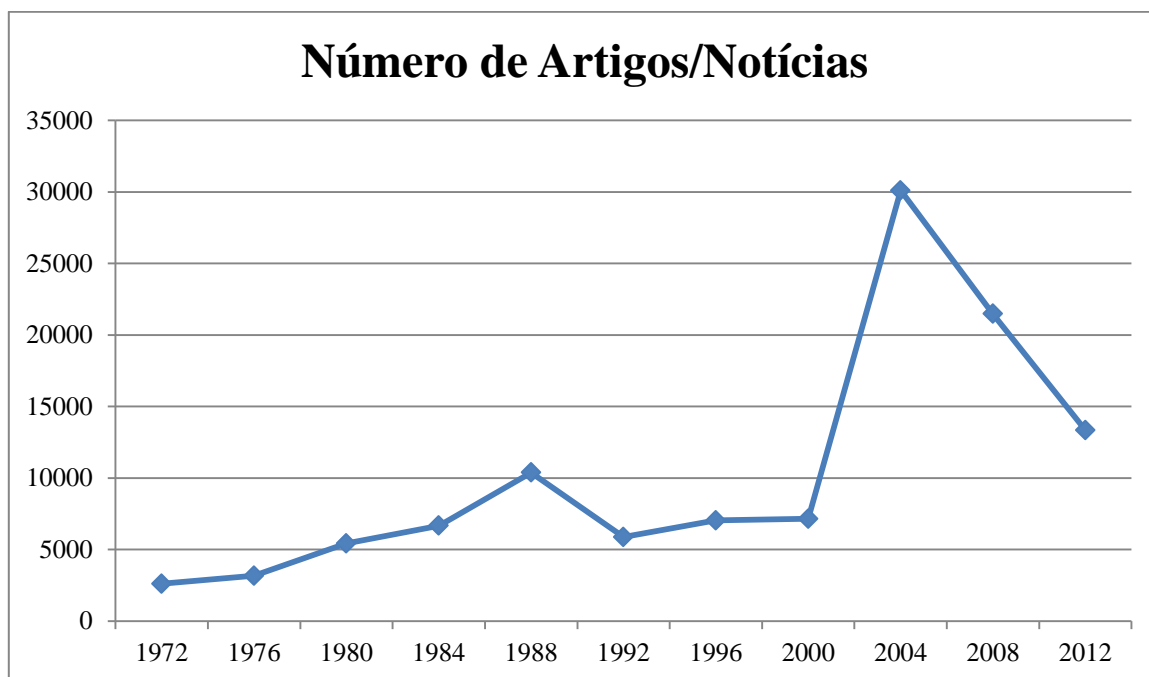
considerado o intervalo de tempo desde o dia seguinte da cerimónia de encerramento da edição anterior até à véspera da cerimónia de abertura da edição do ano em questão. Optou-se por não coincidir com o período dos Jogos em si, uma vez que as medidas de segurança são implementadas antes da celebração dos mesmos.

O primeiro relatório oficial dos Jogos Olímpicos a referir o fenómeno do terrorismo foi o dos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, ao abordar o ataque terrorista de 5 de Setembro de 1972, sendo este o primeiro episódio de terrorismo internacional verificado nos Jogos Olímpicos da Era Moderna. As Olimpíadas de Munique marcaram uma transição clara do terrorismo local ou regional para global. Marcaram, também, o ponto em que os terroristas trocaram atacar alvos políticos pelo que são considerados de alvos sociais (Richards *et al.*, 2011). Envolvendo as Olimpíadas alvos sociais, optou-se por analisar as edições dos Jogos Olímpicos a partir de 1972.

Foram escolhidos quatro jornais/revistas para analisar; dois americanos: *Time* e *The Washington Post*; e dois europeus: *Le Monde* e *Die Zeit*.

Jornal Tempo	Time	The Washington Post	Le Monde	Die Zeit	Total de Artigos/ Notícias
1972	246	608	1 535	22	2 611
1976	300	687	2 095	87	3 169
1980	461	1 229	3 289	449	5 428
1984	464	1 956	3 991	256	6 667
1988	601	3 967	5 473	343	10 384
1992	324	2 268	3 087	200	5 879
1996	400	2 440	4 003	194	7 037
2000	360	2 517	3 990	285	7 152
2004	2 212	17 382	9 493	1 015	30 102
2008	1 861	10 447	7 929	1 237	21 474
2012	1 907	4 644	5 523	1 269	13 343

Fonte: O Autor

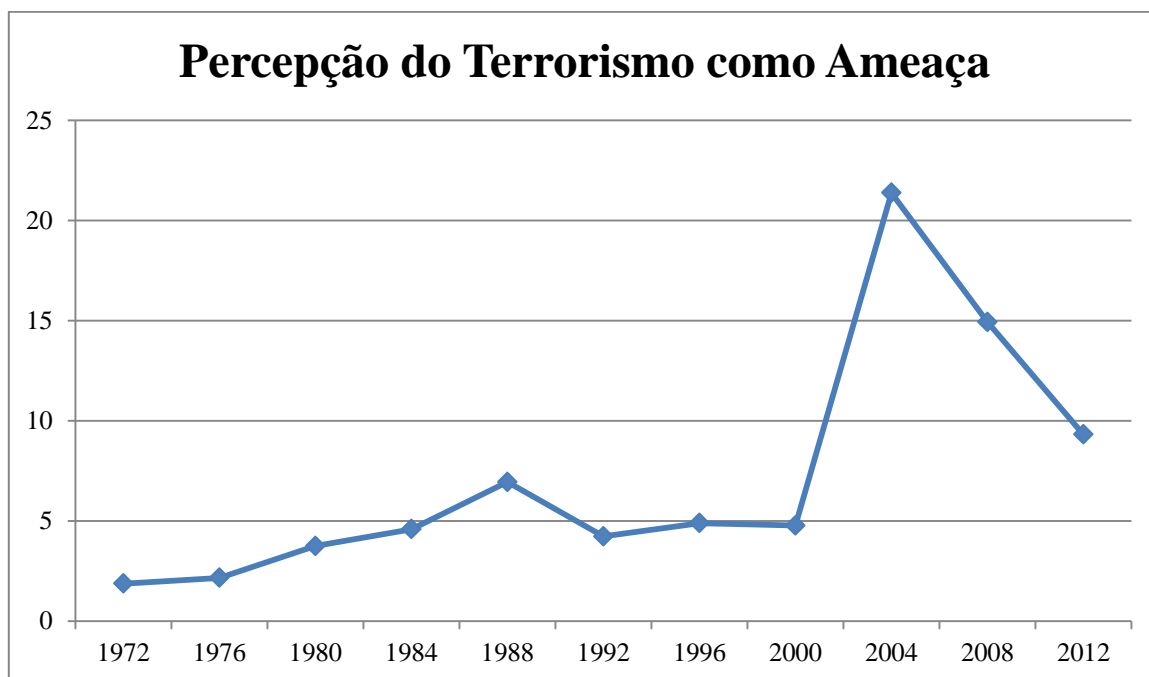


Fonte: O Autor

Como o intervalo de tempo não é igual para cada edição, devido ao facto de as edições não começarem e acabarem todas no mesmo dia e mês em cada ano, para determinar o nível de percepção do terrorismo como ameaça será determinada a razão notícias / número de dias:

Tempo - Edição dos Jogos Olímpicos	Notícias/Artigos / N° de Dias = Percepção
1972 – Munique	$2\,611 / 1\,397 = 1,87$
1976 – Atlanta	$3\,169 / 1\,465 = 2,16$
1980 – Moscovo	$5\,428 / 1\,446 = 3,75$
1984 – Los Angeles	$6\,667 / 1\,453 = 4,59$
1988 – Seul	$10\,384 / 1\,495 = 6,95$
1992 – Barcelona	$5\,879 / 1\,390 = 4,23$
1996 – Atlanta	$7\,037 / 1\,438 = 4,89$
2000 – Sydney	$7\,152 / 1\,499 = 4,77$
2004 – Atenas	$30\,102 / 1\,408 = 21,38$
2008 – Pequim	$21\,474 / 1\,438 = 14,93$
2012 – Londres	$13\,343 / 1\,431 = 9,32$

Fonte: O Autor



Fonte: O Autor

Dado que os números de dias entre cada edição não apresentam valores muito diferentes, os dois gráficos não diferenciam muito um do outro.

Como se pode observar, o número de notícias/artigos que referem a palavra terrorismo tem vindo a aumentar até 1988 e, apesar de ter baixado em 1992, volta a aumentar em 1996. Já em 2004, observam-se valores muito mais elevados. O que significa que nunca antes as pessoas estavam tão informadas em relação ao terrorismo, como em 2004, ou seja, a percepção do terrorismo atinge o seu pico na primeira edição dos Jogos Olímpicos do século XXI, a primeira depois dos atentados de 11 de Setembro de 2001 e de 11 de Março de 2004, e volta a diminuir até 2012. Deste modo, é possível confirmar a hipótese 2 que afirma que a percepção do terrorismo como ameaça tem-se alterado ao longo dos tempos, uma vez que foi observado que a percepção do terrorismo varia de acordo com o tempo.

4.4.4 - Hipótese 3: O sistema de segurança dos Jogos Olímpicos tem-se alterado ao longo do tempo.

Uma vez que não existe um modelo que permita avaliar o nível de segurança para os Jogos Olímpicos, optou-se por fazer uma breve descrição da segurança de cada edição, baseada principalmente nos Relatórios Oficiais das mesmas, e realizar uma tabela que ilustre as principais medidas de segurança tidas em conta nas diferentes edições, para que seja possível determinar um nível de segurança que permita efectuar comparações ao longo do tempo.

1972 - Munique

O orçamento de segurança para Munique foi de aproximadamente 2 milhões de dólares (ou aproximadamente 12 milhões de dólares em preços de 2008) (Richards *et al.*, 2011).

De acordo com o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Munique (1972), o serviço de segurança do Comité Olímpico destinava-se a impedir a intervenção da polícia na área olímpica, na medida do possível. Este objectivo foi alcançado, quando não são considerados os eventos de 5 de Setembro de 1972. O serviço de segurança era uma parte importante do conceito de uns Jogos "despreocupados". Contribuiu para uma atmosfera feliz, sem restrições. A sua intervenção reguladora e orientadora sentiu-se onerosa. Infelizmente, nem o serviço de segurança, nem a polícia regular foram capazes de garantir segurança absoluta.

Como foi referido anteriormente, a Alemanha procurava extinguir as lembranças dos Jogos de Berlim, marcados pelo hitlerismo (Hargreaves, 1992); daí a vontade de conceber uns Jogos onde a intervenção policial fosse imperceptível, apresentados como “despreocupados”.

Zvi Zamir, ex-chefe do Mossad, disse que a polícia alemã não fez sequer um mínimo de esforço para salvar vidas humanas, que os atiradores de elite alemães tinham sido equipados apenas com pistolas e que o transporte de pessoal destinado à operação de resgate tinha chegado tarde. Referiu também que não tinham nenhum plano de acompanhamento, nem qualquer meio de improvisar (The Local, 2012, 5 de Setembro).

A revista *Der Spiegel* acusou o governo alemão e os organizadores olímpicos de encobrir erros graves: meses antes da tomada de reféns, o Ministério do Interior da Alemanha e a polícia estadual da Baviera alertaram as autoridades federais, em vão, da possibilidade de "actos terroristas" nos Jogos. Referiu também que a vila olímpica foi cercada por uma cerca simples, sem reforço de segurança (The Local, 2012, 5 de Setembro).

Com efeito, Munique é agora amplamente considerada, dentro dos círculos de segurança, como um excelente exemplo do que não fazer, em quase todos os níveis, quando se trata de proteger grandes eventos, como as Olimpíadas (Richards *et al.*, 2011).

Segundo Fussey *et al.* (2011), o modelo de segurança foi de “baixa intensidade” (p. 71).

Assim, observou-se um sistema de segurança ineficaz contra ataques terroristas para os Jogos Olímpicos de Munique, 1972.

1976 - Montreal

Para Montreal, o custo de segurança interna foi de 1,2 milhões de dólares (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Montreal, 1978) (ou aproximadamente 5 milhões de dólares em preços de 2014).

De acordo com Fussey *et al.* (2011), foi seguido um modelo de “segurança total” (p. 71), com espaços segregados, implementação de vigilância generalizada e CFTV, corredores de transporte isolados, e segurança visível e militarizada. Foi acordado que a melhor maneira de dissuadir os instigadores suspeitos era a que não deixasse dúvidas nas suas mentes de

que estavam sob vigilância contínua. Talvez tenha sido a primeira implementação sistemática e generalizada de CFTV como um recurso olímpico (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Montreal, 1978).

As medidas implementadas em Montreal tornaram-se características das estratégias de segurança olímpica subsequentes e marcaram a crescente importância da vigilância eletrônica. Alguns pontos de análise relevantes hoje surgem a partir da abordagem de segurança em Montreal, como a questão da constante mutabilidade da ameaça. Muitas dessas medidas estão enraizadas nas consequências de Munique (Richards *et al.*, 2011).

De acordo com o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Montreal (1978), apesar dos milhões de visitantes, os Jogos Olímpicos de 1976 decorreram de forma tão calma que o grande mecanismo de segurança pode parecer ter sido desproporcionado. Mas, comparativamente, Montreal estava entre as cidades anfitriãs com a menor mobilização das forças de segurança. O âmbito da operação em si mais do que justificava a participação dos militares. Ter esquecido essa necessidade não só não teria sido responsável, mas poderia ter tido consequências graves, oferecendo àqueles com má intenção uma oportunidade excepcional para fazer o mal. A grande operação de segurança de Montreal foi a única maneira de assegurar que este festival de desporto internacional e social se realizasse pacificamente. Os funcionários de segurança dos Jogos da XXI Olimpíada ficaram, portanto, satisfeitos com a implementação do seu ponderado e eficiente programa. De facto, a organização de segurança ajudou a desenvolver áreas, até então impensadas, de comunicação e cooperação entre a polícia e os militares. Embora seja impossível medir o efeito do programa de segurança, deve notar-se que a taxa de crimes em Montreal diminuiu em mais de 20 por cento durante os Jogos. O espírito de cooperação entre a polícia e os militares foi bastante importante para o sucesso da operação. Embora em muitos países tais relações não sejam incomuns e chefes de polícia tenham experiência militar, este não é geralmente o caso no Canadá. A polícia e os militares são duas entidades separadas, completamente independentes uma da outra. A militar não está familiarizada com o trabalho da polícia, especialmente em áreas urbanas, e a polícia nem sempre entende a hierarquia, a disciplina e os métodos das forças armadas. Mas, para os Jogos Olímpicos,

cada um realizou o seu papel com distinção. Durante e após os Jogos, o consenso mostrou que as medidas tomadas foram, de facto, de acordo com as necessidades, que tranquilizaram os participantes e espectadores, e geralmente evitaram ser perturbadoras. A grande importância dada às forças de segurança não significa que os direitos civis foram ignorados sob o pretexto de que a segurança individual ou nacional estava em risco. Se os Jogos Olímpicos se repetissem em Montreal, o Comité Olímpico de Montreal não hesitaria em adoptar as mesmas medidas de segurança.

Uma enorme ênfase foi colocada sobre três vertentes específicas de segurança: um acento carregado em medidas preventivas, uma presença forte e visível das forças de segurança e uma particular ênfase nas reforçadas e integradas medidas de comunicação e tomada de decisão (Richards *et al.*, 2011).

As consequências que irradiam a partir de Munique, incluindo críticas formuladas no COI, levaram a protecção do terrorismo a tornar-se a preocupação-chave de segurança para o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Montreal (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Montreal, 1978). Tal preocupação, por sua vez, teve um impacto colossal na estratégia de segurança de Montreal (Fussey *et al.*, 2011). Assim, verificou-se uma preocupação com o terrorismo nas medidas de segurança tomadas para os Jogos Olímpicos de Montreal, 1976, uma vez que estes foram a edição seguinte ao Massacre de Munique.

1980 - Moscovo

O relatório oficial dos Jogos Olímpicos de Moscovo, 1980, não contempla nenhum capítulo dedicado à segurança do evento. As questões de segurança apresentam-se dispersas ao longo do relatório. Este também não faz qualquer menção ao fenómeno terrorismo, percebendo-se que não foi dada grande ênfase a esta questão no planeamento dos Jogos. De lembrar que, na altura, a União Soviética era governada por um regime totalitário comandado pelo partido comunista.

Medidas de segurança anteriores, incluindo detectores de metais e *scanners* de raio-X (usados nos Jogos anteriores, incluindo nos Jogos de Inverno em Lake Placid naquele ano), foram incorporadas ao mesmo tempo que novas abordagens foram refinadas, tais como estratégias de policiamento estilo “tolerância zero” e ordens de exclusão, que também têm destaque nos Jogos subsequentes. Outro tema central da estratégia de segurança de Moscovo foi a extensa militarização de policiamento (Fussey *et al.*, 2011).

Conforme Fussey *et al.* (2011), a segurança para os Jogos Olímpicos de Moscovo contou com um destacamento militar sem precedentes. No entanto, Moscovo, 1980, fez pouco esforço para investir em instalações não directamente relacionadas com o desporto além de um novo aeroporto terminal, centros de *media* e hotéis (Chalkley & Essex, 1999).

Devido à precisa e eficiente organização dos Jogos de 1980, à ordem e segurança das instalações olímpicas, nenhuns danos a elementos estrangeiros ou soviéticos foram registados (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Moscovo, 1981).

1984 – Los Angeles

De acordo com o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1985), em 1983, o orçamento destinado ao departamento de segurança era de 42 500 000 dólares, tendo aumentado para 45 000 000 em 1984. No entanto, o custo efectivamente gasto com a segurança foi de 35 313 000 dólares. A mesma fonte referiu que os Jogos Olímpicos de Los Angeles contaram com um total de 12 312 vigilantes treinados.

Foi observado um policiamento privado em grande escala (Fussey *et al.*, 2011).

As metas e os objectivos estabelecidos na fase inicial do planeamento de segurança foram realizados em 15 de Agosto de 1984, quando a última delegação CON partiu do Aeroporto Internacional de Los Angeles em segurança. As responsabilidades da Comissão Organizadora foram cumpridas sem nenhum incidente importante ocorrido, um tributo a aproximadamente 18 000 seguranças do Comité Organizador e aos polícias que

trabalharam para fazer dos Jogos um sucesso. O conceito de combinação da lei com a segurança privada, desenvolvido pela organização de segurança do Comité, provou ser sólido e viável. A aplicação da lei foi altamente elogiada pelo desempenho da segurança privada, conforme descrito em vários memorandos recebidos pelo Comité Organizador (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1985).

O Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1985) referiu que uma lição dos Jogos de Los Angeles que pode ser aplicada para o planeamento de futuros Jogos é a mistura de segurança privada com agentes de autoridade. Por causa dos limites estruturais e fiscais impostos à realização dos Jogos de Los Angeles, os organizadores tiveram de lidar com o financiamento das forças de segurança. Nos Jogos anteriores, proporcionar segurança era responsabilidade da cidade-sede, não de um comité pequeno, impotente e privado. Isto forçou os organizadores a repensar o planeamento de segurança e a procurar maneiras de reduzir os custos excessivamente elevados pagos para proteger Jogos anteriores, sem reduzir a cobertura.

Em Los Angeles, 1984, a regeneração foi mínima, uma vez que o foco era limitar os custos, mantendo o sentido do espectáculo. A estratégia predominante reflecte o facto de que o Comité Organizador controlava os Jogos como uma empresa comercial ao longo de linhas do sector privado, dada a recusa dos contribuintes para pagar o custo. A abordagem global foi actualizar e usar infra-estruturas desportivas e utilitárias existentes (Burbank, Andranovich & Heying, citado por Fussey *et al.*, 2011).

O Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Los Angeles examinou cada posto que tinha de ser segurado para os Jogos e, com o consentimento da polícia, substituiu um agente da polícia por um vigilante de segurança privada, sempre que possível e onde não colocaria em risco o público ou criaria uma situação perigosa. Além de ser um factor importante no grande sucesso da segurança para os Jogos, o sistema de segurança privado beneficiou a segurança geral dos cidadãos do Sul da Califórnia, preservando a polícia local para a mobilização local e manutenção dos níveis normais de segurança. Este foi um factor

significativo para a diminuição de crimes graves na área olímpica, durante o período dos Jogos (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1985).

Segundo o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1985), embora fosse improvável que os organizadores futuros estivessem tão limitados como os organizadores privados de Los Angeles em proporcionar segurança durante os Jogos, deve-se notar que o conceito de segurança privada, além da sua relação custo-eficácia, eleva consideravelmente o visual do evento e reforça a percepção pública de que é um evento desportivo internacional e não um evento de segurança internacional.

No entanto, a chave para o sucesso da operação de segurança dos Jogos foi a cooperação dos órgãos policiais envolvidos, que se uniram para alcançar um objectivo comum e nobre. As autoridades policiais atribuíram os seus melhores funcionários para o projecto inicial. Dado o alto nível da liderança envolvida, tempo suficiente e ideais do evento em si, era inevitável que o produto final fosse bom (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1985).

Para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, observou-se alguma preocupação, nomeadamente relativamente ao policiamento.

1988 - Seul

O dinheiro total gasto com a segurança dos Jogos Olímpicos de Seul foi de 50 147 000 won (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Seul, 1988) (ou aproximadamente 136 mil dólares em preços de 2014). Os Jogos Olímpicos de Seul ocorreram a 40 quilómetros da zona desmilitarizada. O grau de risco de segurança decorrente da condição de divisão territorial era evidente desde o atentado no Aeroporto Internacional de Gimpo, pouco antes dos Jogos Asiáticos de Seul, em 1986, e o bombardeio de um avião da *Air Korean* em 1987. Assim, foram estabelecidos e realizados programas de segurança claros para impedir todas as ameaças possíveis. Para sublinhar a prioridade dada à segurança, "Segurança

Máxima" foi escolhida como um dos cinco objectivos dos Jogos. O comité de segurança nacional elaborou um plano de segurança e esquemas de implementação detalhados. O Comité Organizador pôs o plano em acção, através da formação das forças de segurança, exercícios no local e da sua atribuição gradual a recintos relacionados com os Jogos Olímpicos. A política do Comité Organizador foi de evitar o perigo do terrorismo. Autoridades ligadas à segurança usaram um total de 112 009 trabalhadores em vários locais, para garantir a segurança das delegações e instalações olímpicas. Graças aos preparativos de segurança em todo o país, os programas de segurança dos Jogos foram aclamados por serem os mais marcantes. O então Presidente do COI descreveu a segurança dos Jogos de Seul como "perfeita". O Centro de Controlo e Coordenação de Segurança preparou programas de segurança em 20 áreas, e concebeu e pôs em uso um sistema único no qual centros de segurança foram estabelecidos nos 264 recintos e locais relacionados. Um sistema de assistência e cooperação mútua na investigação manteve-se com vários países e as informações obtidas sobre o terrorismo internacional foram informatizadas. Durante o período dos Jogos, os suspeitos terroristas foram expulsos ou vigiados. O apoio do COI foi fundamental para superar com sucesso as ameaças terroristas internacionais e a agitação interna, resultando na celebração pacífica dos Jogos. O sistema MSR *on-line* (Leitor de Faixa Magnética) possibilitou a triagem rápida e precisa dos cartões de acreditação dos participantes, na altura do controlo de acesso. Um total de 4 465 peças de equipamento de segurança de 10 tipos, incluindo *scanners* de raio-X, foi garantido. No entanto, foi apontado que a presença de vigilantes era muito óbvia para o público. Também foi observado que a classificação excessiva de áreas de controlo de acesso causou transtornos para o pessoal da operação e outros funcionários dos Jogos no desempenho das suas funções.

Segundo Fussey *et al.* (2011), a segurança dos Jogos de Seul contou com diplomacia do COI, suporte Naval dos Estados Unidos e vigilância de mobilidades. Nos Jogos Olímpicos de Seul, as inovações incluíam a supervisão das mobilidades: os atletas necessitavam de transportar os cartões de identificação incorporados com tiras magnéticas codificadas que

poderiam, então, ser verificadas pelos sensores nos recintos olímpicos (Cottrell, citado por Fussey *et al.*, 2011).

Foi compreendido um sistema de CFTV, para prevenir o terrorismo e monitorizar possíveis ameaças de sabotadores a atletas, funcionários, figuras relacionadas e principais instalações, em locais de competição e locais de funções. O equipamento mobilizado para o sistema de CFTV incluiu 228 câmaras de televisão, 295 monitores, 138 gravadores de vídeo e 41 projectores, totalizando 702 itens (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Seul, 1988).

De notar que estes foram os primeiros Jogos Olímpicos a realizar uma acção militar de grande dimensão, verificando-se uma preocupação acrescida com o terrorismo, principalmente, devido ao clima instável do país.

1992 - Barcelona

Segundo o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Barcelona (1992), o orçamento para a segurança dos Jogos Olímpicos de Barcelona aprovado pelos órgãos governamentais foi de 4 671 milhões de pesetas (aproximadamente 60 milhões de dólares em preços de 2014). O programa de segurança incluía as despesas relacionadas com a segurança interna das instalações desportivas, das vilas olímpicas e de centros de apoio, em termos de serviços de vigilância (2 561 milhões de pesetas) e sistemas de segurança electrónica (1 256 milhões de pesetas). Os Jogos Olímpicos de Barcelona contaram com um total de 21 116 recursos humanos para a segurança.

A Comissão Superior de Segurança Olímpica (CSSO), constituída em 15 de Junho de 1987, com o Secretário de Estado da Segurança como presidente, ficou encarregada de dirigir, planear, preparar e executar a operação de segurança (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992).

O Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Barcelona (1992) referiu que, em 1988, a CSSO e o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Barcelona criaram um Gabinete Técnico de Segurança que analisou os precedentes de outros Jogos e observou os Jogos de Inverno e de Verão das Olimpíadas de Calgary e Seul. No final do ano, propôs um modelo de segurança para os Jogos da XXV Olimpíada. O modelo era um sistema integrado de planos e recursos públicos e privados, sob a autoridade da CSSO, uma vez que a segurança olímpica envolveu a participação de diferentes forças e organismos (a Polícia Nacional, a Guarda Civil, os *Mossos d'Esquadra* (polícia catalã), a polícia da cidade de Barcelona, as forças policiais locais, o Exército, a Força Aérea e a Marinha). Assistiu-se a uma maior militarização nos Jogos Olímpicos de Barcelona (Fussey *et al.*, 2011).

O modelo continha uma secção chamada “segurança interna”, que era um conjunto de medidas destinadas a proteger as instalações olímpicas, edifícios e arredores e era da responsabilidade do Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Barcelona, e outra chamada de “segurança”, que abrangia o trabalho dos serviços públicos de diferente forças, como a Guarda Civil e a Polícia Nacional, no âmbito das suas competências (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992).

Foram observadas preocupações com o terrorismo nas medidas de segurança para os Jogos Olímpicos de Barcelona, tendo sido referido publicamente que estavam a ser tomadas todas as precauções (El Mundo Deportivo, 1991, 17 de Setembro).

1996 - Atlanta

O gasto com a segurança para os Jogos Olímpicos de Atlanta foi de 32 743 mil dólares (ou aproximadamente 49 milhões de dólares em preços de 2014) e os Jogos contaram com 17 274 recursos humanos para a segurança (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Atlanta, 1997).

O Comité dos Jogos Olímpicos de Atlanta foi necessário para facilitar a coordenação da função de segurança entre as mais de 40 autoridades e os órgãos de segurança pública, incluindo polícias e militares, empresas de segurança contratadas e pessoal de segurança do Comité dos Jogos Olímpicos de Atlanta. A complexidade de tal tarefa foi reconhecida nos objectivos que nortearam o processo de planeamento: realizar a segurança de uma forma que permitisse que os atletas concretizassem os seus sonhos olímpicos e que os espectadores apreciassem as competições; montar uma grande força profissional de pessoal de segurança em tempo de Jogos, que fosse bem treinada, pró-activa e muito visível, mas discreta; e usar a tecnologia para o máximo possível, para facilitar a comunicação rápida e a coerência dos métodos e procedimentos. A Segurança do Comité dos Jogos Olímpicos de Atlanta controlava os esforços para segurar as áreas dentro de locais controlados pelo Comité dos Jogos Olímpicos de Atlanta, aplicava políticas e procedimentos do Comité dentro dessas instalações e protegia todos os activos do mesmo. O desafio de oferecer procedimentos de segurança consistentes, para o uso por mais de 40 autoridades diferentes em locais dispersos e muito concentrados, necessitou de um grau significativo de planeamento e cooperação. Devido ao número de locais e às suas localizações, profissionais experientes coordenaram operações de segurança em cada local e foram os principais responsáveis para a resolução de problemas em locais remotos. As autoridades foram responsáveis por tarefas como fazer detenções, conduzir investigações criminais e dispor protecção e capacidade de resposta a emergências. O Departamento de Segurança do Comité dos Jogos Olímpicos de Atlanta também dirigiu o controlo de acesso e a protecção de activos, que envolveu a vigilância e controle da movimentação de materiais para dentro e para fora das áreas. O FBI foi responsável pela recolha e difusão de informações, e pela resposta táctica a incidentes de terrorismo. O Gabinete de Emergências participou com o FBI na luta contra o terrorismo. O Departamento de Transportes trabalhou com agências de segurança para se preparar para qualquer terrorismo ou desastres relacionados com o transporte. O departamento também instalou equipamentos inovadores para detectar explosivos no aeroporto. Nas Vilas dos atletas e outras áreas de alta segurança, equipas SWAT, treinadas especificamente para repelir qualquer ataque terrorista, estavam presentes

como uma força de emergência (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Atlanta, 1997).

Os Jogos Olímpicos de Atlanta defrontaram conflitos entre agências de segurança. Esses conflitos adquiriram ainda mais ressonância devido ao carácter descentralizado do planeamento olímpico geral de Atlanta. Observaram-se tensões entre o Comité Organizador e a coligação de segurança, as autoridades estaduais e as federais, e as autoridades federais e os militares. Houve disposições de segurança descentralizada, posteriormente criticadas e abandonadas (Fussey *et al.*, 2011).

Abordagens ao papel potencial que profissionais de construção de ambientes urbanos poderiam desempenhar para proteger cidades do terror não foram consideradas para os Jogos de Atlanta por várias razões, incluindo o custo e o facto de que novos espaços estavam já em construção no início da década de 1990, sendo que as soluções que deveriam ser implementadas na fase do processo de *design* não eram viáveis. Ao invés de usar soluções de *design* permanente, a estratégia foi de policiar o terrorismo usando 20 000 militares e polícias, e 5 000 seguranças voluntários desarmados (Richards *et al.*, 2011). O planeamento de segurança também tentou cobrir todos os ângulos possíveis com policias em patrulha, mergulhadores, helicópteros e dispositivos de alta tecnologia como crachás de identificação com chips de computador (Macko, citado por Richards *et al.*, 2011).

2000 - Sydney

Para a segurança dos Jogos Olímpicos de Sydney, foram gastos 41,5 milhões de dólares australianos (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Sydney, 2001) (ou aproximadamente 57 milhões de dólares em preços de 2014).

De acordo com o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Sydney (2001), como no caso da tarefa de transporte, medidas de segurança para Jogos Olímpicos geralmente diminuem a visibilidade de qualquer operação anterior em tempo de paz num país de

acolhimento. Ainda assim, assim como com o transporte, a segurança é um dos principais elementos de apoio de toda a operação dos Jogos.

Os documentos de candidatura de Sydney incluíam garantias do primeiro-ministro, do Premier de Nova Gales do Sul e dos Comissários da Polícia Federal e da de Nova Gales do Sul, para uns seguros Jogos Olímpicos de Sydney, 2000 (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Sydney, 2001).

O desenvolvimento de um modelo de segurança olímpica exclusivo para a Austrália foi discreto mas eficaz, de acordo com as expectativas da comunidade (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Sydney, 2001).

Apesar da imunidade de um grande ataque terrorista desde 1986 (Sadlier, citado por Fussey *et al.*, 2011), os eventos em Atlanta incentivaram os planeadores de segurança para os Jogos Olímpicos de Sydney, 2000, a colocar um foco intenso na violência política (Fussey *et al.*, 2011).

O Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Sydney (2001) referiu que todos os locais foram revistados para detectar explosivos antes do “bloqueio” para uso dos Jogos, quando o sistema de acreditação foi activado, as patrulhas de segurança aumentaram e os sistemas de segurança foram activados, com a triagem de pessoal apoiada por detector de metais e a busca de veículos realizadas.

Durante o período dos Jogos Olímpicos, cerca de 2 500 funcionários da polícia de Nova Gales do Sul e equipas de inactivação de bombas das Forças de Defesa Australianas, com 50 cães especialmente treinados, realizaram mais de 500 tarefas de pesquisa operacional em instalações olímpicas, zonas urbanas e em barcos no porto de Sydney (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Sydney, 2001).

De acordo com o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Sydney (2001), o *Protective Security Coordination Centre* forneceu assessoria política e formação sobre segurança protectora e coordenação dos programas nacionais de protecção e segurança, luta contra o

terrorismo e protecção de dignitários. Houve uma ênfase na biossegurança (Fussey *et al.*, 2011).

2004 - Atenas

O número total de pessoal contratado directamente ou indirectamente na segurança dos Jogos Olímpicos, por autoridades de segurança e as agências envolvidas, em toda a Grécia, foi de 70 000 pessoas. O número total de pessoal contratado em funções puramente de segurança olímpica durante a fase operacional ascendeu a 34 737 funcionários, dos quais 19 722 eram da Polícia Helénica, 1 644 da guarda costeira, 1 549 do corpo de bombeiros, 10 550 das forças armadas, bem como 1 272 voluntários do Comité Olímpico de Atenas, dedicados a apoiar o sector de segurança (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Atenas, 2004).

A operação de segurança de Atenas (2004) custou 1 500 milhões de dólares (americanos) (Coaffee & Fussey, citado por Richards *et al.*, 2011).

Apesar de ser o menor país a hospedar Jogos Olímpicos desde a Finlândia em 1952, as Olimpíadas Gregas de 2004 definiram o mais caro, elaborado e abrangente programa de segurança já implementado nos Jogos. A primeira Olimpíada de Verão pós-11 de Setembro fornece um exemplo do paradigma de “segurança total”, aumentando muito os custos de segurança de Sydney no projecto de segurança ateniense. Em parte, um pouco deste quadro sem precedentes pode ser contabilizado pela infra-estrutura de segurança limitada existente no momento da candidatura (quando comparada com Londres ou Pequim), ainda assim, as mais directas causas desse custo podem ser identificadas como as percepções de vulnerabilidade e a procura por protecção pós-11 de Setembro, além das tecnologias de vigilância (Richards *et al.*, 2011; Fussey *et al.*, 2011).

O sistema de vigilância ateniense foi de grande escala. O desenvolvimento principal foi o “C4I” (Comando, Controlo, Coordenação, Comunicações e Integração), um programa que

compreende uma rede de 29 subsistemas implementados pela Corporação Internacional de Aplicações Científicas (SAIC). Grande parte do foco central deste sistema foi na comunicação entre os 135 centros de comando e a díspar gama de vigilantes. Das disposições explicitamente relacionadas com vigilância, os 35 recintos olímpicos e infra-estruturas nacionais críticas foram observados por um conjunto de milhares de câmaras de CFTV, pelo menos uma a cada 50 metros em instalações olímpicas (Richards *et al.*, 2011; Fussey *et al.*, 2011).

De acordo com o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Atenas (2004), qualquer ataque terrorista pode causar não só o cancelamento dos Jogos, mas também a exposição internacional do país de acolhimento. Consequentemente, somente as circunstâncias políticas já poderiam fornecer as bases para motivos urgentes e imprevistos, não devido a um padrão por parte do Comité Olímpico de Atenas, que foi obrigado a tomar todas as medidas necessárias para assegurar a hospedagem tranquila dos Jogos Olímpicos. A hospedagem segura dos Jogos Olímpicos era o resultado de um trabalho sistemático, um projecto colectivo que foi bem-sucedido devido à acção coordenada de todos os organismos competentes a participar neste esforço nacional. Todos os parâmetros foram analisados; mudanças no clima da segurança internacional foram tidas em conta, as ameaças mais recentes foram avaliadas e todas as possibilidades e alternativas para combater estas foram antecipadas. O trabalho foi realizado metodicamente durante quatro anos e incorporou toda a experiência internacional e perícia desenvolvida com base nos novos eventos no ambiente de segurança contemporâneo. O planeamento de segurança para os Jogos Olímpicos de Atenas 2004 provou ser abrangente e apropriado, e criou um novo "modelo de segurança" para eventos deste calibre. Para cada local, de competição olímpica ou não, um plano operacional especial foi elaborado com o objectivo de dissuadir, identificar e repelir qualquer possível criminoso ou acto terrorista no local ou área urbana em torno do local.

O pós-11 de Setembro elevou a consciência da ameaça do terrorismo internacional para a União Europeia e a candidatura grega bem-sucedida para as Olimpíadas de 2004 levou o Conselho da União Europeia a elaborar um manual para a cooperação entre Estados-

Membros, a fim de evitar actos terroristas nos Jogos Olímpicos e noutros eventos desportivos comparáveis (Richards *et al.*, 2011).

Como já foi referido, assistiu-se a um controlo de alto nível com técnicas de verificação invasivas (Taylor & Toohey, 2007), sendo de notar que os ataques terroristas do 11 de Setembro criaram a segunda maior intensificação da segurança olímpica (Albuquerque, 2012, 27 de Julho).

2008 - Pequim

De acordo com o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Pequim (2010), o Ministério da Segurança Pública da República Popular da China e a Secretaria de Segurança Pública Municipal de Pequim trabalharam para garantir uns tranquilos Jogos Olímpicos em Pequim e para criar um ambiente seguro para as delegações CON, membros da família olímpica, profissionais de *media* e espectadores de todo o mundo. Durante os eventos de teste de “Boa Sorte Pequim”, foram efectuados ajustamentos ao sistema de comando de segurança, com responsabilidades delegadas no Centro de Comando de Segurança, na polícia armada e no exército, em relação a sectores de emergência, assistência médica e operações de combate ao terrorismo. O departamento de segurança do Comité Organizador e dos Jogos Olímpicos de Pequim ofereceu treino para pessoal de segurança para conhecimento olímpico, terminologia técnica, antiterrorismo e anti-distúrbios, controle de fogo, gestão do tráfego e resposta a emergências. Palestras, estudos de caso e exercícios de campo foram conduzidos para construir um corpo de segurança de empreendedorismo e profissionalismo.

Após a nomeação de Pequim para receber os Jogos de 2008, as autoridades chinesas aceleraram a sua aquisição de aparelhos de alta tecnologia de segurança. Isso permitiu a implementação de medidas de vigilância tecnologicamente avançadas durante os Jogos, incluindo o uso de etiquetas de identificação por radiofrequência (RFID) em ingressos para eventos-chave (tais como as cerimónias de abertura) para permitir que os movimentos dos

titulares fossem monitorizados. No entanto, a ênfase principal era sobre o desenvolvimento de redes de CFTV (Richards *et al.*, 2011; Fussey *et al.*, 2011).

O Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Pequim realizou intercâmbios com mais de 30 organizações em todo o mundo, incluindo o COI, a Organização Internacional de Polícia Criminal (Interpol), a Organização para Cooperação de Xangai e sectores de segurança dos Estados Unidos da América e do Reino Unido, e alcançou um consenso com elas na cooperação de segurança, compartilhamento de informações, antiterrorismo e anti-distúrbios. Também manteve contacto com embaixadas estrangeiras na China e sectores de segurança de vários países, a fim de partilhar informações. A Interpol anunciou que uma linha directa seria criada durante os Jogos com o Centro de Comando de Segurança dos Jogos Olímpicos de Pequim, para troca de informações. A Interpol também ajudaria a China a rastrear terroristas internacionais e *hooligans* do futebol, através do seu banco de dados global de passaportes perdidos e roubados. A mesma decidiu enviar um painel de suporte especial para a China, para ajudar com estas operações (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Pequim, 2010).

O Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Pequim e departamentos do governo fizeram planos de acção de emergência, para prevenir ataques terroristas relacionados com os alimentos. Serviços e gestão de segurança foram combinados para criar um ambiente seguro e harmonioso em instalações olímpicas (Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Pequim, 2010).

2012 - Londres

De acordo com o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres (2013), criar um ambiente seguro para os Jogos foi crucial para permitir uma atmosfera de celebração na cidade sede. Este foi um desafio particular em Londres, onde o nível de ameaça foi maior do que para qualquer sede anterior. A estratégia de segurança do LOCOG neste clima foi baseada no risco, afastando-se de uma abordagem única para a segurança dos Jogos com o

entendimento de que diferentes locais apresentam diferentes níveis de ameaça. Um conceito de projectar segurança foi introduzido pela primeira vez em Londres, com medidas anti-terror incorporadas nos planos locais desde o início. A mesma fonte referiu que cumpriu as suas três principais promessas da candidatura relacionadas com a abordagem de segurança dos Jogos:

- 1) A prestação de serviços de segurança eficazes em tempo de Jogos. Os visitantes do Parque Olímpico e outros locais foram monitorizados apenas uma vez no perímetro do local.
- 2) Ser coerente e coordenada. Estruturas robustas foram desenvolvidas para gerir a escala do esforço de policiamento, que reuniu as forças de todo o Reino Unido. Um factor-chave de sucesso estava relacionado com os papéis e responsabilidades no processo de planeamento. Uma integração com agências externas foi estabelecida desde o início.
- 3) Integrar a segurança em todos os aspectos do planeamento dos Jogos. A direcção de segurança do LOCOG trabalhou com áreas funcionais em toda a organização para assegurar que medidas de segurança fossem implementadas em tudo desde a concepção e distribuição de bilhetes até à restauração, limpeza e, especialmente, logística em tempo de Jogos.

Pela primeira vez, um treino de segurança básico foi fornecido a cada membro da força de trabalho dos Jogos, incluindo os 70 000 *Games Makers*. Da mesma forma, o LOCOG abriu novos caminhos na introdução de reuniões mensais de segurança com parceiros comerciais. O LOCOG enfrentou um desafio bem divulgado, com o fracasso do seu parceiro comercial para recrutar a quantidade contratada de vigilantes de segurança em tempo de Jogos. No entanto, medidas de contingência robustas e a simpatia e profissionalismo das forças armadas do Reino Unido asseguraram que a operação de segurança ficasse entre os grandes sucessos de Londres 2012 (LOCOG, 2013).

O modelo habitual de planeamento de segurança olímpica centra-se na restrição de acesso e regulamentação do espaço em, e em torno de, instalações-chave. Até os Jogos em Londres,

em 2012, pouco tinha sido feito para utilizar princípios de desenho urbano e materiais resistentes para reduzir os riscos de carros-bomba nas cidades-sede. Para os Jogos de 2012 e dada a “guerra ao terror” em curso e as exigências de um ambiente seguro, o *design* tornou-se um componente-chave da preparação de segurança em e ao redor do principal local olímpico em Stratford. Com as práticas de gestão de risco na organização dos Jogos, Londres 2012 talvez pudessem ser as primeiras Olimpíadas baseadas no risco em termos dos seus princípios de organização e da grande variedade de estratégias postas em prática para gerir e mitigar os riscos associados à realização e preparação dos Jogos em todo o programa olímpico, englobando política, infra-estrutura, segurança, finanças e funções legais. No entanto, o ambiente pós-11 de Setembro e, posteriormente, pós-7 de Julho trouxeram desenvolvimentos importantes na luta contra o terrorismo no Reino Unido que forneceram o contexto subjacente para a segurança dos Jogos Olímpicos em 2012 (Richards *et al.*, 2011).

Uma gama de novas medidas de segurança formais e informais, orientadas para a vigilância humana e não humana, foram tomadas nas áreas do leste de Londres. Embora estes espaços se tenham tornado patrulhados por tecnologias contemporaneamente avançadas, temas padronizados preexistentes de segurança prevaleceram. Estes incluem a implementação de tecnologias cada vez mais sofisticadas, policiamento privado extensivo, um compromisso de tolerância-zero em modelos de policiamento, programas de militarização metropolitana, dificultar alvos e arquitecturas de espaços protegidos (Fussey *et al.*, 2011).

Principais inovações/características dos sistemas de segurança pós-Munique:

1976	Segurança total; espaços segregados; CFTV; corredores de transporte isolados; segurança militarizada (Fussey <i>et al.</i> , 2011)
1980	Policiamento de tolerância-zero; ordens de exclusão (Fussey <i>et al.</i> , 2011)
1984	Policiamento privado em grande escala (Fussey <i>et al.</i> , 2011)
1988	Supervisão de mobilidades (Fussey <i>et al.</i> , 2011)
1992	Militarização acrescida (Fussey <i>et al.</i> , 2011)
1996	Segurança descentralizada (Fussey <i>et al.</i> , 2011)
2000	Enfâse na biossegurança (Fussey <i>et al.</i> , 2011)
2004	Sistema de vigilância “C4I”; aumento do custo de segurança (Fussey <i>et al.</i> , 2011)
2008	Aparelhos de alta tecnologia de segurança, como o uso de etiquetas de identificação por radiofrequência e o desenvolvimento de redes CFTV (Fussey <i>et al.</i> , 2011)
2012	Conceito de projectar segurança; treino de segurança para todos os trabalhadores; espaços protegidos, devido ao <i>design</i> urbano e aos materiais utilizados; planos baseados no risco (LOCOG, 2012; Fussey <i>et al.</i> , 2011; Richards <i>et al.</i> , 2011)

Fonte: O Autor

Principais medidas do sistema de segurança dos Jogos Olímpicos:

Medidas	1972	1976	1980	1984	1988	1992	1996	2000	2004	2008	2012
Orçamento para a segurança (milhões de dólares)	12	---	---	45	---	60	¹ 452	40	² 746	---	919
Custo da segurança (milhões de dólares)	³ 10	5	---	35	136	49	49	57	1 500	---	1 661
Pessoal de segurança	---	17 224	---	---	112 009	21 116	17 274	11 500	70 000	110 000	23 700
Polícias	10 000	5 299	---	3 674	39 795	25 475	14 000	2 500	19 722	---	10 000
Militares	1 023	8 940	---	---	41 835	3 250	3 525	---	10 550	---	18 200
Serviço de informações	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Policiamento Privado	200	2 910	0	18 000	---	---	2 000	---	---	---	6 800 G4S
Voluntários (segurança)	---	0	---	16	745	3 000	8 789	---	---	---	3 000
Bombeiros	---	75	75	20	967	---	---	---	1 549	---	---
Perímetro de Segurança	Cer- ca sim- ples 1,8 m	Cer- ca de ara- me	Cer- ca du- pla 2,5 m	Cer- ca du- pla	Cer- ca eléc- trica	Cer- ca du- pla 2,5 m	Cer- ca du- pla	Cer- ca du- pla	Cer- ca du- pla	Cer- ca du- pla	Cer- ca eléc- trica (4m)
CFTV	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Mísseis terra-ar	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim

Fonte: O Autor

¹ Martz e Deans (1996); ² Terra Networks (2003, 4 de Novembro); ³ Veja (2012)

--- = Dados não observados

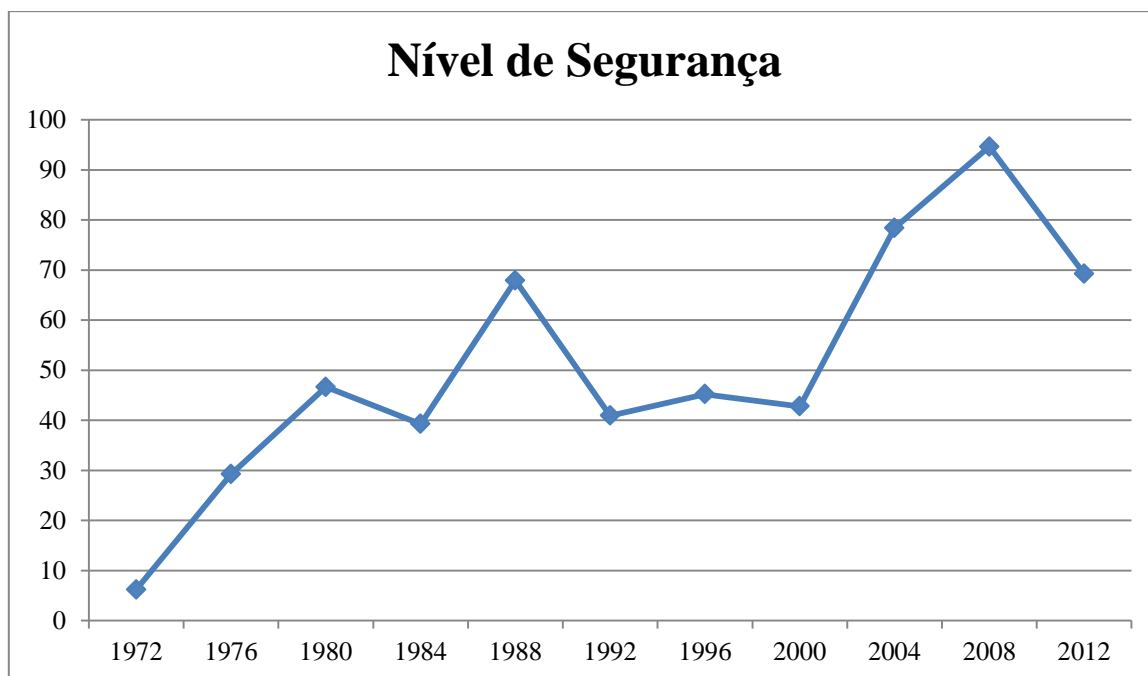
Para determinar um nível de segurança para cada edição dos Jogos Olímpicos, optou-se por fazer a média dos dados apresentados em cada ano. Foi efectuada uma média simples porque se considerou que todas as medidas de segurança têm a mesma ponderação, uma vez que, ainda que se pense que algumas medidas são menos eficazes no combate ao terrorismo, todas devem ter o mesmo grau de importância, pois, como referiram Mangalorkal e Benett (2002), todos os preparativos de um plano para um mega evento, necessitam possuir igual relevância e igual peso.

Medidas	1972	1976	1980	1984	1988	1992	1996	2000	2004	2008	2012
Orçamento para a segurança	1,31	---	---	4,90	---	6,53	49,18	4,35	81,17	---	100
Custo da segurança	0,60	0,30	---	2,11	8,19	2,95	2,95	3,43	90,31	---	100
Pessoal de segurança	---	15,38	---	---	100	18,85	15,42	10,27	62,50	98,21	21,16
Polícias	25,13	13,32	---	9,23	100	64,02	35,18	6,28	49,56	---	25,13
Militares	2,45	21,37	---	---	100	7,77	8,43	---	25,22	---	43,50
Serviço de informações	0	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Policiamento Privado	1,11	16,17	0	100	---	---	11,11	---	---	---	37,78
Voluntários (segurança)	---	0	---	0,18	8,48	34,13	100	---	---	---	34,13
Bombeiros	---	4,84	4,84	1,29	62,43	---	---	---	100	---	---
Perímetro de Segurança	25	50	75	75	100	75	75	75	75	75	100
CFTV	0	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Mísseis terra-ar	0	0	0	0	0	0	0	0	100	100	100
Média	6,18	29,22	46,64	39,27	67,91	40,93	45,21	42,76	78,38	94,64	69,25

Fonte: O Autor

--- = Dados não observados

Uma vez que os dados não se apresentam na mesma medida e nem sempre assumem valores numéricos, os mesmos foram convertidos numa escala de 0 a 100, onde “0” representa a ausência da medida em causa e “100” corresponde ao valor máximo apresentado.

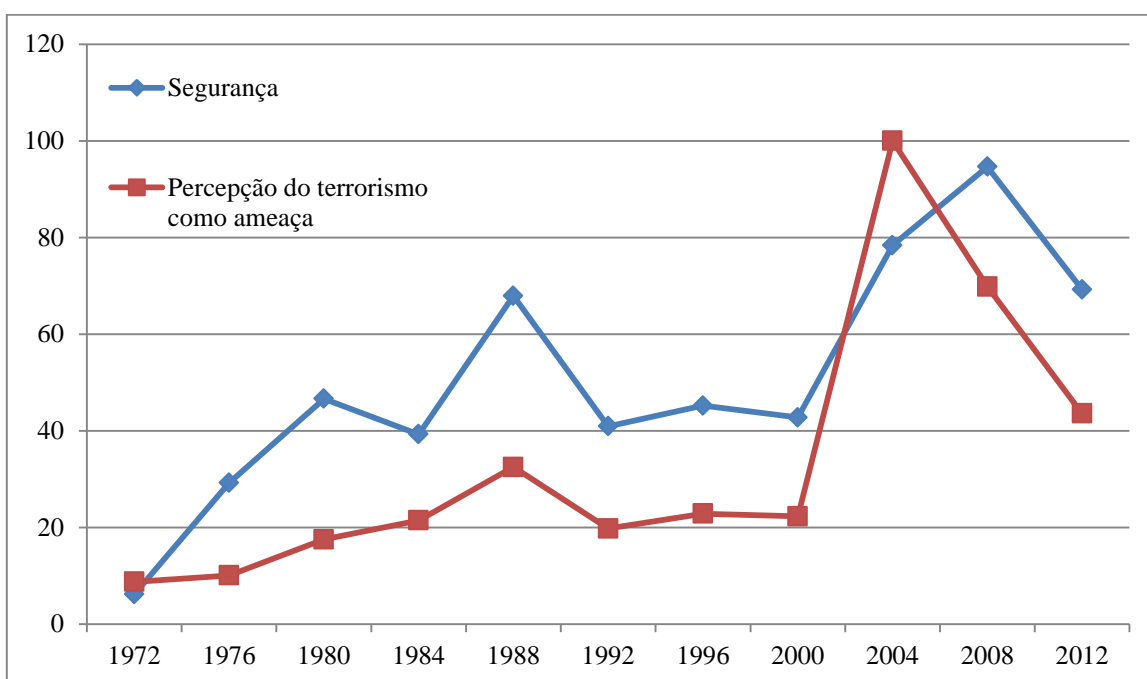


Fonte: O Autor

Como se pode observar a partir do gráfico acima, o nível de segurança nos Jogos Olímpicos tem-se alterado ao longo do tempo. Em geral, a segurança tem aumentado ao longo do tempo, apesar de se observarem dois picos, em 1988 (Seul) e em 2008 (Pequim), e uma pequena diminuição nos Jogos de Los Angeles (1984). No entanto, o maior aumento de uma edição para a seguinte aconteceu de 2000 para 2004, precisamente, o que reflecte a intensificação de segurança pós-11 de Setembro.

4.4.5 - Hipótese 4: Existe um paralelismo entre o nível de percepção do terrorismo como ameaça e o nível de segurança dos Jogos Olímpicos.

Para verificar a quarta hipótese, será efectuada uma comparação entre o nível de percepção do terrorismo como ameaça e o nível de segurança dos Jogos Olímpicos. Para facilitar o processo, em primeiro lugar, importa que os níveis de segurança e de percepção do terrorismo como ameaça se apresentem na mesma escala. Assim, optou-se por passar os dados relativos à percepção do terrorismo para uma escala de 0 a 100, em que “100” representa o valor máximo observado e “0” significa ausência de percepção.



Fonte: O Autor

Como se pode observar no gráfico acima, não existe um paralelismo exacto entre o nível de percepção do terrorismo como ameaça e o nível de segurança. No entanto, os mesmos não diferem muito, uma vez que ambos apresentam níveis mais baixos em 1972 que aumentam até um pico em 1988, excepto o nível de segurança que desce em 1984 (o que pode ser explicado devido ao fraco apoio do Estado para a segurança dos Jogos Olímpicos de Los Angeles); apresentam uma variação semelhante de 1992 a 2000 e o maior aumento é de 2000 para 2004, apesar de o grande pico da segurança ser em 2008, enquanto o da percepção se dá em 2004, talvez por as medidas de segurança para os Jogos Olímpicos de Atenas (2004) já estarem a ser planeadas antes dos ataques de 11 de Setembro e o planeamento de segurança para os Jogos Olímpicos de Pequim ter começado depois dos acontecimentos que mais marcaram a percepção do terrorismo como uma ameaça global.

Considerações Finais

Conclusões

Foi observado que existe uma relação entre terrorismo e Jogos Olímpicos, uma vez que, pelas suas características específicas, este evento é um alvo preferencial dos terroristas. Assim, pode-se concluir que o terrorismo representa uma ameaça para os Jogos Olímpicos, por estes possuírem as características perfeitas para os terroristas atingirem um grande número de pessoas e divulgarem a sua mensagem a nível global, provocando medo/terror em todo o mundo.

Através da avaliação do nível de percepção do terrorismo como ameaça para cada edição dos Jogos Olímpicos (de 1972 a 2012), observou-se que o mesmo não obtém o mesmo valor em todas as edições: a percepção do terrorismo tem-se alterado ao longo dos tempos. Pode-se concluir que a percepção do terrorismo como ameaça varia de acordo com o tempo, uma vez que de quatro em quatro anos o nível de percepção pode assumir diferentes valores, tendo sido verificada a hipótese 2. No entanto, de notar que as edições dos Jogos Olímpicos são realizadas em diferentes cidades de todo o mundo a cada edição. Deste modo, o nível de percepção também varia de acordo com o país ou a cidade que acolhe o evento. Uma vez que as questões políticas são tão importantes para a concretização dos Jogos Olímpicos, como para o fenómeno do terrorismo, deve-se ter esta questão em conta: o facto de a percepção variar de acordo com o tempo está intimamente relacionado com a situação política e as relações internacionais da região onde ocorre o evento, numa determinada época. E, principalmente nos dias que correm, devido ao factor globalização, a situação mundial num determinado ano influencia a variação da ameaça. De notar, também, que, apesar de para o presente trabalho ter sido feita uma estimativa da percepção a nível mundial, diferentes países, regiões e locais podem representar diferentes níveis de percepção num mesmo tempo. Diferentes locais apresentam diferentes características e podem conter diferentes grupos de pessoas, e a representação simbólica dos alvos a atingir

é um factor determinante para o fenómeno terrorista. Assim, a percepção varia de acordo com o tempo e com o espaço, e a determinação de um nível de percepção torna-se difícil e muito subjectiva. Outro ponto que pode ser atentado é que, consequentemente, apesar de ter sido determinado o nível de percepção para um determinado ano, ao longo de um mesmo ano a percepção pode assumir diferentes contornos e, durante o longo período de organização, planeamento e concepção dos Jogos Olímpicos, a percepção pode ir assumindo diferentes valores, como se verificou no grau de ameaça no caso dos Jogos Olímpicos de Londres.

Foi também possível observar que o sistema de segurança dos Jogos Olímpicos tem-se alterado ao longo do tempo, ou seja, de edição para edição. Nem sempre as preocupações com o terrorismo foram evidentes, tendo-se observado uma variação nas preocupações de segurança relacionadas com o terrorismo. Nos Jogos Olímpicos de Munique, a tentativa de realizar um Jogos “despreocupados” não preveniu a ocorrência de um atentado, observou-se que estes não estavam preparados com medidas eficazes contra o terrorismo. Uma vez que este foi o primeiro ataque terrorista nos Jogos Olímpicos, havendo pouca percepção da ameaça (Fussey *et al.*, 2011), não se esperava que viesse a acontecer. Já para os Jogos seguintes, o Massacre de Munique contribuiu para criar a primeira grande intensificação de segurança olímpica, fazendo com que os Jogos Olímpicos de Montreal montassem uma grande operação de segurança. Os Jogos Olímpicos de Seul foram dos primeiros a envolver uma operação militar de grande porte, com grandes preocupações com o terrorismo, principalmente a nível nacional, devido à situação instável entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul. Para os Jogos Olímpicos de Barcelona, foi criada a Comissão Superior de Segurança Olímpica para dirigir, planear, preparar e executar a operação de segurança. O modelo foi baseado nos Jogos anteriores e contou com um sistema integrado de planos e recursos públicos e privados, dividido em segurança e segurança interna. A partir dos Jogos Olímpicos de Atlanta, todos os Jogos contaram com alguma protecção aérea. As preocupações de segurança foram acrescidas, contando com o envolvimento do FBI na protecção contra o terrorismo. Os Jogos Olímpicos de Sydney contaram com um modelo de segurança exclusivo para os mesmos e notou-se a preocupação com o terrorismo, com uma

importância dada à detecção de explosivos. De lembrar que antes dos Jogos Olímpicos de Atlanta uma bomba explodiu no *Centennial Olympic Park*. No entanto, devido ao 11 de Setembro, os Jogos Olímpicos de Atenas sofreram a segunda grande intensificação de segurança olímpica, assistindo-se a um controlo de alto nível com técnicas de verificação invasivas. E, foi observado que a partir do século XXI foi criado um novo "modelo de segurança" para este tipo de eventos, em que as preocupações com a segurança internacional começaram a ser evidentes. Neste contexto, em Atenas começaram a ser elaborados planos para cada local, tendo por base a avaliação das ameaças mais recentes e a antecipação de todas as possibilidades e alternativas para as combater. Para as Olimpíadas de Pequim, foi verificado que foram fornecidas por empresas internacionais, como a GE, a Honeywell, a Panasonic, a Siemens e a IBM, tecnologias de segurança e observou-se uma cooperação com os sectores de segurança dos Estados Unidos da América e do Reino Unido e com Interpol no combate ao terrorismo. Para os Jogos Olímpicos de Londres, observou-se uma grande preocupação com o terrorismo. A estratégia de segurança do LOCOG foi baseada no risco, afastando-se de uma abordagem única para a segurança dos Jogos com o entendimento de que diferentes locais apresentam diferentes níveis de ameaça e foram incorporadas medidas anti-terror nos planos locais desde o início. Pela primeira vez, um treino de segurança básico foi fornecido a cada membro da força de trabalho dos Jogos, incluindo os 70 000 voluntários. Deste modo, verifica-se a hipótese 3. Também o sistema de segurança varia não só com o tempo, mas também com o espaço, que terá influencia na segurança devido a factores como a experiencia do país, os seus recursos, os Comités Organizadores e todas as entidades envolvidas. De notar também que as medidas de segurança estão cada vez mais dependentes da tecnologia e uma vez que a tecnologia tem evoluído ao longo dos tempos, o que era considerado alta tecnologia num determinado ano, em anos seguintes se encontra ultrapassado. Assim, a segurança contra ataques terroristas nos Jogos Olímpicos varia com o espaço e o tempo, e com o avanço tecnológico e os recursos disponíveis a utilizar num dado local e a dada altura.

No caso de Londres, verificou-se que a preparação específica da segurança olímpica foi apreendida pela experiência pré-existente em lidar com a ameaça do terrorismo urbano. A

operação de segurança dos Jogos Olímpicos de Londres foi liderada pela polícia, com 10 000 agentes disponíveis, apoiados por 18 200 membros das forças armadas. Recursos navais e aéreos, incluindo navios situados no rio Tamisa, *Eurofighters* e mísseis terra-ar, foram instalados como parte da operação de segurança; a maior operação de segurança que a Grã-Bretanha tinha enfrentado durante décadas. O número de pessoal das forças armadas foi maior do que a Grã-Bretanha tinha disponibilizado no Afeganistão. Observou-se ainda que para os Jogos Olímpicos de Londres 900 câmaras de vigilância adicionais foram colocadas na cidade e a RAF britânica fez voar um avião não tripulado, equipado com mísseis e bombas, pela primeira vez sobre a cidade; e que o 7 de Julho de 2005 levou a planos de segurança ainda mais detalhados, que fizeram com que o custo do projecto de segurança inicial passasse de 225 milhões de libras para mais de 1 000 milhões, e à adopção de sistemas de segurança biométricos avançados para controlar multidões e atletas e para investigar suspeitos em toda a cidade. Verificou-se a existência da operação *Mag & Bag* no plano de segurança, envolvendo a passagem dos detentores de bilhetes através de detectores de metais, procurando por explosivos e armas, e a passagem das malas por máquinas de raio-X. Os planos de segurança também incluíam 7 500 soldados e caças da Força Aérea Real em prontidão, em bases aéreas das proximidades, e um porta-helicópteros no rio Tamisa. A polícia dos transportes garantia polícias com metralhadoras no metro durante os Jogos. O MI5 foi crucial para a recolha de informação para frustrar ataques. Foi observado que os Jogos Olímpicos de Londres contaram com cerca de 30 000 polícias civis e militares e 17 quilómetros de cerca eléctrica com quatro metros de altura em volta do Parque Olímpico, e que foi estabelecida pelo governo dos Estados Unidos da América uma central de controlo a operar 24 horas por dia, para apoiar a organização de Londres na monitorização da ameaça terrorista durante as Olimpíadas.

Não foi observada a existência de um paralelismo exacto entre o nível de percepção do terrorismo como ameaça e o nível de segurança dos Jogos Olímpicos. No entanto, os mesmos não apresentam uma variação muito díspar e verificou-se que os acontecimentos terroristas influenciam as medidas de segurança a serem tomadas nos Jogos Olímpicos, uma vez que: depois do Massacre de Munique foi criada a primeira maior intensificação de

segurança olímpica; em 1988 a ameaça terrorista levou à tomada de grandes precauções; para os Jogos Olímpicos de Barcelona foram tomadas todas as providências, sendo de notar que na semana da nomeação da cidade de Barcelona para acolher os Jogos Olímpicos houve um ataque em Barcelona pelo grupo terrorista ETA; poucos meses antes dos Jogos Olímpicos de Sydney as medidas de segurança olímpica foram ampliadas para garantir a defesa contra ataques químicos e biológicos, devido à descoberta de um depósito de armas; os ataques terroristas de 11 de Setembro criaram a segunda maior intensificação da segurança olímpica; e os ataques de 7 de Julho de 2005 levaram a planos de segurança ainda mais detalhados, para os Jogos Olímpicos de Londres.

Os resultados que obtive com esta investigação permitiram verificar novas medidas de protecção contra ataques terroristas nos Jogos Olímpicos de Londres, como a instalação de mísseis terra-ar em complexos habitacionais da cidade, tecnologias avançadas, planeamento baseado na gestão do risco, arquitecturas urbanas projectadas com base na defesa, etc., e contribuíram para saber que o terrorismo veio criar um novo paradigma ao nível da segurança de grandes eventos no século XXI, uma vez que depois dos ataques do 11 de Setembro de 2001 são intensificados os debates teóricos sobre Segurança Internacional, seguindo a orientação da procura pelo conhecimento das alterações de percepção referentes à segurança no mundo inteiro; apareceram estratégias de desestabilização mais radicais e universais que levaram à correcção da compreensão do fenómeno do terrorismo, que aumentou a sua capacidade aos níveis de organização, barbaridade e de novas estratégias de recrutamento, sendo que, desde os ataques terroristas do 11 de Setembro de 2001, a ameaça de terrorismo conduziu a um incremento da segurança em eventos mundiais de grande importância e do gasto com os mesmos, e desde então o conceito de *security* tem sido uma prioridade. Após o 11 de Setembro, a ameaça de terrorismo no mundo é permanente, tendo-se assistido a um forte foco político, público e mediático em ameaças terroristas e estratégias antiterroristas em mega eventos desportivos. E, assim, pode-se concluir que se assistiu a uma inovação na segurança dos mega eventos desportivos, sendo que o terrorismo veio criar um novo paradigma ao nível da segurança de grandes eventos no século XXI. Uma vez que a ameaça terrorista é global e permanente, o paradigma da segurança total tem

que ser enfrentado e encarado de maneira a fazer todos os esforços para a alcançar, independentemente da ameaça terrorista que o país enfrenta aquando da realização de um grande evento desportivo, pois o evento em si possui características (desportivismo, grandeza e mediatização) que elevam a ameaça terrorista para o mais alto nível, possuindo um factor de risco muito elevado se não forem tomadas medidas permanentes que enfrentem esta ameaça que pode assumir um carácter imprevisível. Ou seja, em pleno século XXI, ainda que não se preveja uma elevada possibilidade de um ataque, têm que ser tomadas todas as medidas contra terrorismo, tratando o fenómeno como uma realidade com fortes possibilidades de acontecer. Daí a suposição usada no planeamento dos Jogos de Londres ser a de que os mesmos iriam ser concebidos no contexto de um nível de ameaça terrorista superior ao real.

Deste modo, foi possível saber que o terrorismo altera a segurança dos Jogos Olímpicos, o melhor exemplo de mega eventos desportivos, e, em resposta à pergunta de partida (qual o impacto do terrorismo na segurança dos mega eventos desportivos?), o terrorismo do século XXI tem impacto aos níveis organizacional, político, territorial, comunicacional e económico/financeiro na segurança dos mega eventos desportivos. Sendo a ameaça global, as medidas de segurança devem ser sempre tomadas tendo em evidência conceito de *securiy*, que admite as mais variadas e recentes estratégias para proteger os grandes eventos dos ataques terroristas. Assim, conclui-se que existe uma evolução na exigência de medidas de segurança contra ataques a mega eventos desportivos.

Limitações da Investigação

Existe uma limitação na definição de terrorismo, uma vez que esta tem sofrido alterações ao longo do tempo e ainda hoje difere de autor para autor. Não podendo observar todos os mega eventos desportivos, foi tido como caso de estudo os Jogos Olímpicos de Londres. No entanto, uma vez que o foco do trabalho foi perceber uma alteração nas medidas de

segurança contra ataques terroristas, teve que ser feita uma abordagem a edições passadas. Uma vez que o terrorismo em si tem evoluído, e dado que a primeira edição dos Jogos Olímpicos modernos se realizou em 1896, a investigação limitou-se às edições a partir de 1972, ano em que se observou o primeiro episódio de terrorismo internacional, altura em que os terroristas deixaram de atacar alvos estritamente políticos e em que os grandes eventos se tornam potenciais alvos. A investigação também se limita aos Jogos Olímpicos de Verão, para efeitos de coerência entre as comparações, excluindo-se os de Inverno e os Paralímpicos. A primeira dificuldade surgiu com a avaliação dos graus de percepção do terrorismo. Houve uma primeira tentativa de avaliar os graus de ameaça terrorista, mas esta exigiria estudos em profundidade do assunto. Não possuindo tempo, conhecimentos e meios suficientes, a avaliação tornou-se muito subjectiva e limitada aos dados aos quais o acesso foi possível. No entanto, a percepção do terrorismo como ameaça também está limitada à comunicação social e baseou-se somente em notícias/artigos de quatro jornais/revistas. A determinação de um nível de segurança dos Jogos Olímpicos também é meramente representativa e muito subjectiva, uma vez que não existe um modelo que o permita avaliar e que esta está intimamente relacionada com o avanço tecnológico. Dificilmente se consegue determinar um quadro linear que verifique a existência, ou não, de certas tecnologias nas medidas de segurança das edições dos Jogos Olímpicos analisadas para efectuar uma comparação, uma vez que, não só todos os dados que seriam necessários não se encontram disponíveis, assim como, antes de certas tecnologias serem conhecidas, não se poderia exigir que tivessem sido tomadas medidas de segurança no combate ao terrorismo que as contemplassem. Não obstante, foi possível identificar principais inovações.

De início, o modelo de análise contemplava um guião de entrevista para atletas que estiveram presentes nas diferentes edições dos Jogos Olímpicos, com o objectivo de se conhecer as suas percepções em relação à ameaça terrorista e à segurança dos mesmos. Seria uma mais-valia para o trabalho, no entanto, dada a dificuldade encontrada na obtenção dos contactos dos atletas, num número que pudesse representar uma amostra

significativa, foi considerado inviável, tendo em consideração o tempo disponível para a conclusão da investigação.

Linhas para Futuras Investigações

A constatação do facto de a segurança acompanhar o desenvolvimento tecnológico pode servir para uma futura investigação, incidente no estudo do avanço tecnológico e da sua influência na tomada de medidas de segurança em mega eventos. Também o modo como a percepção do terrorismo varia de país para país e como variam as medidas de segurança no espaço geográfico, tendo em conta factores políticos, económicos, religiosos, etc., por exemplo, podem ser futuras linhas de investigação.

Outra possível investigação poderá abordar as perspectivas de atletas, participantes ou público, em relação ao terrorismo e como as mesmas afectam as suas tomadas de decisão de participar em mega eventos.

Uma investigação semelhante pode ser feita tendo em conta o impacte de outro fenómeno, que não o terrorismo, na segurança de mega eventos desportivos ou de outro tipo de eventos, como, por exemplo, a criminalidade.

Foi também notada uma forte mediatização das medidas de segurança contra terrorismo, nos Jogos Olímpicos de Londres. Será a comunicação social um novo instrumento de dissuasão para terroristas? Será um meio de tranquilizar o público, enquanto potencial consumidor de mega eventos, ao informar que o evento está “mega” protegido contra o terrorismo? A procura por respostas a estas perguntas poderá ser uma abordagem de investigações futuras.

Bibliografia

Adam, K. (2012). At London Olympics, empty seats have organizers scrambling, giving away tickets to children and soldiers. *The Washington Post*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://www.washingtonpost.com/sports/olympics/at-london-olympics-empty-seats-have-organizers-scrambling-giving-away-tickets-to-children-and-soldiers/2012/07/29/gJQA6YVBJX_story.html

Ai, A. L., Evans-Campbell, T., Santangelo, L. K. & Cascio, T. (2006). The traumatic impact of the September 11, 2001, terrorist attacks and the potential protection of optimism. *Journal of Interpersonal Violence*, 21, 689–700.

Albuquerque, C. (2012, 27 de Julho). Londres inicia Jogos Olímpicos com grande esquema de segurança. *Deutsche Welle*. Recuperado em 30 Agosto, 2013 de <http://www.dw.de/londres-inicia-jogos-ol%C3%ADmpicos-com-grande-esquema-de-seguran%C3%A7a/a-16127771>

Allen, J., O'Toole, W., Harris, R., & McDonnell, I. (2008). *Festival & Special Event Management* (4.^a edição). Milton: JohnWiley & Sons Austrália.

Almeida, B. (2001). *O desempenho dos voluntários e profissionais na organização de eventos internacionais: o papel das relações humanas*. Dissertação de mestrado não-publicada, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Anderson, P. (2002). Force and Consent. *New Left Review*, 27, 5-30. Recuperado em 9 Agosto, 2013 de <http://newleftreview.org/II/17/perry-anderson-force-and-consent>

Andrade, J. V. (1995). *Turismo, Fundamentos e Dimensões*. São Paulo: Ática.

Andranovich, G., Burbank, M. & Heying, C. (2001). Olympic cities: lessons learned from mega-events politics. *Journal of Urban Affairs*, 23 (2), 113-131.

Anglesey, S. (2012). Wasteland to Wonderland: Amazing pics of the Olympic Park under construction. *Daily Mirror*. Recuperado em 9 Setembro, 2013 de <http://www.mirror.co.uk/sport/other-sports/athletics/london-2012-amazing-photos-show-1168078>

Ansarah, M. (2000). *Turismo: segmentação de mercado*. São Paulo: Futura.

Appelbaum, S., Adeland, E. & Harris, J. (2005). Management of sports facilities: stress and terrorism since 9/11. *Management Research*, 28 (7), 69–83.

Arantes, O. (2000). Uma estratégia fatal: a cultura das novas gestões urbanas. In Arantes, O., Maricato, E. & Vainer, C., *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes.

Atkinson, M. & Young, K. (2002). Terror games: media treatment of security issues at the 2002 winter Olympic games. *Olympika: The International Journal of Olympic Studies*, 11, 53–78.

Ayora, D., Garcia, E. (2004). *Oraganización de eventos desportivos*. Barcelona: INDE.

Bajpai, K. (2000). Human Security: Concept and Measurement. *Kroc Institute Occasional Paper*, 19 (1).

Baldwin, D. (1997). The concept of Security. *Review of International studies*, 23, 5-26.

Barbosa, J. (2002). O ordenamento territorial urbano na era da acumulação globalizada. In Santos, M., Becker, B. K. (Orgs), *Território Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: Lamparina.

Barbosa, L. G. M. & Zouain, D. M. (2003). Pan-American Games Rio 2007 - Towards a strategy to maximize tourism benefits. In *World Sport Congress*. Barcelona, Espanha.

Barden, M. (2008). London's first Olympics. *BBC Sport*. Recuperado em 24 Agosto, 2013 de <http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/olympics/7361921.stm>

Barreau, G. (2001). Gestão do Risco na Organização de Eventos Desportivos. In Correia, A., Ferrand, A., Monteiro, E., Barreau, G., Madaíl, G., Mata, J., Valério, R. & Serra, S., *Seminário Internacional de Gestão de Eventos Desportivos* (pp. 45-80). Lisboa: CEFD.

Bauer, A., Raufer, X. (2003). *A Globalização do terrorismo*. Lisboa: Prefácio.

Baylis, J. (1997). International Security in the Post-Cold War Era. In Baylis, J & Smith, S. (Ed.), *The Globalization of World Politics*. Oxford: Oxford University Press.

Beard, M. (2011). Revealed: the road signs that will ban drivers from Olympic lanes. *London Evening Standard*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.standard.co.uk/olympics/olympic-news/revealed-the-road-signs-that-will-ban-drivers-from-olympic-lanes-6368234.html>

Bentham, M. & Lydall, R. (2011, 18 de Julho). Dangerous void at top of Met threatens Olympic Security. *London Evening Standard*. Recuperado em 25 Maio, 2013 de <http://www.standard.co.uk/news/dangerous-void-at-top-of-met-threatens-olympic-security-6423136.html?origin=internalSearch>

Bergesen, A. J. (2006). Suicide bombers. *Contemporary Sociology: A Journal of Reviews*, 35, 459-4662.

Bond, A. (2012). The road to nowhere: The most ridiculous example yet of how Olympics lanes are making a farce of driving in London. *Daily Mail*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2174441/London-Olympics-2012-The-ridiculous-example-Olympics-lanes-making-farce-driving-London.html>

Bond, D. (2011). London 2012 Olympic ticket demand passes 20m. *BBC Sport*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/sport/0/olympics/13209306>

Booth, R. (2012). London rooftops to carry missiles during Olympic Games. *The Guardian*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.theguardian.com/sport/2012/apr/29/london-rooftops-missiles-olympic-games>

Bowdin G., Allen J., O'Toole, W., Harris, R., & McDonnell, I. (2006). *Event Management* (2.^a edição). Oxford: Elsevier.

Boyle, P. & Haggerty, K. D. (2009). Spectacular security: Mega-events and the security complex. *Political Sociology*, 3, 257–274.

Bradsher, K. (2007). China finds American allies for security. *New York Times*. Recuperado em 17 Agosto, 2013 de <http://www.nytimes.com/2007/12/28/business/worldbusiness/28security.html>

Brandão, R. G., Lara, R. S. & Portugal, L. S. (2008). Análises das Estratégias para a Melhoria da Acessibilidade e Mobilidade em Eventos Desportivos. *VI Rio de Transportes*, 1 (6).

Brighenti, O., Clivaz, C. Délétroz, N. & Favre, N. (2005). *Sports Event Network for Tourism and Economic Development of the Alpine Space. From Initial Idea To Success: A Guide to Bidding For Sports Events for Politicians and Administrators*. Lausanne, Sentedalp Consortium.

Bristow, M. (2008). China's Olympic security dilemma. *BBC News*. Recuperado em 17 Agosto, 2013 de <http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/7292025.stm>

British Broadcasting Corporation. (2003, 15 de Julho). Olympic bids: The rivals. *BBC Sport*. Recuperado em 24 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/other_sports/3068323.stm

British Broadcasting Corporation. (2004, 18 de Maio). London bid team delighted. *BBC Sport*. Recuperado em 24 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/other_sports/olympics_2012/3725157.stm

British Broadcasting Corporation. (2004, 5 de Julho). Free travel plan for Olympic bid. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/london/3866209.stm

British Broadcasting Corporation. (2004, 9 de Setembro). 2012 Olympic Park gets go ahead. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/london/3639130.stm

British Broadcasting Corporation. (2004, 27 de Outubro). High-speed rail links confirmed. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/kent/3957867.stm

British Broadcasting Corporation. (2004, 8 de Novembro). London reveals Olympic Park plans. *BBC Sport*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/other_sports/olympics_2012/3990319.stm

British Broadcasting Corporation. (2005a, 6 de Julho). Coe promises Olympics to remember. *BBC Sport*. Recuperado em 24 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/other_sports/olympics_2012/4654821.stm

British Broadcasting Corporation. (2005b, 6 de Julho). London beats Paris to 2012 Games. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/sport1/hi/front_page/4655555.stm

British Broadcasting Corporation. (2005c, 6 de Julho). London plan at-a-glance. *BBC Sport*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/olympics/london_2012/4025027.stm

British Broadcasting Corporation. (2006, 9 de Maio). Probe into Olympic land evictions. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/london/4753045.stm

British Broadcasting Corporation. (2006, 14 de Dezembro). Work begins on 2012 Olympic Park. *BBC Sport*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/other_sports/olympics_2012/6179069.stm

British Broadcasting Corporation. (2007, 5 de Abril). Go-ahead won for £77m relief road. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/dorset/6529709.stm

British Broadcasting Corporation. (2008, 11 de Agosto). Essex venue to host 2012 biking. *BBC Sport*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/olympics/london_2012/7554020.stm

British Broadcasting Corporation. (2009, 23 de Abril). Wembley may stage Olympic boxing. *BBC Sport*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/olympic_games/8015377.stm

British Broadcasting Corporation. (2009, 24 de Outubro). Olympics road plans put on show. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/dorset/8323724.stm

British Broadcasting Corporation. (2010, 25 de Maio). Eurostar 'will not stop' at Stratford International. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/news/10154343>

British Broadcasting Corporation. (2010, 4 de Julho). Thames cable car to link 2012 Olympic Games venues. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/news/10501313>

British Broadcasting Corporation. (2011, 24 de Fevereiro). London 2012 Olympic test event schedule unveiled. *BBC Sport*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/olympic_games/london_2012/9397066.stm

British Broadcasting Corporation. (2011, 17 de Março). Weymouth Olympic relief road is opened. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/news/uk-england-dorset-12769307>

British Broadcasting Corporation. (2011, 6 de Maio). 2012 Olympic tickets for 7/7 bomb attack victims. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/news/uk-england-london-13302220>

British Broadcasting Corporation. (2011, 25 de Maio). Extra trains planned for visitors to London 2012 venues. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/news/uk-england-london-13534021>

British Broadcasting Corporation. (2011, 14 de Junho). Olympic tickets offered to UK Armed Forces members. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/news/uk-13758141>

British Broadcasting Corporation. (2011, 26 de Junho). 2012 hopefuls miss out on tickets. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/news/uk-13918958>

British Broadcasting Corporation. (2011, 3 de Julho). 750,000 Olympics tickets sold in 'second chance' round. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/news/uk-14008482>

British Broadcasting Corporation. (2011, 11 de Julho). Olympic tickets on sale in 'second chance' phase. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/news/uk-14066068>

British Broadcasting Corporation. (2011, 13 de Setembro). Osprey Quay Olympic village topping out ceremony. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/news/uk-england-dorset-14896476>

British Broadcasting Corporation. (2011, 14 de Setembro). Olympics 2012: Park and ride schemes for Dorney Lake events. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/news/uk-england-berkshire-14911974>

British Broadcasting Corporation. (2011, 15 de Dezembro). London 2012: 13,500 troops to provide Olympic security. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/news/uk-16195861>

British Broadcasting Corporation. (2012, 2 de Agosto). London 2012 international digest - Day Six. *BBC Sport*. Recuperado em 24 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/sport/0/olympics/19096530>

British Broadcasting Corporation. (2012a, 13 de Agosto). Countries. *BBC Sport*. Recuperado em 24 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/sport/olympics/2012/countries>

British Broadcasting Corporation. (2012b, 13 de Agosto). Olympic Venues. *BBC Sport*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/sport/olympics/2012/venues>

British Broadcasting Corporation. (n.d.). Schedule & Results. *BBC Sport*. Recuperado em 24 Agosto, 2013 de <http://www.bbc.co.uk/sport/olympics/2012/schedule-results/list/football/20120725>

Bruce, I. (2008). RAF drones to be used for 2012 Olympics security. *The Herald*. Recuperado em 17 Agosto, 2013 de <http://www.heraldscotland.com/raf-drones-to-be-used-for-2012-olympics-security-1.872224>

Buhalis, D. (2000). Tourism and information technologies: past, present and future. *Tourism Recreation Research*, 25 (1), 41-56.

Burleigh, M. (2012, 11 de Julho). Prudent pre-emptive measures or massive over-reaction? Terror and the Olympic Games. *Daily Mail*. Recuperado em 24 Maio, 2013 de <http://www.dailymail.co.uk/debate/article-2171920/London-2012-Olympics-terror-fears-Prudent-preemption-massive-overreaction.html>

Buzan, B., Wæver, O. & Wilde, J. (1998). *Security: A new frame work for Analysis*. Boulder: Lynne Rienner.

Buzan, B. (2000). 'Change and Insecurity' reconsidered. In Croft, S. & Terriff, T., *Critical Reflection on Security and Change*. Oxen: Frank Cass.

Buzan, B. & Hansen, L. (2009). *The Evolution of International Security Studies*. Cambridge: Cambridge University Press.

Cabinet Office; Department for Culture, Media & Sport; UK Trade & Investment; Foreign & Commonwealth Office; & Home Office. (2013). Creating a lasting legacy from the 2012 Olympic and Paralympic Games. *Gov.UK*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de <https://www.gov.uk/government/policies/creating-a-lasting-legacy-from-the-2012-olympic-and-paralympic-games>

Campos, C. (2003). *Turismo desportivo: abordagem conceptual e caracterização da procura e da oferta*. Dissertação de licenciatura não-publicada, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Capel, H. (2007). El debate sobre la construcción de la ciudad y el llamado “Modelo Barcelona”. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias sociales*, 11 (233). Recuperado em 5 Agosto, 2013 de <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-233.htm>

Carman, T. (2012). McDonald's Olympian achievement in London: A french fry monopoly and largest fast-food restaurant. *The Washington Post*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://www.washingtonpost.com/lifestyle/style/mcdonalds-olympian-achievement-in-london-a-french-fry-monopoly-and-largest-fast-food-restaurant/2012/07/18/gJQAZ6tQuW_story.html

Carvalhido, C. (2002). *Organização de eventos desportivos*. Dissertação de licenciatura não-publicada, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Cashman, R. (1999). *Olympic countdown; diary of the Sydney olympics*. Sydney: Walla Walla Press.

Chalip, L. (2006). Towards a distinctive sport management discipline. *Journal of Sport Management*, 20 (1), 1–21.

Chalkley, B. & Essex, S. (1999). Urban development through hosting international events: a history of the Olympic Games. *Planning Perspectives*, 14 (4), 369-394.

Comité Olímpico Internacional. (2005). *Report of the IOC Evaluation Commission for the Games of the XXX Olympiad in 2012*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de http://www.olympic.org/Documents/Host_city_elections/2012_OG-Report_of_the_Evaluation_Commission.pdf

Comité Olímpico Internacional. (n.d.). *The Olympic Partner (Top) Programme*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.olympic.org/sponsors>

Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Atenas. (2004). *Official Report of the XXVIII Olympiad* (Vol. 1). Recuperado em 10 Setembro, 2013, do LA84 Foundation Web site: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/2004/or2004aP3.pdf>

Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Atlanta. (1997). *The Official Report of the Centennial Olympic Games* (Vol. 1-2). Recuperado em 10 Setembro, 2013, do LA84 Foundation Web site: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1996/1996v1p2.pdf>
<http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1996/1996v2p2.pdf>

Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Barcelona. (1992). *Official Report of the Games of the XXV Olympiad Barcelona 1992* (Vol. 1-2). Recuperado em 10 Setembro, 2013, do LA84 Foundation Web site: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1992/1992s1p2.pdf>
<http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1992/1992s4p3.pdf>

Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres. (2012). London is ready to host the Olympic Games as excitement builds. *Olympic.org*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.olympic.org/news/london-is-ready-to-host-the-olympic-games-as-excitement-builds/159094>

Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Los Angeles. (1985). *Official Report of the Games of the XXIIIrd Olympiad Los Angeles, 1984* (Vol. 1). Recuperado em 10 Setembro, 2013, do LA84 Foundation Web site: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1984/1984v1pt3.pdf>

Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Montreal. (1978). *Official report of the Games of the XXI Olympiad Montréal 1976* (Vol. 1). Recuperado em 10 Setembro, 2013 do LA84 Foundation Web site: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1976/1976v1p1.pdf>
<http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1976/1976v1p2.pdf>

Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Moscovo. (1981). *Official Report of the Organising Committee of the Games of the XXII Olympiad, Moscow, 1980* (Vol. 2). Recuperado em 10 Setembro, 2013, do LA84 Foundation Web site: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1980/or1980v2pt2.pdf>

Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Munique. (1972). *The official report of the Organizing Committee for the Games of the XXth Olympiad Munich 1972* (Vol. 1). Recuperado em 10 Setembro, 2013, do LA84 Foundation Web site: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1972/1972s1pt1.pdf>
<http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1972/1972s1pt2.pdf>

Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Pequim. (2010). *Official Report of the Beijing 2008 Olympic Games* (Vol. 1-3). Recuperado em 10 Setembro, 2013, do LA84 Foundation Web site: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/2008/2008v1p2.pdf>
<http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/2008/2008v3.pdf>

Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Seul. (1988). *Official Report of the Games of the XXIVth Olympiad Seoul 1988* (Vol. 1). Recuperado em 10 Setembro, 2013, do LA84 Foundation Web site: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1988/1988v1p1.pdf>
<http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1988/1988v1p3.pdf>

Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Sydney. (2001). *Official Report of the XXVII Olympiad* (Vol. 1). Recuperado em 10 Setembro, 2013, do LA84 Foundation Web site:

<http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/2000/2000v1p1.pdf>

<http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/2000/2000v1p2.pdf>

Cooke, M. (2008). Greenwich or Wembley?. *BBC London*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de

http://www.bbc.co.uk/london/content/articles/2008/10/17/greenwich_o2_wembley_feature.shtml

Corke, J. (2012, 17 de Junho). Cops in fear of ‘Munich’ copycat. *Daily Star*. Recuperado em 25 Março, 2013, de <http://www.dailystar.co.uk/news/latest-news/257140/Cops-in-fear-of-Munich-copycat>

Correia, A. (2001). Marketing Estratégico de Eventos Desportivos. In Correia, A., Ferrand, A., Monteiro, E., Barreau, G., Madaíl, G., Mata, J., Valério, R. & Serra, S., *Seminário Internacional de Gestão de Eventos Desportivos* (pp. 9-16). Lisboa: CEFD.

Coubertin, P. (1975) *Memórias Olímpicas*. Laussane: Comité Olímpico Internacional.

Cronin, A. K. (2002). Rethinking sovereignty: American strategy in the age of terrorism. *Survival*, 44 (2), 119-139.

Deloitte Touch Tohmatsu. (2010). Brasil, Bola da Vez. *Deloitte*. Recuperado em 28 Março, 2014, de <http://www.deloitte.com/assets/Dcom-Brazil/Local%20Assets/Documents/Estudos%20e%20pesquisas/Pesquisa%20Brasil%20bola%20da%20vez%20-%20Deloitte%20e%20IBRI.PDF>

Diamint, R. (2003). Terrorismo e democracia nas Américas. *Fórum Interparlamentar das Américas*, pp. 1-13.

DiMaggio, C. & Galea, S. (2006). The behavioral consequences of terrorism: a meta-analysis. *Academic Emergency Medicine*, 13 (5), 559–566.

Diniz, E. (2002). *Compreendendo o Fenômeno do Terrorismo*. Recuperado em 17 Julho, 2013, de <http://pt.scribd.com/doc/132111103/7259139-Diniz-Do-o-Fenomeno-Do-Terrorismo>

El Mundo Deportivo (1991, 17 de Setembro). *Maragall asegura medidas contra el terrorismo en B'92*. Recuperado em 17 Julho, 2013, de <http://hemeroteca.mundodeportivo.com/preview/1991/09/17/pagina-36/1248889/pdf.html?search=juegos%20olimpicos%20londres>

Excel London. (2005). *London 2012*. Recuperado em 25 Agosto, 2012 de <http://www.excel-london.co.uk/mediacentre/pressoffice/london2012>

Ferrand, A. (2001). Gestão da Marca na Organização de Eventos Desportivos. In Correia, A., Ferrand, A., Monteiro, E., Barreau, G., Madaíl, G., Mata, J., Valério, R. & Serra, S., *Seminário Internacional de Gestão de Eventos Desportivos* (pp. 17-34). Lisboa: CEFD.

Fussey, P., Coaffee, J., Armstrong, G., & Hobbs, D. (2011). *Securing and Sustaining the Olympic City: Reconfiguring London for 2012 and Beyond*. Farnham: Ashgate Publishing, Ltd.

GamesBids Staff. (2004). London And Paris Tie In 2012 Bid. *GamesBids*. Recuperado a 24 Agosto, 2013, de <http://www.gamesbids.com/eng/index.php?news=1093970849>

GamesBids Staff. (2005a). Day One Of Paris 2012 Inspection By IOC. *GamesBids*. Recuperado em 24 Agosto, 2013, de <http://www.gamesbids.com/eng/index.php?news=1110389129>

GamesBids Staff. (2005b). Paris, London and New York Get Glowing IOC Reports. *GamesBids*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.gamesbids.com/eng/index.php?news=1118060827>

Garber, N. (2004). Security Counsel: Advice on New Concerns for Event Security. *Special Events*. Recuperado em 9 Julho, 2013, de

http://specialevents.com/mag/meetings_security_counsel/

Gardham, D. (2009). Olympics 'biggest security challenge since WW2'. *Daily Telegraph*. Recuperado em 17 Agosto, 2013, de

<http://www.telegraph.co.uk/sport/othersports/olympics/6562050/Olympics-biggest-security-challenge-since-WW2.html>

Gardner, J. (2012). The Olympic commute... Get ahead of the Games by bike. *London Evening Standard*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de

<http://www.standard.co.uk/lifestyle/london-life/the-olympic-commute-get-ahead-of-the-games-by-bike-7978591.html>

Gibson, O. (2010). London 2012 marathon to finish at The Mall despite East End protests. *The Guardian*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de

<http://www.theguardian.com/sport/2010/oct/04/london-2012-marathon-mall>

Girginov, V. & Parry, J. (2005). *The Olympic Games Explained*. Oxon: Routledge.

Giulianotti, R. & Klauser, F. (2012). Sport mega-events and 'terrorism': A critical analysis. *International Review for the Sociology of Sport*, 47 (3), 307-323.

Goldsmith, H., Phillips, A., Quantick, D., Brown, M. & Beard, M. (2012). London 2012: the experts' view of the Olympic opening ceremony. *The Telegraph*. Recuperado em 24 Agosto, 2013, de <http://www.telegraph.co.uk/sport/olympics/9434563/London-2012-the-experts-view-of-the-Olympic-opening-ceremony.html>

Graham, S. (2010). *Cities under Siege. The New Military Urbanism*. London: Verso.

Graves, K. D., Schmidt, J. E. & Andrykowski, M. A. (2005). Writing about September 11, 2001: exploration of emotional intelligence and the social environment. *Journal of Language and Social Psychology*, 24, 285-299.

Greenberg, S. (2011). The 1948 London Olympics Gallery. *BBC History*. Recuperado em 24 Agosto, 2013, de http://www.bbc.co.uk/history/british/modern/olympics_1948_gallery.shtml

Gursoy, D. & Kendall, K.W. (2006). Hosting Mega Events: Modelling Locals' Support. *Annals of Tourism Research*, 33 (3), 603-623.

Guttmann, A. (1982). *The games must go on: avery brundage and the olympic movement*. New York: Columbia University Press.

Hall, C. (1992). *Hallmark tourist events: impacts, management and planning*. Londres: Belhaven.

Hall, S., Cooper, W., Marciani, L., & McGee, J. (2012). *Security management for sports and special events : an interagency approach to creating safe facilities*. Champaign: Human Kinetics.

Hargreaves, J. (1992). Olympism and nationalism: some preliminary consideration. *International Review for the Sociology of Sport*, 27, 119-135.

Hartley, D. (2009). Stratford's last stand. *BBC Sport*. Recuperado em 25 Agosto, 2013 de http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/olympic_games/7937133.stm

Harvey, D. (2004). *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola.

Häussermann, H. & Siebel, W. (1993). *Festivalisierung der Stadtpolitik. Stadtentwicklung durch große Projekte*. Opladen: Westdeutscher Verlag.

Health & Safety Executive. (1999). *The Event Safety Guide* (2.^a edição). London: Hsebooks.

Henson, M. (2009). Boxing chiefs voice 2012 concerns. *BBC Sport*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/olympic_games/8101822.stm

Hernandez, S., Cohen, J. & Garcia, H. (1996). Resident's Attitudes Towards an Instant Resort Enclave. *Annals of Tourism Research*, 23, 755-779.

Highan, J. (1999). Commentary Sport as Avenue of Tourism Development: An Analysis of Positive and Negative Impacts of Sport Tourism. *Current issues in tourism*, 2 (1), 82-90.

Hoffman, B. (1998). *Inside terrorism*. New York: Columbia University Press.

Hoffman, B. (1999). Terrorism trends and prospects. In Lesser, I. O., Hoffman, B., Arquilla, J., Ronfeldt, D., Zanini, M., & Jenkins, B. M., *Countering the New Terrorism* (pp. 7-38). Santa Monica (CA): Rand.

Home Office. (2010). Olympic cyber security plan to be developed. *Gov.UK*. Recuperado em 17 Agosto, 2013, de <http://www.homeoffice.gov.uk/media-centre/news/olympic-cyber>

Horne, J. (2007). The Four 'Knows' of Sports Mega-Events. *Leisure Studies*, 26 (1), 81-96.

Hughes, C. (2013, 8 de Julho). Cyber “blackout” attack on the London 2012 Olympics revealed. *Daily Mirror*. Recuperado em 17 Julho, 2013, de <http://www.mirror.co.uk/news/uk-news/cyber-blackout-attack-london-olympics-2039257>

Ignatieff, M. (1998). *The Warrior's Honor: ethnic war and the modern conscience*. London: Chatto and Windus.

International Sailing Federation. (2005). *ROGGE Arrives in Singapore*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.sailing.org/news/2930.php>

International Sailing Federation. (2011). *What Is The Weymouth And Portland International Regatta?*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.sailing.org/news/12736.php>

Jenkins, B. M. (1974). *International Terrorism: A New Kind of Warfare*. Santa Monica: Rand Corporation.

Jenkins, J. P. (2012). Terrorism. *Encyclopædia Britannica*. Recuperado em 20 Março, 2013 de <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/588371/terrorism>

Jenkins, S. (2011, 15 de Novembro). Obsessing over security will ruin our 2012 party. *London Evening Standard*. Recuperado em 7 Maio, 2013 de <http://www.standard.co.uk/news/obsessing-over-security-will-ruin-our-2012-party-6368370.html?origin=internalSearch>

Kennelly, M. (2005). *Business as usual: Elite Australian athletes' viewpoints of terrorism post 9/11*. Dissertação de mestrado não-publicada, University of Technology, Sydney, Austrália.

Kim, J. G., Rhee, S. W., Yu, J. C., Koo, K. M. & Hong, J. C. (1989). *Impact of the Seoul Olympic Games on national development*. Seoul: Korea Development Institute.

Klein, A. J. (2005). *Striking Back: The 1972 Munich Olympics Massacre and Israel's Deadly Response*. New York: Random House.

Kolodziej, E. (2005). *Security and International Relations*. Cambridge: Cambridge University Press.

Krüger, A. (1999) The unfinished symphony: a history of the Olympic Games from Coubertin to Samaranch. In RJordan, J. & Krüger, A. (Eds.), *The international politics of sport in the 20th century*. London: E. & F.N. Spon.

Lapouge, (2001). G. Terrorismo foi vencido mas não eliminado. *Estadão*. Recuperado em 7 Agosto, 2013 de <http://www.estadao.com.br/arquivo/mundo/2001/not20011229p30273.htm>

Laqueur, W. (1996). Postmodern terrorism. *Foreign Affairs*, 75 (5), 24-36.

Laqueur, W. (1999). *The New Terrorism: Fanaticism and the arms of mass destruction*. New York: Oxford University Press.

Laqueur, W. (2003). *Una historia del terrorismo*. Barcelona: Paidós.

Larson, J. F. (1991). Commercial imperatives: NBC's construction of the Seoul olympic games opening ceremony. In Landry, F., Landry, M. & Yérles, M. (Eds.), *Sport... The Third Millennium* (pp. 73-78). Quebec: Les Presses de L'Université Laval.

Lawless, J. (2012, 9 de Julho). Residents in bid to stop Olympic missiles on roof. *Madison Press*. Recuperado em 1 Março, 2013 de <http://www.madison-press.com/2012/07/residents-bid-stop-olympic-missiles-roof/>

Lenskyj, H. J. (2002). *The Best Olympics Ever? Social Impacts of Sydney 2000*. New York: State University of New York Press.

Lerner, J. S., Gonzalez, R. M., Small, D. A. & Fischhoff, B. (2003). Effects of fear and anger on perceived risks of terrorism: a national field experiment. *Psychological Science*, 14 (2), 144–150.

Leson, J. (2005). *Assessing and Managing the Terrorism Threat*. Recuperado em 18 Setembro, 2013, de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/bja/210680.pdf>

Lesser, I. O. (1999). Countering the new terrorism: implications for strategy. In Lesser, I. O., Hoffman, B., Arquilla, J., Ronfeldt, D., Zanini, M., & Jenkins, B. M., *Countering the New Terrorism* (pp. 85-144). Santa Monica (CA): Rand.

Lico, F. (2007). *O boicote aos Jogos Olímpicos de Moscou - 1980: uma análise da reação do movimento olímpico brasileiro e internacional*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

London Development Agency. (2005). *LOCOG formally established at first meeting of London 2012 Transition Board*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20120326141511/http://www.lda.gov.uk/news-and-events/media-centre/press-releases/2005/locog-formally-established-at-first-meeting-of-london-2012-transition-board.aspx>

López, A. (1992). *La aventura olímpica*. Madrid: Campamones.

Lynn, G. (2012). Ukrainian Olympic official 'willing to sell tickets to black market'. *BBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.bbc.co.uk/news/uk-england-london-18161743>

Magnay, J. (2012). London 2012 Olympics diary: three countries have failed to send any female athletes. *The Telegraph*. Recuperado em 24 Agosto, 2013, de <http://www.telegraph.co.uk/sport/olympics/9468113/London-2012-Olympics-diary-three-countries-have-failed-to-send-any-female-athletes.html>

Mangalorkal, R. & Benett, A. (2002). As Melhores Práticas de Gestão de Eventos Desportivos. *Marketeer : marketing, comunicação e vendas*, 76.

Maps of World. (2012). *London 2012 Olympic Venues*. Recuperado em 7 Setembro, 2013, de <http://www.mapsofworld.com/olympics/history/london-2012-olympic-venue.html>

Martz, R. & Deans, B. (1996). Nunn Not Surprised by Scare. *Atlanta Journal/Constitution*, p. C7.

Matheson, V. A. (2006). Mega-Events: The effect of the world's biggest sporting events on local, regional, and national economies. *The Business of Sports*, 1 (610), 81-99.

Matias, M. (2008). Os efeitos dos megaeventos esportivos nas cidades. *Turismo & Sociedade*, 1 (2), 175-198.

McTague, T. (2012, 24 de Julho). 'Lone wolf' fears: Olympics chiefs increase security with 1,200 more troops 'to leave nothing to chance'. *Daily Mirror*. Recuperado em 24 Julho, 2013, de <http://www.mirror.co.uk/news/uk-news/london-2012-olympics-chiefs-increase-1163551>

Mellor, N. & Veno, A. (2002). *Planning Safe Public Events Practical Guidelines*. Australia: Commonwealth.

Monteiro, A. (2002). Sobre a distinção entre guerrilha e terrorismo. *Terrorismo: o combate nacional e transnacional*, p. 3.

Monteiro, E. (2001). Processo de Candidatura a um Evento Desportivo: Normas e Procedimentos Fundamentais. In Correia, A., Ferrand, A., Monteiro, E., Barreau, G., Madaíl, G., Mata, J., Valério, R. & Serra, S., *Seminário Internacional de Gestão de Eventos Desportivos* (pp. 35-43). Lisboa: CEFD.

More than the Games. (2010). *Badminton and rhythmic gymnastics agree to London 2012 Wembley move*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://archive.is/WojU>

Moreira, R. (2002). O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In Santos, M. & Becker, B. K. (Orgs), *Território Territórios territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: Lamparina.

Movimento Olímpico. (n.d.a). *Berlin 1936*. Recuperado em 5 Setembro, 2013, de <http://www.olympic.org/berlin-1936-summer-olympics>

Movimento Olímpico. (n.d.b). *London 2012*. Recuperado em 24 Agosto, 2013, de <http://www.olympic.org/london-2012-summer-olympics>

Movimento Olímpico. (2012). *Volunteers: Helping to make the Games happen*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.olympic.org/news/volunteers-helping-to-make-the-games-happen/168630>

Muñoz, F. (2007). Paisajes aterritoriales, paisajes en huelga. In Nogué, J. (Ed.), *La construcción social del paisaje*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.

Murphy, J. & Cecil, N. (2012, 18 de Outubro). Cyber terror threat to top target London 2012 Olympics. *London Evening Standard*. Recuperado em 24 Junho, 2013, de <http://www.standard.co.uk/news/cyber-terror-threat-to-top-target-london-2012-olympics-6525346.html?origin=internalSearch>

Newham London. (n.d.). *The Olympic Park*. Recuperado em 24 Agosto, 2013, de <http://www.newham.gov.uk/2012Games/AboutThe2012Games/TheOlympicPark.htm>

- Novo, G. (2010). Turismo Esportivo – Megaeventos. *Turismo em Pauta*, 2, 45-50.
- Nunes, C. E. (2012). Guia Londres 2012: Locais de Competição. *Planeta Olímpico*. Recuperado em 6 Setembro, 2013, de <http://www.planetaolimpico.com/2012/07/guia-londres-2012-locais-de-competicao.html>
- Nye Jr., J. (2005). *Understanding International Conflicts : An Introduction to Theory and History*. (5.^a edição). New York : Pearson Education.
- Ohmann, S., Jones, I. & Wilkes, K. (2006). The Perceived Social Impacts of the 2006 Football World Cup on Munich Residents. *Journal of Sport and Tourism*, 11 (2), 129-152.
- Ormsby, A. (2010). London Olympics ‘unavoidably attractive’ for cyber attacks. *Reuters*. Recuperado em 17 Agosto, 2013, de <http://uk.reuters.com/article/idUKTRE6AO2QY20101125>
- Owen, T. (2004). Challenges and opportunities for defining and measuring human security. *Human Rights, Human Security and Disarmament, Disarmament Forum*, 3, 15-24.
- Paquette, L. (2002). *Strategy and Ethnic Conflict*. Connecticut: Praeger.
- Payne, M. (2012). How London really won the games. *London Business School*. Recuperado em 24 Agosto, 2013, de <http://bsr.london.edu/lbs-article/673/index.html>
- Pedro, F., Caetano, J., Christiani, K. & Rasquilha, L. (2005). *Gestão de Eventos*. Lisboa: Quimera.
- Pellet, S. (2003). O Desafio da Comunidade Internacional frente ao Terrorismo: A Ambigüidade da Noção de Terrorismo. In L. N. C. Brant (Coord.), *Terrorismo e direito: os impactos do terrorismo na comunidade internacional e no Brasil* (pp. 9-20). Rio de Janeiro: Forense.
- Perl, R. (2006). *Trends in Terrorism*. Washington: Congressional Research Service.

Peters, M., & Pikkemaat, B. (2006). Innovation in Tourism. *Journal of Quality Assurance in Hospitality & Tourism*, 6 (3), 1 – 6.

Pinto, V. (2012). Copa do Mundo de 2014: Um estudo sobre o risco de ocorrência de um atentado terrorista. *SOTAI*. Recuperado em 20 Março, 2014, de <http://www.sotai.com.br/wp-content/uploads/Artigo-Terrorismo.pdf>

Pires, G. (2001). Nota de Abertura. In Correia, A., Ferrand, A., Monteiro, E., Barreau, G., Madañ, G., Mata, J., Valério, R. & Serra, S., *Seminário Internacional de Gestão de Eventos Desportivos* (pp. 5-6). Lisboa: CEFD.

Ponte, C. (2001). Discurso Jornalístico e Cobertura da Problemática da Toxicodependência. In Nelson, T., Cabrera, A., Ponte, C. & Santos, R., *O Jornalismo Português em Análise de Casos*. Lisboa: Caminho.

Preuss, H. (2001). Winners and Losers of the Olympic Games. In Houlihan, B., *Sport and Society* (pp. 23-61). Thousand Oaks: Sage.

Preuss, H. (2008). Impactos Econômicos de Megaeventos: Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos. In DaCosta, D. C., Rizzuti, E., Villano, B. & Miragaya, A. (Ed.), *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério dos Esportes.

Proni, M. (2008). A reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. *Revista Esporte e Sociedade*, 3 (9).

Proni, M., Araujo, L., & Amorim, R. (2008). Leitura econômica dos Jogos Olímpicos: financiamento, organização e resultados. *Desafios do desenvolvimento*, pp. 1-50.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais* (5.^a edição). Lisboa: Gradiva.

Railway Technology. (2011a). *Docklands Light Railway Capacity Upgrading, United Kingdom*. Recuperado em 9 Setembro, 2013, de <http://www.railway-technology.com/projects/docklands/docklands1.html>

Railway Technology. (2011b). *London Olympics Transport Upgrade, United Kingdom*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.railway-technology.com/projects/london-olympics/>

Reisinger, Y., & Mavondo, F. (2005). Travel anxiety and intentions to travel internationally: Implications of travel risk perception. *Journal of Travel Research*, 43, 212-225.

Rex Features. (2012). London 2012 Olympic Games security plans. *The Telegraph*. Recuperado em 9 Setembro, 2013, de <http://www.telegraph.co.uk/news/picturegalleries/uknews/9236773/London-2012-Olympic-Games-security-plans.html?frame=2207106>

Richards, A., Fussey, P., & Silke A. (2011) *Terrorism and the Olympics: Major Event Security and Lessons for the Future*. London: Routledge.

Rise, X. (2010). Uganda bomb blasts kill at least 74. *The Guardian*. Recuperado em 17 Agosto, 2013, de <http://www.guardian.co.uk/world/2010/jul/12/uganda-kampala-bombs-explosions-attacks>

Robinson, S. (2012, 29 de Junho). Lockdown London: the £1bn Olympic security minefield. *London Evening Standard*. Recuperado em 17 Abril, 2013, de <http://www.standard.co.uk/lifestyle/esmagazine/lockdown-london-the-1bn-olympic-security-minefield-7893393.html?origin=internalSearch>

Roche, M. (2006). Mega-events and modernity revisited: globalization and the case of the Olympics. *Sociological Review*, 54 (2), 25–40.

Rogers, S. (2012). London 2012 Olympic sponsors list: who are they and what have they paid?. *The Guardian*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.theguardian.com/sport/datablog/2012/jul/19/london-2012-olympic-sponsors-list>

Rogge, J. & Coe, S. (2012). London 2012: IOC chief Jaques Rogge 'very happy' with Games. *BBC News*. Recuperado em 24 Agosto, 2013, de <http://www.bbc.co.uk/news/uk-19233495>

Romana, H. (2004). O novo modelo do terrorismo islâmico: desafios à análise em informações estratégicas. In Moreira, A. (Coord.), *Informações e Segurança: Livro em Honra do General Pedro Cardoso* (pp. 257-270). Lisboa: Prefácio.

Rothschild, E. (1995). What is Security. *Dædalus*, 124 (3), 53-98.

Rubio, K. (2007). *Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rudzit, G. (2005). O debate teórico em segurança internacional: mudanças frente ao terrorismo?. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 5 (2), 297-323.

Salvador, J. L. (2004). *El deporte en Occidente: historia, cultura y política*. Madrid: Ediciones Cátedra.

Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

Sanz, V. (2003). *Organizacion y Gestion de Actividades Deportivas: Los Grandes Eventos*. Barcelona: INDE.

Schimmel, K. S. (2006). Deep play: sports mega-events and urban social conditions in the USA. *Sociological Review*, 54 (2), 160–174.

Schuster, M., Stein, B., Jaycox, L., Collins, R., Marshall, G., Elliott, M., Zhou, A, Kanouse, D., Morrison, J. & Berry, S. (2001). National survey of stress reactions after the September 11, 2001, terrorist attacks. *The New England Journal of Medicine*, 20 (345), 1507–1512.

Seida, J. (2012). Metropolitan Police and the Royal Marines perform security exercises in preparation for London Olympics. *NBC News*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de

<http://photoblog.nbcnews.com/news/2012/01/19/10192015-metropolitan-police-and-the-royal-marines-perform-security-exercises-in-preparation-for-london-olympics>

Selva, M. (2005). South Africa uses apartheid laws to evict thousands for World Cup. *The Independent*. Recuperado em 17 Agosto, 2013, de <http://www.independent.co.uk/news/world/africa/south-africa-uses-apartheid-laws-to-evict-thousands-for-world-cup-500694.html>

Sémelin, J. (2000). Rationalités de la violence extreme. *Critique Internationale*, 6, 122-175.

Serviço de Segurança MI5. (2006). *Threat Levels*. Recuperado em 12 Setembro, 2013, de <https://www.mi5.gov.uk/home/the-threats/terrorism/threat-levels.html>

Shah, S. and Pallister, D. (2009) Pakistan police claim arrests over gun attack on Sri Lankan cricket team. *The Guardian*. Recuperado em 9 Agosto, 2013, de <http://www.guardian.co.uk/world/2009/mar/04/pakistan-srilanka>

Sheehan, M. (2005). *International Security: An Analytical Survey*. London: Lynne Rienner.

Shifrin, T. (2004). Olympic appeal as volunteer target hit. *The Guardian*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.theguardian.com/society/2004/feb/10/volunteering>

Silvers, J.R. (2008). *Risk Management for Meetings and Events*. Oxford: Elsevier.

Simons, V. & Jennings, A. (1992). *Los señores de los anillos*. Barcelona: Ediciones Transparência.

Solberg, H. & Preuss, H. (2005). Major sporting events – are there any long-term tourism impacts? In Allen, J. (Ed.), *The Impact of Events* (pp. 134–142). Sydney: Australian Centre for Event Management.

Soria, V. (2011). Beyond London 2012: The Quest for a Security Legacy. *RUSI Journal*, 156 (2), 36-43.

Sportsmail Reporter. (2011). Hot ticket! Paralympic sales outshine expectations with many sessions sold out. *Daily Mail*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.dailymail.co.uk/sport/olympics/article-2042556/London-2012-Olympics-Paralympic-ticket-sales-outshine-expectations.html>

Stern, J. (1999). *The ultimate terrorists*. Cambridge: Harvard University Press.

Sudworth, J. (2006). Slum dispute over Commonwealth Games. *BBC News*. Recuperado em 17 Agosto, 2013, de http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/south_asia/5325034.stm

Tavares, O. (2003). *Esporte, movimento olímpico e democracia: o atleta como mediador*. Tese de Doutorado em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

Tavares, O. & DaCosta, L. P. (1999). *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Gama Filho.

Taylor, T., & Toohey, K. (2007). Perceptions of terrorism threats at the 2004 Olympic Games: Implications for sport events. *Journal of Sport and Tourism*, 12 (2), 99-114.

Telegraph staff and agencies. (2012). London 2012 Olympics: volunteers training day at Wembley Stadium as they prepare for Games. *The Telegraph*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.telegraph.co.uk/sport/olympics/9061305/London-2012-Olympics-volunteers-training-day-at-Wembley-Stadium-as-they-prepare-for-Games.html>

Terra Networks. (2003, 4 de Novembro). FBI supervisiona segurança para Atenas 2004. Terra. Recuperado em 1 Março, 2014, de <http://entretenimiento.terra.com.pe/oscar/2009/interna/0,,OI204041-EI2241,00.html>

The Local (2012, 5 de Setembro). *Munich remembers 1972 Olympic victims*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.thelocal.de/national/20120905-44799.html#.UVB72hdA11A>

Tickner, A. (2001). *Gendering World Politics. Issues and Approaches in the Post-Cold Era*. New York: Columbia UP.

Toohey, K. & Taylor, T. (2006). 'Here be dragons, here be savages, here be bad plumbing': Australian media representations of sport and terrorism. *Sport in Society*, 9 (1), 71–93.

Toohey, K. & Taylor, T. (2008). Mega events, fear, and risk: terrorism at the Olympic Games. *Journal of Sport Management*, 22 (4), 451-469.

Topping, A. (2012). Olympics opening ceremony: the view from abroad. *The Guardian*, p. 2. Recuperado em 24 Agosto, 2013, de <http://www.theguardian.com/sport/2012/jul/27/olympics-opening-ceremony-view-from-abroad>

Transport for London. (2010). *Plans unveiled for a new Thames crossing with London's first cable car system*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.tfl.gov.uk/static/corporate/media/newscentre/archive/16125.html>

Transport for London. (n.d.). *East London line extension*. Recuperado em 9 Setembro, 2013, de <http://www.tfl.gov.uk/assets/downloads/corporate/east-london-line-extension.pdf>

Travi, V. (2012). Teleférico de Londres – Emirates Air Line. *Mapa de Londres*. Recuperado em 9 Setembro, 2013, de <http://mapadelondres.org/2012/08/teleferico-de-londres-emirates-air-line/>

Tremlett, G. (2002). ETA bomb targets Real Madrid's stadium. *The Scotsman*. Recuperado em 11 Agosto, 2013, de <http://sport.scotsman.com>

Tuffrey, L. (2012). Olympics regulations force cyclists to dismount. *The Guardian*. Recuperado em 25 Agosto, 2013, de <http://www.theguardian.com/environment/bike-blog/2012/jul/10/olympics-regulations-cyclists>

Valantin, J. (2003). *Hollywood, le Pentagone et Washington – Les trois acteurs d' une stratégie globale*. Paris: Autrement.

Vargas, H., & Castilho, A. (2006). Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados. In Vargas, H. & Castilho, A. (Org.), *Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados*. São Paulo: Manole.

Veja. (2012). Os jogos nunca mais foram os mesmos. *Revista Veja*, 33 (2282), 104-105.

Walker, M. (2012, 16 de Fevereiro). Olympic terror plot to avenge Osama bin Laden. *Daily Star*. Recuperado em 25 Março, 2013, de <http://www.dailystar.co.uk/news/latest-news/235645/Olympic-terror-plot-to-avenge-Osama-bin-Laden>

Webs, M. (2011). Photo Speaks: Venues of The 2012 Olympic Games in London. *Sportales*. Recuperado em 8 Setembro, 2013, de <http://sportales.com/sports/photo-speaks-venues-of-the-2012-olympic-games-in-london/>

Whisenant, W. (2003). Using biometrics for sport management in a post 9/11 era. *Facilities*, 21 (5/6), 134–141.

Williams, J. & Lawson, R. (2001). Community issues and residents opinions of tourism. *Annals of Tourism Research*, 28 (2), 269-290.

Wolfers, A. (1952). "National Security" as an Ambiguous Symbol. *Political Science Quarterly*, 67 (4), 481-502.

Wu, P., Duarte, C. S., Mandell, D. J., Fan, B., Liu, X. & Fuller, C. J. (2006). Exposure to the World Trade Center attack and the use of cigarettes and alcohol among New York City public high-school students. *American Journal of Public Health*, 96, 804–807.

Yapp, R. (2010). Brazil police claim victory in drugs ‘war’. *Daily Telegraph*. Recuperado em 17 Agosto, 2013, de <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/southamerica/brazil/8166143/Brazil-police-claim-victory-in-drugs-war.html>

Yu, Y., Klauser, F. & Chan, G. (2009). Governing security at the 2008 Beijing Olympics. *International Journal of the History of Sport*, 26 (3), 390-405.

Zakus, D. H. (1992). The International Olympic Committee: tragedy, farce and hipocrisy. *Sociology of Sport Journal*, 9, 340-53.

Zitta, C. (2009). *Organização de Eventos, da Ideia à Realidade*. Brasília: Senac-DF.